

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

AS VOGAIS MÉDIAS NA INTERFONOLOGIA PORTUGUÊS - ESPANHOL

Maristela Andréa Teichmann Bazzan

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, em nível de Mestrado, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.  
Área de Concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora

Prof. Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas

2005

*Dedico esta dissertação à professora Carmen  
Lúcia Barreto Matzenauer, que me permitiu  
chegar a este estágio de minha vida profissional,  
e aos meus filhos Luma e Luiz Alberto, razão da  
minha vida.*

## AGRADECIMENTO

À professora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pela orientação cuidadosa, crítica e enriquecedora, pelo incentivo, por ter me mostrado o quanto é “maravilhoso” trabalhar com a fonologia e acima de tudo pela amizade e a confiança em mim depositada.

Aos meus pais Lourdes e Adelino (in memóriam), que sempre foram luz e proteção em meu caminho.

Ao meu esposo Luiz Alberto, pela cumplicidade na realização deste projeto, pela compreensão, amor e auxílio prestado durante a digitação dos dados estatísticos.

À minha filha Luma e ao meu filho Júnior, pela ausência sentida, desejos silenciados, afeto e amor dedicado.

Aos professores do Curso de Mestrado, pela formação, incentivo e carinho prestados, em especial ao Professor Jorge Espiga e ao Professor Paulino Vandresen, que me apoiaram na escolha e na continuidade do estudo do tema da minha pesquisa.

Às colegas Vera e Geni, pela convivência, partilha e amizade.

À minha colega Luciene, pelo fundamental auxílio quanto à utilização do programa do Varbrul.

Às secretárias do Mestrado, Ana, Heloísa e Valquíria, pela gentileza e amabilidade.

À Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, pelas diversas formas de apoio.

Aos alunos da URI, que serviram de informantes para esta pesquisa, pela cooperação dispensada.

A todos os meus familiares, pela compreensão de minha ausência nas horas destinadas ao nosso convívio.

À Rose, pela atenção prestada à minha família.

A Deus, que me concedeu a vida, saúde e forças capazes de renovação a cada dia, sem as quais não poderia ter chegado à finalização deste trabalho.

Minha enorme gratidão.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	vii
LISTA DE QUADROS .....	viii
LISTA DE TABELAS .....	ix
RESUMO .....	x
ABSTRACT .....	xi
RESUMEN .....	xii
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	06
2.1 Aquisição da língua estrangeira.....	06
2.1.1 Terminologias quanto à aquisição da língua estrangeira.....	06
2.1.2 Diferenças entre a aquisição da LM e da LE.....	07
2.1.3 Interlíngua, Transferência e Contato .....	13
2.1.4 Competência lingüística .....	21
2.2 O funcionamento dos sistemas vocálicos.....	22
2.2.1 Considerações preliminares sobre os sistemas vocálicos.....	22
2.2.2 Os sistemas vocálicos do português e do espanhol .....	28
2.2.2.1 O sistema vocálico do português.....	28
2.2.2.2 O sistema vocálico do espanhol .....	33
2.2.3 Diacronia das vogais portuguesas e espanholas .....	36
2.2.3.1 A evolução das vogais em posição tônica .....	38
2.2.3.2 A evolução das vogais em posição átona .....	40
2.2.3.2.1 As vogais pretônicas.....	41
2.2.3.2.2 As vogais postônicas .....	42
2.2.3.3 A diacronia dos hiatos e a sua realização em português e em espanhol.....	43
2.2.3.4 A diacronia dos ditongos e a sua realização em português e em espanhol.....	44
2.3 Pressupostos da Teoria Autossegmental .....	46
2.3.1 A visão autossegmental do sistema vocálico do português.....	50
2.3.2 A visão autossegmental do sistema vocálico do espanhol .....	54
2.4 Considerações sobre a noção de marcação.....	55
2.5 Pressupostos da Teoria da Marcação baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação a proposta de Calabrese.....	57
3. METODOLOGIA.....	64
3.1 Os dados da pesquisa.....	64
3.2 Os informantes.....	65
3.3 Coleta de dados.....	65
3.4 Método de análise.....	66
3.5 Definição das variáveis.....	68
3.5.1 Variável dependente .....	68
3.5.2 Variáveis independente.....	69
3.5.2.1 Variáveis independentes lingüísticas.....	69
3.5.2.2 Variáveis independentes extralingüísticas .....	72
4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	74
4.1 Variável dependente .....	75
4.1.1 Resultados obtidos do cruzamento da variável dependente com as variáveis independentes .....	75
4.1.1.1 Variável independente lingüística “Vogal versus ditongo” .....	75

4.1.1.2 Variável independente lingüística “Nível de adiantamento”.....	76
4.1.1.3 Variável independente lingüística “Tipo de coda seguinte à vogal média” .....	77
4.1.1.4 Variável independente lingüística “Consoante onset da sílaba seguinte” .....	79
4.1.1.5 Variável independente lingüística “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”.....	80
4.1.1.6 Variável independente lingüística “Consoante <i>onset</i> da sílaba da vogal média” .....	81
4.1.1.7 Variável independente lingüística “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média”.....	82
4.2 Amalgamação de fatores .....	83
4.3 Cruzamento de fatores .....	88
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	94
5.1 Ainda sobre a proposta de Calabrese – uma abordagem da fonologia das vogais do espanhol.....	94
5.2 Resultados relacionados às variáveis lingüísticas .....	103
5.2.1 Vogal <i>versus</i> ditongo .....	104
5.2.2 Tipo de coda seguinte à vogal média.....	104
5.2.3 Consoante <i>onset</i> da sílaba seguinte .....	106
5.2.4 Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição na palavra .....	107
5.2.5 Consoante <i>onset</i> da sílaba da vogal média .....	107
5.2.6 Tipo da vogal da sílaba seguinte à vogal média .....	108
5.2.7 Classe de palavra .....	108
5.2.8 Cruzamento das variáveis lingüísticas “Vogal <i>versus</i> ditongo e “Tipo de coda seguinte à vogal média”.....	109
5.3 Resultados relacionados à variável extralingüística relevante na pesquisa.....	109
6. CONCLUSÃO.....	113
7. BIBLIOGRAFIA .....	122
<b>ANEXO 1 – Lista de frases.....</b>	<b>128</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1 – Posição da língua na produção das vogais.....	26
FIGURA 2 – Triângulo articulatório das vogais espanholas.....	35

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Correspondência entre as vogais do latim clássico e do latim vulgar .....	38
--	----



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de línguas relacionado com o número de vogais .....	23
Tabela 2 – Vogais mais comuns nas línguas do mundo.....	24
Tabela 3 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Vogal <i>versus</i> ditongo” .....	76
Tabela 4 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Nível de adiantamento” .....	77
Tabela 5 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Tipo de coda seguinte à vogal média” .....	78
Tabela 6 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Consoante onset da sílaba seguinte” .....	79
Tabela 7 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra” .....	80
Tabela 8 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Consoante <i>onset</i> da sílaba da vogal média” .....	82
Tabela 9 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média” .....	83
Tabela 10– Registro de ocorrência da amalgamação das vogais médias baixas segundo a variável “Consoante onset da sílaba seguinte” .....	84
Tabela 11– Registro de ocorrência da amalgamação das vogais médias baixas segundo a variável “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra.....	86
Tabela 12– Registro de ocorrência da amalgamação das vogais médias baixas segundo a variável “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média” .....	87
Tabela 13– Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Classe de palavra com vogal média na sílaba tônica” .....	88
Tabela 14– Registro de ocorrência das vogais médias baixas com o cruzamento das variáveis lingüísticas “Tonicidade e Vogal <i>versus</i> ditongo” .....	90
Tabela 15– Registro de ocorrência das vogais médias baixas com o cruzamento das variáveis lingüísticas “Vogal <i>versus</i> ditongo e tipo de coda seguinte à vogal média” .....	92

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo cujo objetivo foi a descrição e a análise do processo de aquisição das vogais médias do espanhol por falantes nativos do Português Brasileiro (PB). Os informantes da pesquisa foram aprendizes de espanhol como (LE) Língua Estrangeira em curso de formação de línguas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Para a verificação do comportamento das vogais médias nesse processo de aquisição, consideramos variáveis lingüísticas e, também, extralingüísticas. A análise dos resultados foi fundamentada na Teoria da Marcação Fonológica Baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação, proposta por Calabrese (1988, 1995 e 2004). Os resultados desta investigação, com base nos estudos de Calabrese, permitem que seja defendida a posição de que o espanhol apresenta, em sua fonologia, o sistema de cinco vogais, contendo vogais médias baixas - /i, E, a, □, u/ as quais se tornam médias altas, no nível fonético, em sílabas abertas. A presente pesquisa mostra a tendência dos falantes brasileiros empregarem vogais médias baixas em palavras do espanhol mesmo em contextos em que os nativos dessa língua empregam vogais médias altas.

## ABSTRACT

This research presents a study whose objective was the description and the analysis of the process of the middle vowels acquisition in Spanish by native speakers of Portuguese in Brazil. The informants of the present research have been students of Spanish as a Foreign Language in the Language Department of the Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. To verify the behavior of the middle vowels in this acquisition process, linguistic variables as well as extra-linguistic ones have been taken into consideration. The analysis of the results has been based on the Constraint-Based Theory of Phonological Markedness and Simplification Procedures, proposed by Calabrese (1988, 1995 and 2004). The results of this investigation, based on Calabrese's theory, permit the conclusion that the Spanish language presents a five-vowel system in its phonological system, having mid-low vowels /i, e, a, o, u/ which become mid-high vowels, on a phonetic level, in open syllables. The research also shows the tendency for Brazilian speakers to pronounce mid-low vowels in Spanish words while native speakers of Spanish pronounce them as mid-high vowels.

## RESUMEN

Esta investigación presenta un estudio cuyo objetivo fue la descripción y el análisis del proceso de adquisición de las vocales medias del español por hablantes nativos del Portugués Brasileño (PB). Los informantes de esta investigación fueron aprendices de español (LE) Lengua Extranjera del curso de formación de lenguas de la Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Para la verificación del comportamiento de las vocales medias en ese proceso de adquisición, consideramos variables lingüísticas y, también, extralingüísticas. El análisis del resultado fue basada en la Teoría de la Marcación Fonológica Basada en Restriciones y Procedimientos de Simplificación, propuesta por Calabrese (1988, 1995 y 2004). Los resultados de esta investigación, con base en los estudios de Calabrese, permiten que sea defendida la posición de que el español presenta, en su fonología, el sistema de cinco vocales, abarcando vocales medias bajas - /i, E, a, □, u/ las cuales se tornan medias altas, en el nivel fonético, en sílabas abiertas. La presente investigación muestra la tendencia de los hablantes brasileños emplearen vocales medias bajas en palabras del español incluso en contextos en que los nativos de esa lengua emplean vocales medias altas.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo de qualquer fato lingüístico particular é sempre uma contribuição para o estudo da língua em sua totalidade, bem como para a busca de tendências gerais entre os sistemas lingüísticos, principalmente em se tratando de línguas com uma origem comum, como no caso do português e do espanhol, que surgiram muito próximas, geograficamente, e continuam assim tanto na Europa como na América.

Devido à proximidade tipológica existente entre os dois idiomas, considera-se que o ensino do espanhol a falantes de português tem muito a ser investigado, e o presente trabalho pretende contribuir nesse sentido, voltando-se para o processo de ensino-aprendizagem e para as interfaces existentes nos estudos de Lingüística Aplicada.

O professor de uma Língua Estrangeira (LE) precisa estar ciente de que grande fonte de interferência no aprendizado dessa língua é constituída pelo idioma materno do aluno. O estudante, habituado aos padrões de articulação de sons, de distribuição de fonemas e de seus respectivos alofones, de constituição de estruturas silábicas, de formação de palavras e de relações sintáticas em sua Língua Materna (LM), tenderá a aplicá-los à língua estrangeira, adaptando-a aos padrões lingüísticos que já possui. Assim, a estratégia da transferência é constatada em diferentes componentes do sistema lingüístico, porém é no sistema fonológico e na realização fonética que sua presença é mais comum e fortemente identificada.

A essa transferência da Língua Materna para a Língua Estrangeira, que resulta num sistema lingüístico diferente, construído pelo aprendiz no decorrer do processo de aquisição, denomina-se ‘interlíngua’. A partir desse conceito, chama-se ‘interfonologia’ a interferência do sistema fonológico da LM no funcionamento da fonologia da LE, a qual pode ocorrer nos diferentes estágios de aquisição de uma Língua Estrangeira.

O sistema fonológico do espanhol apresenta diferenças evidentes em se comparando com o do português. Apesar dessa realidade, alunos brasileiros, muitas vezes, confiando no fato de serem línguas próximas, acabam não percebendo as particularidades de cada sistema e o uso que fazem do espanhol, mesmo não prejudicando, em alguns casos, a comunicação, carrega fortes marcas de falante não nativo desse idioma.

Essas diferenças entre o espanhol e o português são encontradas tanto no sistema vocálico como no consonântico, mas é somente o sistema vocálico o foco de estudo da presente pesquisa. Em nível do sistema vocálico, uma diferença que se destaca é, por exemplo, a nasalização fonológica das vogais do português em oposição ao que ocorre no espanhol. Outro fato é a existência de maior número de graus de abertura de vogais no sistema do português em relação ao do espanhol. É exatamente para a questão da altura ou do grau de abertura das vogais e das dificuldades fonético-fonológicas dela decorrente no processo de aquisição de um dos sistemas como LE que está voltado o presente trabalho. Considerando o centro de análise aqui apresentado, merece destaque o fato de que todo estudo sobre vogais é relevante, pois são os segmentos de maior frequência nas línguas do mundo, sendo, portanto, segmentos nucleares no funcionamento dos sistemas fonológicos.

À relevância de uma pesquisa sobre vogais deve aliar-se a constatação de que há poucas investigações que analisem comparativamente as vogais do espanhol e do português, com base em modelos fonológicos atuais. Diante de tal realidade, com base na Teoria da Marcação Fonológica Baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação de Andréa Calabrese (1988, 1995), o objetivo do presente trabalho é analisar o comportamento das vogais médias, durante o processo de aquisição do espanhol como LE por falantes nativos de português brasileiro.

A pesquisadora, enquanto professora de língua espanhola a falantes nativos de português, os quais são também alunos de Curso de Letras, tem constantemente observado

dificuldades na produção das vogais médias do espanhol; os alunos tendem a transferir o sistema de vogais médias do português para o espanhol. Essa constatação evidencia, com transparência, marcas fonológicas da Língua Materna transferidas para a Língua Estrangeira.

Este trabalho, considerando esse fenômeno relativo à sala de aula de LE, busca também fornecer subsídios para a resolução de problemas de que se ocupa a Linguística Aplicada à LE e, ao mesmo tempo, proporcionar ao docente a visão científica de um fenômeno particular – a aquisição das vogais médias do espanhol por falantes nativos de português brasileiro –, que lhe permita uma ação docente mais consciente e eficaz no processo de ensino-aprendizagem da Língua Espanhola como LE.

Ressalta-se a importância deste estudo também para os alunos de Letras, que precisam ser alertados acerca das dificuldades fonético-fonológicas na aquisição do espanhol como LE, para que possam oferecer insumos adequados aos seus futuros discentes e para que possam, com eficácia, desenvolver suas atividades como facilitadores do processo de aquisição do espanhol como LE para falantes nativos do português. Em suma, tanto para o professor quanto para o aluno do Curso de Letras é de fundamental importância um amplo conhecimento dos aspectos fonético-fonológicos da língua materna e da língua alvo para atingir uma proficiência linguística satisfatória.

O recorte determinado para o presente trabalho foi a descrição e a análise do processo de aquisição das vogais médias por falantes brasileiros aprendizes de espanhol como LE em curso de formação de professores de línguas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

Tal descrição visa aos seguintes objetivos parciais:

- Verificar se existe interferência do português na produção das vogais médias do espanhol por brasileiros aprendizes de LE em curso de formação de professores de línguas.

- Verificar os contextos lingüísticos condicionadores da possível criação de uma interlíngua, por interferência do sistema vocálico do português no processo de aquisição do espanhol como LE.

- Verificar se o nível de adiantamento no estudo formal do espanhol como LE é fator condicionador da interferência da LM em alunos de curso de formação de professores de línguas.

- Analisar o fenômeno da interferência do português na aquisição do sistema vocálico do espanhol à luz da teoria proposta por Calabrese (1988, 1995).

- Contribuir para os estudos do espanhol como língua estrangeira a falantes nativos de português.

Esses objetivos foram formulados a partir das seguintes questões norteadoras:

- O sistema vocálico do espanhol e do português diferem apenas pela função das vogais médias. A abertura vocálica das vogais médias é um empecilho fonológico/fonético para falantes de português na aquisição do espanhol como LE?

- Quais são os fatores lingüísticos favorecedores da produção das vogais médias baixas em lugar das médias altas no processo de aquisição do espanhol como LE?

- O nível de adiantamento no estudo do espanhol por falantes brasileiros é fator relevante para a aquisição do sistema vocálico da LE?

- Como é explicado o processo de aquisição do sistema vocálico do espanhol por falantes nativos de português, de acordo com a Hierarquia de complexidade de segmentos, proposta por Calabrese (1988, 1995)?

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos. O primeiro capítulo traz um breve relato da justificativa da presente pesquisa, delimita o tema, aborda os objetivos e questões norteadoras e apresenta a divisão de cada capítulo do trabalho.



O segundo capítulo diz respeito ao referencial teórico que embasa o trabalho. Esse capítulo está estruturado em seis partes: a primeira aborda o processo de aquisição de língua estrangeira; a segunda traz considerações sobre as vogais e apresenta o sistema vocálico do português e o do espanhol; a terceira trata da questão da diacronia das vogais portuguesas e espanholas; a quarta, a diacronia das seqüências vocálicas e sua realização em português e espanhol; a quinta parte apresenta a Teoria Autossegmental, sendo seguida da sexta parte, que trata do conceito de marcação, e, por último, é apresentada a parte que se refere à Teoria da Marcação Fonológica Baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia do trabalho, incluindo os critérios para a escolha dos sujeitos, o instrumento utilizado na pesquisa, a transcrição e decodificação dos dados, bem como as variáveis dependentes e as independentes controladas e o método de análise dos dados.

O quarto capítulo destina-se à descrição dos dados e à análise estatística, apresentando as variáveis selecionadas pelo pacote VARBRUL, seus pesos relativos e percentuais, bem como comentários sobre a relevância de cada variável.

O quinto capítulo analisa os resultados com base na Teoria da Marcação Fonológica Baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação de Andrea Calabrese (1988, 1995).

O sexto capítulo diz respeito às considerações finais do trabalho realizado.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Aquisição de língua estrangeira**

#### **2.1.1 Terminologias quanto à aquisição da língua estrangeira**

A partir do momento em que o indivíduo ativa a capacidade para a linguagem através do processo de aquisição de uma determinada língua, língua materna (LM) ou primeira língua (L1), garante a possibilidade de expressar verbalmente emoções, sentimentos, vontades, ordens, apelos, idéias, raciocínios, argumentos com a finalidade de comunicar-se com os demais. A capacidade de adquirir outras línguas estará disponível e cada uma desenvolverá a partir de suas potencialidades. E todas as línguas que forem adquiridas depois da LM serão consideradas segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE).

Ao se tratar de línguas, são utilizados os termos ‘aquisição’ e ‘aprendizagem’, sendo que ambos se referem ao processo de interiorização de regras de uma língua e, por isso, podem ser usados como sinônimos. No entanto, Krashen (1985) criou uma dicotomia quando determinou que “aquisição” se refere a um processo inconsciente (implícito), semelhante ao processo que as crianças utilizam ao adquirir sua primeira língua, e a “aprendizagem” diz respeito a um processo consciente (explícito), que se constitui através do conhecimento formal da língua.

Outras terminologias utilizadas nessa área do conhecimento são ‘segunda língua’ (L2) e ‘língua estrangeira’ (LE). Embora possam ser empregados como sinônimos, esses termos não se referem à mesma coisa. Nos trabalhos de Lingüística Aplicada denomina-se L2 a língua que é adquirida em contexto natural, sem grandes esforços de estudo, de forma parecida com a LM, embora não da mesma maneira, porque, quando adquire a L2, o

indivíduo já possui o conhecimento e a experiência da L1. Já a LE é considerada aquela que é aprendida num contexto institucional (curso, escola, universidade) durante determinadas horas semanais. Porém, caso sejam muitas as horas de estudo de uma determinada língua, em uma escola bilíngüe e, concomitante a isso, se o aprendiz permanecer um dado tempo em um país em que se fale essa língua, assumindo uma certa competência comunicativa, essa língua poderá ser considerada mais uma L2 que uma LE.

Sendo assim, as fronteiras entre L2 e LE estão muito próximas, porém determina-se, corretamente, que a L2 é a língua não nativa, adquirida em contexto natural, e a LE se refere à língua cuja aprendizagem ocorre em contexto institucional.

### **2.1.2 Diferenças entre a aquisição da LM e da LE**

Qualquer criança normal, ao nascer, desde que exposta à interação lingüística, está apta a desenvolver qualquer língua de maneira espontânea. No entanto, o estudo sobre a aquisição da linguagem continua sendo uma das áreas mais discutidas, pois não existe uma teoria que explique completa e satisfatoriamente o processo pelo qual a criança adquire a linguagem.

Diversas hipóteses dentro da psicolingüística já foram levantadas para explicar o fenômeno da aquisição da linguagem. A Hipótese Behaviorista, desenvolvida por Skinner (1957), afirma que a linguagem está diretamente relacionada com a experiência; assim o conhecimento lingüístico se desenvolve por meio de associações, de estímulo e resposta, imitação e reforço. Para Noam Chomsky (1959), a aquisição lingüística está baseada no princípio de que existe uma Gramática Universal (GU), que reflete a organização da mente humana, o conhecimento lingüístico inato compartilhado por todos os seres humanos. Essa hipótese é denominada Hipótese Inatista, por pressupor uma capacidade com a qual o indivíduo já nasce. Lennenberg, adepto dessa hipótese, acredita ainda que a linguagem está

vinculada ao processo de maturação lingüística, seguindo um curso inato pré-estabelecido. Já a Hipótese Cognitivista, de Piaget (1979), defende que a capacidade lingüística é determinada pelo desenvolvimento cognitivo: a criança descobre como representar e expressar os conceitos adquiridos pela interação entre ambiente e organismo. Da mesma linha construtivista de Piaget, Vygotsky (1984) defende a Hipótese Interativista. Explica que a linguagem (e o pensamento) têm origens sociais, externas, ou seja, nas trocas comunicativas entre a criança e o adulto. Para Vygotsky, há um processo de internalização, reconstrução interna de uma operação externa; porém mediada pelo outro, defendendo, assim, o aspecto social para a aquisição da linguagem .

Diante dessas hipóteses a respeito da aquisição da LM, apresentam-se a seguir algumas diferenças no que diz respeito à aquisição da LM e LE, dentre elas aquelas relacionadas com a idade, o contexto, a motivação e a necessidade pela qual se aprende, como sendo mais óbvias; e as menos óbvias, mas também importantes, como as do campo cognitivo e psicolingüístico das duas situações de aprendizagem: os que aprendem uma LE já conhecem outra língua e esse conhecimento passa a ser decisivo no processo de ensino-aprendizagem de uma LE.

Alguns autores, como Corder (1978), já afirmaram que o conhecimento de uma LM ajuda na aquisição da LE, inclusive que a maior ou menor facilidade em aprender está intimamente relacionada à aproximação ou à distância entre ambas as línguas.

Tradicionalmente as crianças têm a possibilidade de aprender uma língua com mais facilidade que um adulto, principalmente no que diz respeito ao tempo e à acuidade dos resultados obtidos. Lenneberg (1967) afirma a existência de um período crítico, por volta da puberdade, em que se minimizariam as possibilidades de adquirir a LE. Alguns pesquisadores inclusive dizem que certos aspectos do conhecimento lingüístico, como a sintaxe e a

fonologia, são quase impossíveis de serem adquiridos em sua integralidade depois desse período crítico.

Geralmente os adultos que aprendem uma LE têm menos êxito que muitas crianças que adquirem sua LM, ou até mesmo do que aquelas que adquirem uma LE; porém muitos adultos conseguem um excelente domínio na LE, sendo capazes de participar de qualquer situação comunicativa, expressando-se tão bem, quase equiparando-se a um falante nativo. Já quanto ao nível fonético-fonológico, mais especificamente considerando-se ao acento estrangeiro, uma criança ou jovem têm mais possibilidade de aquisição com maior acuidade do que um adulto.

O que acontece na mente de uma criança, na puberdade, para afirmar-se que, a partir dessa idade, as dificuldades de aquisição de uma LE aumentam? Na verdade, não existe nenhuma resposta tão evidente que esgotaria todas as possibilidades. Se o processo de aquisição da linguagem for considerado como um processo semelhante a qualquer outro, como, por exemplo, Piaget defende, na puberdade isso deveria ser facilitado, já que nessa fase se alcança o estágio máximo de construção da inteligência, isto é, o estágio das operações lógicas abstratas. Mas considerando o ponto de vista de que a aquisição da linguagem é um processo único, específico da espécie humana, que é dotada geneticamente para essa aprendizagem, não seria correto afirmar que nessa idade termina essa capacidade. De fato seria muito restritivo estabelecer relação entre as mudanças físicas e hormonais com a disponibilidade da capacidade para a aquisição de uma LE.

No entanto, a diferença na competência final, de certa forma, está relacionada com a idade do aprendiz: aqueles que aprendem uma LE geralmente têm mais idade do que aqueles que aprendem uma LM; isto significa que são mais maduros no desenvolvimento cognitivo e, por isso, são capazes de construir uma competência gramatical plena, a partir dos dados lingüísticos de que dispõem, podendo criar uma produção infinita de novos enunciados

gramaticais, construídos de forma criativa, utilizando a dedução para a língua meta, mas apesar disso, a experiência com ensino de línguas tem confirmado que, adultos tendem a mostrar maiores problemas nos níveis fonético/fonológicos em uma LE.

A idade na aquisição de LE continua sendo um tema polêmico, pois, para alguns pesquisadores, é vista como uma vantagem, no sentido de que a capacidade de inteligência geral, memória, formação de conceitos e conhecimento de mundo de um adulto está mais desenvolvida em relação aos adolescentes e crianças. Há ainda os que defendem o fato de a Gramática Universal, isto é, a capacidade genética específica para a linguagem, tem um papel fundamental para a aquisição da LM pela criança, mas não aceitam que essa tenha implicações na aquisição de uma LE por adultos. Nesse sentido subentendem-se duas hipóteses:

- a primeira, que existe um período crítico, crucial, na aquisição da linguagem;
- a segunda, que, no final do período crítico, a GU decai ou inexistente para a aquisição de uma LE.

Porém, como propõe White (1989), poderia ser perfeitamente possível a primeira hipótese, sem que houvesse a segunda, sendo possível a existência de um período crítico sem que seu resultado final seja a perda do acesso à GU. Essa questão ainda está para ser resolvida e continua sendo objeto de pesquisa e polêmica para muitos lingüistas.

Quanto ao contexto e situação, normalmente, a aprendizagem de uma LE acontece num contexto institucional, artificial, onde não existe uma necessidade comunicativa verdadeira, como ocorre no contexto de aquisição da língua materna. Para a criança, o uso da LM decorre de uma situação natural, sem que dela a criança se dê conta; já um adulto deve fazer esforço, estudar, repetir, memorizar durante o processo de aquisição de uma LE. Aprender os elementos léxicos num contexto comunicativo real não é o mesmo que em uma situação fictícia de sala de aula, onde somente se pode recorrer ao dicionário ou à ajuda dos

outros. O processo pelo qual passa um falante não nativo até conseguir dominar a língua objeto de estudo e comunicar-se por meio dela eficazmente é muito diferente do processo a que é submetida uma criança. Varia o contexto em que ocorre a fala e a atitude dos adultos de maneira especial. Aprender uma língua dentro da sala de aula, mediante a simulação de objetos, situações e personagens, não é o mesmo que aprendê-la no mundo real, com toda a informação referencial necessária para que a fala se concretize. As palavras usadas de forma direta e simples na realidade extralingüística contêm toda informação necessária para construir o conhecimento léxico, assim, a construção da gramática ocorre em decorrência do uso natural da linguagem.

O processo de aquisição de uma língua será muito diferente se ocorrer em um contexto institucional, com horas de aulas semanais, nas quais se realiza uma prática formal e funcional com os colegas, sem o aprendiz ter a necessidade e oportunidade de comunicar-se com falantes nativos. Porém, se esse processo de aquisição acontece em contextos naturais e também apoiado pelo estudo e o exercício, essas atividades contribuirão eficazmente para a construção e a consolidação de conhecimentos diferentes: haverá um conhecimento explícito, descritivo, voltado para o conteúdo, no caso da prática formal, e um conhecimento intuitivo, não consciente, que se efetiva quando o foco de atenção se dirige à transmissão e interpretação do conteúdo da mensagem, na prática funcional.

A aquisição do conhecimento gramatical pelo falante nativo é, de forma indiscutível, diferente do processo de aquisição de uma LE. O conhecimento lingüístico nativo se caracteriza pela certeza de juízos intuitivos a respeito “do que se diz ou não se diz”, “o que soa bem ou soa mal” em determinada língua, enquanto que os falantes não nativos são mais inseguros em suas produções e em suas percepções lingüísticas. Para alcançar o êxito final, a dificuldade, na aquisição de uma LE, consiste justamente em saber o que é mais específico da

língua, ou seja, as marcas que lhes são específicas, sejam elas fonéticas, fonológicas, sintáticas, semânticas ou pragmáticas.

A motivação corresponde a um dos principais aspectos da aprendizagem, e é questão também relacionada à aquisição da linguagem. Se o interesse e a necessidade de adquirir uma língua estrangeira forem realmente verdadeiros, o processo de aprendizagem progredirá gradualmente. Porém, se não existir uma forte motivação, aquilo que se aprende facilmente será esquecido.

Quando uma criança adquire sua língua materna, não existe esse problema, pois a aquisição ocorre de maneira quase instintiva, por uma necessidade básica, inerente ao ser humano. Na aprendizagem de uma LE, a motivação e o interesse estão diretamente relacionados com a distância social e psicológica do aluno em relação a outras pessoas nativas dessa comunidade idiomática, e com suas necessidades de integração na sociedade da língua meta. Quanto maior a distância social, cultural, econômica e política entre os dois grupos, maior tenderá a ser a dificuldade ou facilidade do não nativo para adquirir a nova língua.

Certamente, devem-se considerar as variantes individuais que afetam qualquer processo cognitivo e, em especial, a aquisição de uma nova língua, relacionadas com a personalidade, a memória e as capacidades intelectuais, entre outros. Todos os professores de LE passam pela experiência de encontrar, nas salas de aula, alunos desinibidos, dispostos a comunicar-se, que utilizam todos os recursos e estratégias a seu alcance, que rendem naturalmente no desenvolvimento de sua competência comunicativa, e outros que se inibem constantemente por várias razões, geralmente timidez ou medo do erro. Em outras palavras, essas variantes individuais afetam os mecanismos de produção do aluno de maneira significativa.



### 2.1.3 Interlíngua, Transferência e Contato

O estudo da aprendizagem de uma língua estrangeira pode estar relacionado diretamente à problemática do ensino, porém, à medida que se reconhece que os sistemas lingüísticos não nativos constituem cada um uma língua, o estudo da aquisição de LE toma dimensões empírica e teórica. Sendo assim, há modelos de estudo da aquisição de LE que se baseiam em teorias lingüísticas.

O modelo mais tradicional, o da Análise Contrastiva, considerava a aquisição de LE como a aprendizagem de um conjunto de hábitos lingüísticos; estava inspirado no estruturalismo como teoria lingüística, e no condutivismo como teoria da aprendizagem.

Posteriormente, a Análise de Erros explicava a aquisição de LE como um processo criativo regido por regras, na versão da teoria lingüística gerativa e numa concepção de que a mente possui uma capacidade genética específica para a linguagem.

Tanto uma como a outra davam conta de um componente importante do processo de aquisição de LE, que era o papel da LM na LE, bem como o papel dos princípios de aquisição independentes da experiência da LM. Mas nenhuma das duas teorias conseguiu proporcionar um marco de princípios a partir do qual se possa desenvolver uma descrição completa do processo de aprendizagem de uma LE.

Corder (1967), o primeiro investigador de LE que sustenta que a aprendizagem de LE é uma atividade criativa, na qual o aprendiz formula hipóteses a partir dos dados da língua objeto (LO); nessa visão os erros que aparecem são elementos valiosos, pelas informações que proporcionam sobre o processo de aprendizagem. A partir de então, o sistema lingüístico não nativo passou a ser denominado de diversas maneiras, tais como dialeto idiosincrásico, transicional, sistema aproximado, até que Selinker (1972) introduziu o termo *interlíngua* e, com ele, as propriedades da interlíngua, a fossilização, a simplificação, a hipergeneralização,

que são erros usados como estratégias na construção da interlíngua para alcançar a aprendizagem da língua meta.

Nos anos sessenta, época de vigência do modelo da aprendizagem condutivista e da teoria lingüística estruturalista, pensava-se que os erros e as peculiaridades da língua dos nativos poderiam ser prevenidas se se partisse de uma Análise Contrastiva dos sistemas lingüísticos em contato, o da Língua Materna (LM) e o da língua objeto (LO).

Nessa teoria, toda aprendizagem é um processo de formação de hábitos; os que aprendem uma língua recebem o *input* lingüístico, trabalhado pelas repetições corretas e imitações. Os condutivistas interpretam os erros da interlíngua como a interferência dos hábitos da LM e, nesse sentido, se identificam com as hipóteses da Análise Contrastiva e a teoria lingüística estruturalista, ou seja, a aprendizagem se produz por uma transferência de hábitos da LM à Língua Estrangeira. Essa transferência será positiva nos casos em que coincidem as estruturas da LM com as da língua que se aprende e será negativa quando houver diferenças entre os dois sistemas. Neste caso, se prevê uma interferência que levará ao erro, realizando-se uma comparação das estruturas dos dois sistemas em seus níveis fonológico, morfológico, sintático e léxico, a fim de identificarem-se as diferenças e, a partir de uma didática, a fim de preverem-se quais estruturas seriam as mais fáceis e quais seriam as problemáticas e que, conseqüentemente, levariam ao erro no processo de aquisição da LE.

A transferência das estruturas da LM à língua que se aprende é a principal fonte dos erros. Isto é evidente quando são analisadas produções não nativas quanto ao nível fônico, já que a pronúncia de algumas vogais e consoantes se contaminam das características da LM. Essa teoria serviu de base psicolingüística para o desenvolvimento do método audiolingual na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Como afirma Rivers (1975, p. 38):

Os materiais enfatizam e dão exercícios especiais aos contrastes maiores entre duas línguas. Os contrastes são as características lingüísticas que o aluno tem mais dificuldade em reproduzir automaticamente quando transmite uma mensagem.

Assim os materiais audiolinguais diferem dos textos com mais orientação gramatical tradicional, no sentido em que apresentação da gramática não é baseada numa exposição lógica da estrutura, por meio da qual cada aspecto de cada parte da fala é trabalhado em seqüência.

A Análise de Erros surge em um contexto da lingüística e das teorias cognitivas e mentalistas da aprendizagem, partindo do fato de que nem todos os erros se predizem pela Análise Contrastiva e que os que aprendem uma LE cometem erros que não se devem simplesmente à transferência negativa da LM.

Corder (1967), destacando a importância dos erros, visto que proporcionavam muitas informações sobre o processo de aprendizagem da LE, passou a considerá-los como “um dialeto idiossincrásico”, com suas peculiaridades, diferentes da LM e da língua meta. Surge, então, a necessidade do reconhecimento da idiossincrasia (oração superficialmente bem formada, mas impossível de interpretação dentro de um contexto) como etapa inicial da análise de erros; na fase descritiva, a segunda etapa, deve haver a comparação do dialeto idiossincrático do aluno com a sua LM e com a língua objeto, a partir do modelo formal de análises do conjunto de categorias lingüísticas e suas relações sintáticas comuns aos dois sistemas contrastados; ao último objetivo chega-se através da etapa explicativa, a terceira, na qual se encontram os fundamentos psicolingüísticos de como e por que ocorre o dialeto idiossincrásico.

A idéia de idiossincrasia recebeu denominações distintas por outros pesquisadores, como “sistema aproximado” ou “competência transicional”, mas foi reformulada de forma sistemática e definitiva por Selinker (1972), que introduziu o término “interlíngua”, sugerindo uma estreita relação com as teorias cognitivas de aquisição da língua e com o intuito de identificar quais dados são relevantes para uma teoria psicolingüística da aprendizagem de LE.

Todas as realizações lingüísticas produzidas pelo aluno, sejam as dos estágios de interlíngua, as referentes à sua LM e as equivalentes aos falantes nativos da língua meta são,

para Selinker, de suma importância para a aprendizagem da LE e para o estudo dos processos da interlíngua. O autor apresenta cinco processos principais que estão em uma estrutura psicológica latente para a aprendizagem de uma LE: a transferência lingüística, a transferência de instrução, as estratégias de aprendizagem, as estratégias de comunicação e a hipergeneralização do material lingüístico da língua meta.

Desde Selinker até a atualidade, o conceito de interlíngua se enraizou de maneira definitiva na pesquisa da aquisição de línguas, podendo se referir a dois conceitos diferentes: primeiramente, à noção de sistema estruturado que o aprendiz constrói, num dado estágio do desenvolvimento da aprendizagem, em segundo lugar, à idéia de série de sistemas entrelaçados que formam o que constitui o *continuum* interlingüístico.

A Análise de Erros é a teoria que mais resultados oferece no campo da pesquisa da aquisição do Espanhol como LE, já que fornece uma descrição científica e completa dos processos que antecedem a construção da interlíngua, permitindo uma reflexão do papel que desempenha a LM na construção dos conhecimentos interlingüísticos.

Conseqüentemente, esses estudos têm grande valor pedagógico por duas razões fundamentais: porque permitem um conhecimento amplo da interlíngua e suas características lingüísticas; porque sensibilizam o professor de LE quanto aos erros de seus alunos e o auxiliam a compreender como eles aprendem, onde estão as suas dificuldades e de onde se originam.

É freqüente encontrar erros nas produções de falantes com níveis avançados de domínio da língua meta, inclusive com erros que correspondem a aspectos gramaticais que pensavam já terem superados, durante estudos e exercícios. Alguns desses erros podem permanecer na interlíngua, podem mais tarde ser corrigidos e ainda podem reaparecer em algumas situações. Quando há sua permanência, acontece ocorre a “fossilização”, que constitui uma das principais características da interlíngua.

Segundo Baralo (1999) a fossilização é um mecanismo pelo qual um falante tende a conservar, na sua interlíngua, certos elementos, regras e subsistemas lingüísticos de sua língua materna em relação a uma língua objeto. Os erros gerados por esse processo voltam a surgir quando já pareciam erradicados, em situações variadas, principalmente nos assuntos novos. As situações comunicativas em que o falante não nativo faz uso da língua meta pode influenciar também de diversas maneiras no aparecimento de estruturas fossilizadas. Quando se trata de uma atividade lingüística escrita, em que o aprendiz pode controlar e revisar os resultados, sem pressão de tempo, ou seja, pode monitorar a produção, cometerá menos erros gramaticais e léxicos, isto porque conhece as regras do sistema alvo, ao contrário de uma situação comunicativa oral, na qual deve produzir e responder sem tempo para controlar e corrigir, sua produção, a probabilidade de ocorrerem erros que pareciam já ter sido corrigidos será maior.

Baralo (1999, p.44 ) considera a interlíngua parte do próprio processo de aquisição de uma LE:

El concepto de interlengua se enmarca dentro de una concepción mentalista y creativa del lenguaje y supone que, al igual que el niño, en el caso de la L1, el adulto coteja hipótesis en el proceso de aprendizaje de una LE, apoyado en ciertos mecanismos de adquisición como un posible programa interno innato.

Essa é uma nova dimensão no estudo dos erros. Anteriormente a essa visão, os erros eram analisados como algo negativo que devia ser evitado, procurando-se preveni-los mediante a Análise Contrastiva.

Ainda com relação à interlíngua, não são determinadas com clareza, em que situações aparecem e por que se produzem as estruturas fossilizadas. Selinker (1972) as atribui a vários fatores, dentre os quais o processo de transferência.

A transferência lingüística da LM ou de uma LE já adquirida consiste em manter, no sistema da interlíngua, alguma estrutura da língua já conhecida como pertencente à língua meta. Geralmente os erros são de oposições “marcadas”, ou seja, complexas. Pode-se

entender a transferência como uma estratégia universal, que acontece no começo do processo e nos estágios intermediários, quando se dá a instabilidade no aprendizado da língua.

Não se trata de uma transferência mecânica das estruturas, mas de um mecanismo cognitivo que antecede a aquisição, conforme refere Baralo. acima citado. Não quer dizer simplesmente que o aprendiz preserve de forma automática as estruturas, senão que o sistema da interlíngua reflita uma seleção ativa por parte do aprendiz, que pode incluir fenômenos de reestruturação de regras, transferência da organização tipológica, sobreposição de certos elementos e inibição de outros. Enfim considera-se a transferência como uma estratégia disponível para compensar a carência de conhecimentos da língua meta.

Sem dúvida, não somente a transferência da LM interfere na construção da interlíngua e na produção dos erros. Algumas estratégias de aprendizagem também são responsáveis por certos processos de fossilização; o aprendiz tende a reduzir o sistema da língua meta a um sistema mais simples, resultando assim nas hipergeneralizações e simplificações do sistema da língua meta. Quando precisam resolver uma situação para a qual não possuem uma competência lingüística suficiente, nem recursos pragmáticos para ajudá-los, os aprendizes utilizam diferentes estratégias de aprendizagem e de comunicação. Não se tem clareza de quais são, se são individuais ou culturais, nem de que forma afetam a produção em LE, mas existem algumas que são comuns a todos aprendizes.

Existe a tendência em reduzir a língua meta a um sistema simples, comum nos primeiros níveis da aquisição: é a chamada simplificação. Outra estratégia freqüente na construção da interlíngua é a tendência à hipergeneralização das regras aprendidas ou inferidas pelos aprendizes, a partir das mostras de língua com as quais esteve em contato. O processo de hipergeneralizar a regra, ou seja, aplicá-la além do seu domínio da língua materna, ocorre assim como a simplificação, nos diversos níveis do processo de aquisição de uma LE.

A aquisição do sistema da flexão verbal de uma língua, por exemplo, costuma dar lugar a construções criativas; no entanto, são típicas nos níveis iniciais da aquisição regularizar todas as formas verbais, segundo os padrões que adquiriram para cada conjugação. Um erro comum da interlíngua espanhola é formar participios regulares com verbos irregulares, como por exemplo: comer > ha comido, poner > *ha ponido*, hacer > *ha hacido*, salir > ha salido . Ou, ainda, na competência sintática, é freqüente a hipergeneralização no caso de certos verbos *gustar, molestar, doler* que não se expressam com o sujeito da oração: *Juan gusta de viajar en tren; tiene miedo de avión.*

Todas essas estratégias são inconscientes e dão lugar a erros que são normais dentro do processo de aprendizagem, próprios do sujeito que está construindo o seu conhecimento interlingüístico; são erros que desaparecerão à medida em que forem adquiridas as formas corretas.

O difícil é a determinação clara do processo cognitivo de quando se constrói e se usa a interlíngua e de quais os fatores que beneficiam ou prejudicam o processo de desvinculação gradual da interlíngua. Merecem consideração algumas idéias que servem de base para as novas propostas metodológicas voltadas ao enfoque comunicativo de uma nova língua. Cabe destacar que a Análise de Erros e a noção de interlíngua proporcionaram uma nova visão dos erros e da sua fossilização. Também o fato de assumir o erro como um elemento não somente inevitável, senão necessário para aprender uma língua – como uma característica inerente da interlíngua –, modifica completamente a perspectiva do que ensina, do que aprende, bem como da dinâmica da aula. Nesse esforço conjunto, é responsabilidade do professor distinguir os erros transitórios dos fossilizáveis e atuar, em conseqüência, tendo em vista a aquisição de LE como um processo de construção criativa, e não somente como um processo de mudanças lingüísticas.

Weinreich (1963) propõe o termo ‘contato’ para referir-se à coexistência tempo-espacial de duas ou mais línguas. Em seus estudos, o autor também incluiu os mecanismos das interferências provocadas pelo contato lingüístico e propôs uma classificação para esse fenômeno: interferência fônica e interferência gramatical.

O autor determina que as interferências na fala são um tipo de mescla individual, não sistematizada, enquanto que as que ocorrem na língua se relacionam a uma estrutura e sistematização evidentes. A consciência que o falante tem do nível fônico não é a mesma que tem do léxico, visto que esta pode ser controlada e aquela, em geral, fica fora do controle do falante.

Quanto à interferência fônica, Weinreich (1963) propôs quatro tipos: (i) sub-diferenciação de fonemas – ocorre quando dois sons constituem fonemas distintos no sistema da LE, mas não o são no sistema da LM; (ii) supra-diferenciação de fonemas – ocorre quando dois fonemas da LM não são fonemas distintos no sistema da LE; (iii) reinterpretação de distinções – ocorre quando o bilíngüe distingue fonemas concomitantes ou redundantes na LE e que no sistema de sua LM não são relevantes.; (iv) substituição fônica – ocorre quando o bilíngüe aplica, para fonemas que são idênticos nas duas línguas, formas fonéticas diferenciadas.

Segundo o autor, há interferência entre os dois sistemas fônicos em se tratando de cada ponto de diferença acima referido, sem importar qual o sistema seja o primário, ou seja, o sistema da LM. Para o contato português / espanhol, especialmente em se tratando dos sistemas vocálicos, haveria supra-diferenciação de fonemas quando o português é L1, pois o falante emprega /E/ e /ε/ ao falar espanhol, quando essa língua somente tem um fonema vocálico médio coronal; já se o espanhol é L1, em se considerando o sistema de vogais, na aprendizagem do português como LE, haverá uma sub-diferenciação de fonemas, pois haverá



tendência à não diferenciação entre as vogais médias altas e baixas, as quais, no português, são fonemas distintos.

Com o conceito de interlíngua, portanto, o aumento de erros na produção interlingüística, em certos estágios da aquisição, pode entender-se como um sinal de progresso, considerando-se que o processo se torna mais criativo, ou seja, se ensaia e se arrisca mais na língua meta. Nesse sentido, é importante a análise qualitativa dos erros, avaliando-se as dificuldades não somente em função dos erros cometidos, como também em função do tipo de construção que se evita na interlíngua.

#### **2.1.4 Competência lingüística**

Segundo o modelo gerativo, todo falante possui uma competência comunicativa, ou seja, um conhecimento intuitivo, não consciente, de uma extraordinária complexidade e abstração, que permite a comunicação com eficiência em uma determinada língua. Parte dessa competência comunicativa é o conhecimento chamado ‘competência lingüística’, ou seja, o conjunto de elementos léxicos e o sistema abstrato de princípios e regras que permitem produzir e processar todas as orações gramaticais de uma língua, como também reconhecer as que não pertencem a ela ou se estão mal formadas.

Segundo o modelo racionalista ou cognitivista desenvolvido por Chomsky, esses princípios universais constituem parte de uma capacidade específica dos seres humanos, que é determinada pelos genes, chamada Gramática Universal (GU). A Gramática Universal não é uma gramática de descrição do sistema de uma determinada língua, como normalmente é entendida, e, sim, um programa interno, um dom genético, localizado na mente/cérebro do ser humano.

Os princípios e regras da GU explicam as propriedades formais da linguagem, como a sintaxe, a morfologia, a fonologia e certos aspectos da semântica. Trata-se de um

conhecimento intuitivo, inconsciente: a maioria das pessoas não são capazes de explicar as regras de sua língua. Esse conhecimento torna possível entender e produzir orações que nunca se ouviu antes. Adultos e crianças podem reconhecer se determinadas expressões são gramaticais, ou seja, construídas corretamente segundo regras, ou não. E nenhum desses conhecimentos se aprende de maneira explícita, não se ensina, pois são psicologicamente reais e inerentes ao uso da língua.

O conhecimento fonológico é entendido como a capacidade de o falante explicar, por exemplo, se uma seqüência de sons pertencem ou não à língua, mesmo não conhecendo o significado. Por exemplo, a palavra *ralopa* poderia existir em espanhol, enquanto que a palavra *srapla*, não. Assim, diferenciar auditivamente a seqüência “*hoja*” de “*hola*” e associá-las a diferentes significados é resultado do conhecimento fonológico da língua. Também distinguir “*celebre*”, que é uma forma verbal, e “*célebre*” que é um adjetivo, demonstra o valor distintivo do acento e esse fato é reflexo do conhecimento fonológico da língua.

O aprendiz de uma língua estrangeira deve chegar a adquirir essa competência comunicativa, pois lhe permitirá usar com eficácia a língua meta, bem como adquirir os conhecimentos fonológicos, gramaticais e léxicos, alguns dos quais sem a necessidade de regras explícitas, pois se trata de conhecimentos intuitivos, inconscientes.

## **2.2 O funcionamento de sistemas vocálicos**

### **2.2.1 Considerações preliminares sobre segmentos vocálicos**

Em todas as línguas do mundo, os sons articulados podem ser divididos em duas grandes categorias: vogais e consoantes. Na articulação das consoantes, há uma obstrução à

passagem do ar pela cavidade oral. As vogais são articuladas sem qualquer obstrução; constituem o som mais natural, sendo o primeiro a aparecer na fase do balbucio.

Essas duas categorias, consoantes e vogais, formam os segmentos ou fones que são os sons da fala que compõem um enunciado. Esses segmentos, arranjados em padrões diferentes, formam sílabas, que, por sua vez, formam palavras, que, finalmente, formam um enunciado.

As vogais são os sons que apresentam a maior abertura dos órgãos articulatórios, o maior número de vibrações das cordas vocálicas numa unidade de tempo. Do ponto de vista fonológico, em espanhol e em português, as vogais opõem-se às consoantes por sua capacidade de formar núcleo silábico, enquanto que as consoantes formam as margens silábicas.

De acordo com Fromkin & Rodman (1993), os falantes costumam conhecer “intuitivamente” quais sons são consonânticos e quais são vocálicos, visto que estes constituem núcleo de sílaba e sobre eles pode incidir acento de tom e/ ou intensidade e já as consoantes são acusticamente sons de articulação complexa (Callou & Leite, 1990).

Os estudos de Maddieson (1984) sobre 317 línguas do mundo demonstraram que as vogais são os sons mais freqüentes e que o mais comum são 5 vogais para cada língua, sendo que a média é 8 vogais para cada língua. Veja-se a Tabela 1.

Tabela 1 Número de línguas relacionado com o número de vogais

Nº de vogais	Nº de línguas	Porcentagem
3	18	5.7%
4	15	4.7%
5	68	21.5%
6	43	13.6%
7	34	10.7%
17 ou mais	13	4.1%

Fonte: Maddieson (1984, p.124)

A maioria das línguas, de acordo com a Tabela 1, possui cinco, seis ou sete vogais. O número de dezessete ou mais vogais em um mesmo sistema é fato bem restrito nas línguas do mundo. E o sistema mais reduzido é composto de três vogais.

As vogais mais presentes nas línguas são /ɪ,α,ʊ/, como se pode verificar na Tabela 2.

Tabela 2 - Vogais mais comum nas línguas do mundo

Vogais	Nº de línguas	Porcentagem
Vogais altas e baixas		
/ɪ/	290	91.5%
/α/	279	88.0%
/ʊ/	266	83.9%
Vogais médias		
/E/	118	37.2%
/o/	109	34.4%
/ε/	100	31.5%
/□/	99	31.2%

Fonte: Maddieson (1984, p.125)

Visto que as vogais /ɪ,α,ʊ/ são as mais comuns nas línguas do mundo, a grande maioria dos autores as consideram como segmentos não-marcados. Os estudos sobre aquisição da linguagem confirmam serem essas as primeiras a serem adquiridas pelas crianças (Rangel, 2002). De acordo com o estudo de Rangel (2002) sobre crianças falantes nativas de português, na ordem de aquisição das vogais foi a vogal /a/ a primeira a ser adquirida, a segunda vogal a aparecer foi o /u/, mas a segunda a se estabilizar foi o /i/. Já as vogais médias, objeto de estudo desta pesquisa, tiveram o seguinte comportamento: as vogais /e/ e /o/ surgiram juntas, porém, em alguns momentos, dependendo do ambiente, deixaram de ser realizadas; as vogais /E/ e /□/ foram as últimas a serem adquiridas, a vogal /E/ foi a primeira a

ser adquirida e, durante a pesquisa, manteve-se igual à forma da vogal alvo; já o /□/, desde que surgiu, demonstrou instabilidade, alternado-se com a vogal alvo durante as entrevistas.

Ainda a respeito da aquisição das vogais, Jakobson (1968) demonstrou que o sistema vocálico mínimo /i/, /u/ , /a/ é adquirido durante a aquisição das 50 primeiras palavras e que, depois dessas, as leis de irreversibilidade solidária fazem previsões a respeito da ordem de aquisição das vogais.

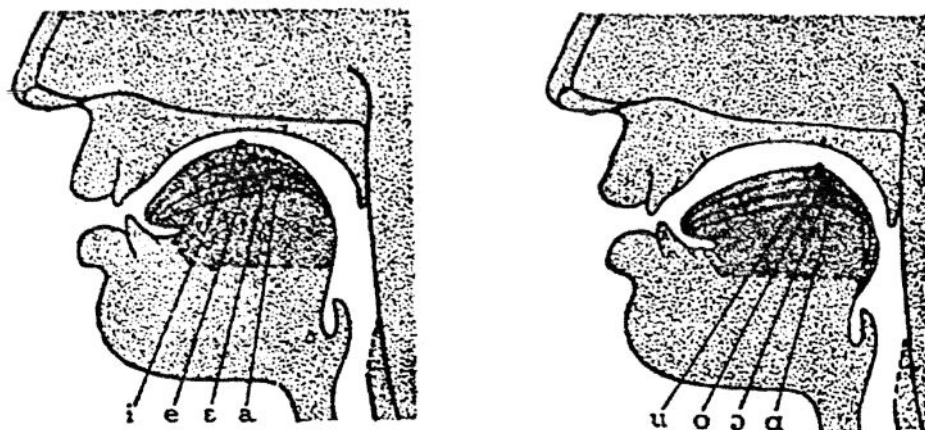
Os segmentos vocálicos são descritos e classificados por três parâmetros básicos: altura do corpo da língua; grau de anterioridade/posterioridade da língua e arredondamento ou não dos lábios.

A altura representa a dimensão vertical ocupada pela língua dentro da cavidade bucal, podendo ocupar uma posição alta, baixa ou média. Alguns autores consideram a altura em termos de abertura/fechamento da boca.

Com relação ao parâmetro da altura, as vogais objeto desta pesquisa classificam-se como vogais médias. A diferença entre os sistemas vocálicos do português e do espanhol está justamente na altura ou abertura das vogais das duas línguas: o português tem dois níveis de altura das vogais médias, isto é, média baixa e média alta, alturas intermediárias como propõe Ladefoged (1996); diferentemente, o espanhol apresenta somente uma altura para as vogais médias.

Na Figura 1, Jones (1973) mostra a categorização, quanto à altura, das vogais do Português: os segmentos /ɪ,ʊ/ são classificados como altos; os segmentos /ɛ,o/ são classificados como médios altos; os segmentos /E, □/ são classificados como médios baixos e o segmento /α/ é classificado como baixo.

Figura 1- Posição da língua na produção das vogais



Os segmentos vocálicos podem ser classificados também pela posição do corpo da língua na dimensão horizontal durante a articulação. Dividem-se, foneticamente, em três dimensões simétricas: anterior, central e posterior. Se o corpo da língua estiver na parte da frente da cavidade bucal, na produção da vogal, essa é classificada como anterior; o corpo da língua posicionado na parte média da cavidade bucal indica a vogal como central e, se o corpo da língua estiver na parte de trás da cavidade bucal, a vogal é classificada como posterior.

Com base em Figura 1, podemos observar as vogais classificadas como anteriores /i, e, ɛ, a/ (à direita) e as vogais /u, o, ɔ, ɑ/ (à esquerda) classificadas como posteriores.

O terceiro parâmetro refere-se à posição dos lábios, arredondados ou estendidos. As vogais anteriores são, geralmente, produzidas com os lábios estendidos e as vogais posteriores são produzidas com os lábios arredondados. Porém, existem vogais posteriores estendidas e vogais anteriores arredondadas. No francês, a vogal simbolizada por [y], é alta, anterior e arredondada, e no japonês, a vogal alta, posterior [ɯ] é articulada com os lábios estendidos.

Outras articulações importantes durante a produção das vogais são o timbre, o papel das cavidades bucal e nasal, duração e a tensão.

O timbre, segundo Câmara Jr (1977), é resultante do fenômeno da ressonância. Cada som da fala tem uma única característica de ressonância, sejam segmentos vocálicos ou

consonantais, permitindo que se faça a distinção entre eles. A qualidade transforma cada som em uma entidade única.

A posição no trato vocal é modificada pela língua e outros articuladores durante cada articulação de sons da fala. O espaço de ressonância ou frequências naturais de vibração da corrente de ar no trato vocal é diferente para cada som produzido. Para a produção das vogais, os traços altura do corpo da língua, grau de anterioridade/ posterioridade e arredondamento dos lábios auxiliam na determinação do timbre de um segmento vocálico. Assim, uma vogal terá timbre aberto quando o efeito acústico foi maior e terá timbre fechado quando o efeito acústico for menor. As vogais /α,ε,□/ são consideradas de timbre aberto, e as vogais /ε,ι,ο,υ/, de timbre fechado.

Com relação ao papel das cavidades nasal e bucal, têm-se vogais produzidas na cavidade bucal / α,ε,ε,ι,ο,□,υ/ ou na cavidade nasal<sup>1</sup> /α),ε),ι),ο),υ)/. A articulação de uma vogal nasalizada ocorre por meio do abaixamento do véu palatino, sendo que parte do fluxo de ar penetrará na cavidade nasal e será expelido pelas narinas.

A duração ou quantidade vocálica de um segmento se faz pela distinção entre vogais breves e longas. A vogal longa é indicada pelo uso do diacrítico[:]; a sua ausência indica a vogal breve. Uma vez que aparece, em um sistema, uma vogal longa, sempre haverá a contraparte, uma vogal breve, pois a duração de um segmento só pode ser medida em comparação com outros segmentos. Assim, no alemão [va:n] “wahn” e [van] “wann”, o emprego da vogal longa e breve ocasiona mudança de significado. Em espanhol e em português, a quantidade vocálica não tem importância fonológica, como no alemão.

Em português, conforme Cagliari & Massini-Cagliari (1998), as vogais acentuadas denotam ser mais longas em relação às não acentuadas, porém essa é uma distinção apenas

---

<sup>1</sup> Mattoso Câmara afirma que, no Português, não existem vogais nasais no nível dos fonemas; segundo o lingüista, a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal.

fonética, pois não implica distinção de significado na língua. Já as vogais do espanhol se consideram como breves no nível fonológico, como ocorre no sistema do português.

Os segmentos vocálicos também podem ser considerados tensos ou frouxos. Os segmentos frouxos são produzidos com menor esforço muscular do que um segmento tenso. No português brasileiro, em se tratando das vogais /i,e,o,u/ a relação entre segmentos tensos e frouxos está diretamente associada à tonicidade. Dessa forma, os segmentos frouxos ocorrem em posição átona final, como “sap[Y]”, “táx[I]” e os segmentos tensos ocorrem em posição tônica e pretônica em “j[a]c[u]”, “s[a]c[i]”.

### **2.2.2 Os sistemas vocálicos do português e do espanhol**

De acordo com Hensey (1972), o sistema fonológico vocálico e consonantal do espanhol é parecido com o do português, sendo assim, faz-se necessário abordar o sistema vocálico de ambas as línguas para apresentarem-se as semelhanças e diferenças e detectarem-se as interferências entre os referidos sistemas vocálicos no processo de aquisição de uma e de outra língua.

#### **2.2.2.1 O sistema vocálico do português**

Mattoso Câmara Jr. (1976), ao apresentar as vogais do português, classifica “sete fonemas vocálicos” e muitos “alofones”. Segundo o autor, tem-se uma vogal central, a vogal /a/, numa posição relaxada da língua, baixa; porém, através de uma elevação gradual da língua, na parte anterior ou posterior, encontram-se as vogais médias baixas /E, □/ e as médias altas /e, o/, e, por fim, em uma elevação ainda maior da língua, em posição alta, as vogais /i, u/.



Nesse sistema vocálico, representado em forma de trapézio, a vogal /a/ ocupa o vértice mais baixo, pelo fato de não constituir uma dualidade opositiva; numa posição intermediária, entre baixa e alta, estão as vogais /E, □/, médias baixas e /e, o/ médias altas, que, segundo Câmara Jr., denominam-se respectivamente médias de 1º grau e médias de 2º grau e numa posição de interseção dos ângulos da base, as vogais altas /i/ e /u/.

De acordo com Câmara Jr., o sistema vocálico do português é composto por sete vogais que contrastam em sílaba tônica, b/a/la, b/□/la, b/o/ca, s/E/ca, s/e/co, f/u/ja, f/i/go. Esse sistema fonológico está baseado em quatro alturas para a posição tônica, sendo que, se a tonicidade for reduzida, a altura também será, denominando-se esse fenômeno de neutralização.<sup>2</sup>

O sistema do português, em sílaba tônica, segundo Câmara Jr., está organizado conforme é mostrado em (1):

(1) Vogais em posição tônica

	altas	/i/		/u/	
	médias	/e/		/o/	(2º grau)
	médias	/E/	/□/		(1º grau)
	baixa		/a/		
		anterior	baixa	posterior	

(Câmara Jr., 1970, p.33)

Destaca-se, porém, que, diante de consoante nasal na mesma sílaba ou na sílaba seguinte, a oposição distintiva entre /e/, /E/ e /□/, /o/ desaparece, passando a existir somente cinco vogais – veja-se me (2). Exemplo: g[e]nte, f[o]nte, e não \*g[E]nte, \*f[□]nte.

(2) Vogais em posição tônica diante de nasal

---

<sup>2</sup> Conceito adotado por Trubetzkoy da Escola de Praga para identificar a perda de um traço distintivo que contrasta dois fonemas, reduzindo-os a uma unidade fonológica.

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/o/
baixa		/a/	
	anterior	baixa	posterior

(Câmara Jr., 1970, p.33)

Quanto à posição pretônica, inexistente a oposição entre os graus fechado e aberto das vogais médias, ocorrendo o aparecimento de cinco vogais, como em posição tônica diante de consoante nasal, conforme é mostrado em (3). Cabe destacar que, em posição pretônica, o emprego de vogal média baixa não tem função fonológica, mas apenas ocorre como variante dialetal. De acordo com Labov (1994), variáveis dessa natureza constituem objeto de estudo do Modelo Variacionista, como os que se encontram em Battisti (1997) e Schwindt (1995), entre outros.

Já o aparecimento de [E] e [□] em palavras como caf[E] zinho e s[□]mente é devido aos sufixos – inho, - zinho e – mente, que funcionam como palavras.

Câmara Jr. destaca, nas vogais do português em posição pretônica, o fenômeno da harmonização vocálica, no qual a vogal alta se expande e minimiza o aparecimento da vogal média. Assim, torna-se variável o aparecimento de [i] e [u] no lugar /e/ e /o/ e, conseqüentemente, encontram-se variantes como p[e]pino ~ p[i]pino e f[o]rmiga ~ f[u]rmiga.

Outra supressão da oposição entre vogal média e alta ocorre em palavras que formam hiato com a vogal tônica [a], ocorrendo a elevação de /e/ e /o/ pretônicos para [i] e [u], como em bol[i]ar por bol[e]ar, v[u]ar em vez de v[o]ar. Também esse corresponde a um caso de variação.

(3) Vogais em posição pretônica

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/o/
baixa		/a/	

anterior      baixa      posterior

(Câmara Jr., 1970, p.34)

Em relação à posição postônica não final, o quadro vocálico apresenta duas vogais anteriores e uma posterior, contrastando quatro vogais distintivamente, como pode ser visto em (4). Verifica-se, nas posições postônicas, o fenômeno da neutralização, porém essa ocorre, em posição postônica não-final, somente entre /o/ e /u/ e não entre /e/ e /i/, como em côm[u]da em vez de côm[o]da. Câmara Jr. assinala que essa oposição de /o/ e /u/ é apenas uma convenção da língua escrita na posição não-final.

(4)                      Vogais em posição postônica não-final

altas	/i/		/u/
médias	/e/		-
baixa		/a/	
	anterior	baixa	posterior

(Câmara Jr., 1970, p.34)

Quanto à posição postônica final, ocorre o fechamento variável /e/ para [i] segundo Câmara Jr., como ocorre também com /o/, que passa para [u]. Tem-se então, nessa posição um sistema de três vogais – esse sistema é apresentado em (5).

(5)                      Vogais em posição postônica final

altas	/i/		/u/
baixa		/a/	
	anterior	baixa	posterior

(Câmara Jr., 1970, p.34)

Câmara Jr. (1970, p.35) ainda ressalta, em relação a essa posição, que no sul do país ocorre um timbre mais aberto na articulação de /e/, salientando uma posição distintiva tênue entre /e/ e /i/ átono final, como no par mínimo *júri x jure* do verbo *jurar*. No entanto, para Mattoso, a pronúncia padrão movimenta-se no sentido da eliminação de tal oposição.

Vieira (1997), à luz de uma abordagem proposta por Calabrese (1995), descreve o sistema vocálico como resultado de desativação de restrições universais e os processos de neutralização como reativação de restrições ordenadas.

De acordo com a autora, a posição tônica determina a máxima contrastividade, ou seja, nessa posição se contrastam sete vogais – b[E]lo x b[a]la, s[e]lo x s[E]lo, r[i]m x r[u]m, t[o]lo x t[a]lo, t[□]ca x t[o]ca.

Esse sistema vocálicoônico compõem-se das vogais [a,i,u] de complexidade zero e das vogais [e,o] e [E,□], as quais são identificadas a partir da desativação de A1 e A2<sup>3</sup>, que são as restrições desativadas da hierarquia de complexidade para identificar o sistema vocálicoônico do português. Esse é o sistema do português considerado de máxima complexidade.

No entanto, em posições átonas, ocorre o processo de neutralização, que diminui a complexidade do sistema. O traço [ATR], que distingue as duas séries de vogais médias, segundo a proposta de Calabrese, deixa de ser contrastivo nas pretônicas, aparecendo somente as vogais médias [e,o], menos marcadas. Essa é a neutralização da pretônica, que possui um sistema de cinco vogais [a, e, i, o, u]. Já a neutralização da átona final apresenta a complexidade zero, pois nesse sistema aparecem somente as vogais [a,i,u].

#### **2.2.2.2 O sistema vocálico do espanhol**

---

<sup>3</sup> Para o entendimento da proposta de Vieira (1997), relativamente às vogais do português, ver seção 2.5, que apresenta uma síntese da proposta de Calabrese (1995).

O espanhol tem cinco fonemas vocálicos – /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ – que se mantêm tanto em posição átona como tônica, bem como em início, meio e final de palavra, segundo Navarro 1961; Rioja, 1966; Sánchez, 1989; Llorach, 1991-2000; Lloyd, 1993; Quilis, 1998-1999; Torrego, 2002.

Fonologicamente, o espanhol utiliza duas das propriedades articulatórias e acústicas que servem para a distinção dos fonemas vocálicos entre si; (i) o grau de abertura, que condiciona a maior ou menor abertura ou fechamento da vogal; (ii) a configuração da cavidade bucal segundo a posição da língua e dos lábios, refletida na maior ou menor anterioridade ou posterioridade.

Porém, em espanhol, essas diferentes realizações não estão em distribuição complementar. Somente se consideram em distribuição complementar os alofones nasalizados dos fonemas vocálicos orais [i#], [e#], [a#], [o#], [u#], uma vez que um fonema vocálico se realiza como vogal nasalizada somente quando antecede uma consoante nasal: [ma<sup>o</sup>no], [e<sup>o</sup>ntre<sup>o</sup>n]. Nas demais realizações aparece como vogal oral: [bella], [nota] ou em um ditongo ou tritongo.

Diferentemente do sistema vocálico do português, o sistema vocálico do espanhol distingue três graus de abertura: o de abertura máxima /a/, o de abertura média /e, o/, e o de abertura mínima /i, u/, formando um sistema vocálico triangular: as vogais são altas quando a língua ocupa posição mais alta dentro da cavidade bucal: [i] ou [u]; baixa, quando a língua ocupa posição mais baixa dentro da cavidade bucal: [a]; médias, quando a língua ocupa uma posição superinferior intermediária na cavidade bucal: [e], [o]. Esses cinco fonemas vocálicos possuem valor fonológico, pois distinguem o significado entre palavras: *paso/ peso/ piso/ poso/ puso/*.

O fonema /e / também se realiza foneticamente como [E] aberto e como [e] fechado, de acordo com os sons com que esteja em contato. A dificuldade do falante espanhol de

realizar a distinção entre os fonemas franceses [E] e [e], como ocorre em português nas formas s[e]co e s[E]co, por exemplo, prova a inexistência de dois fonemas vocálicos médios em sua língua nativa.

Da mesma forma, a realização fonética do fonema /o/ apresenta duas formas fonéticas: [ɔ] aberto e [o] fechado. Na aquisição do português, um falante de espanhol tende a realizar como um fonema apenas os dois fonemas do português /ɔ/ e /o/: s[o]co e s[ɔ]co, não fazendo distinção entre eles, pois tende a tratá-los como alofones, conforme ocorre em sua LM..

De acordo com o lugar de articulação, as vogais do espanhol podem ser anteriores ou posteriores; se a língua está situada na parte anterior da cavidade bucal, por debaixo do palato duro, são realizadas as vogais: [i], [e]; são vogais posteriores ou velares, se a língua está situada na parte posterior da cavidade bucal, debaixo do véu do palato: [o], [u]; e ocorre a vogal central, quando a língua está situada no centro da cavidade bucal: [a]. Conforme a ação do véu do palato, as vogais do espanhol se classificam em: orais, o véu do palato está aderido à parede faríngea, o ar fonador sai pela boca: [i], [e], [a], [o], [u] e nasais, o véu do palato não está aderido à parede faríngea; o ar sai simultaneamente pela boca e pelas fossas nasais: [i#], [e#], [a#], [o#], [u]. No espanhol, as vogais nasais têm apenas função alofônica, conforme já foi referido.

A combinação do modo e do lugar de articulação se representa por meio do chamado triângulo articulatório, que demonstra esquematicamente a posição da língua dentro da cavidade bucal, quando se articula um som vocálico.

Através da Figura 2, podemos ver as diferenças articulatórias entre os segmentos do sistema vocálico. Percebe-se claramente que [i] é mais alta e frontal que [e], que a diferença entre [i] e [u] está no fato de que uma é frontal, enquanto que a outro é posterior, e que [a] é o segmento mais baixo de todos.

Figura 2 - Triângulo articulatório das vogais espanholas

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u
Média	e		o
Baixa		a	

(Quillis, 1998, p.40)

Segundo Quillis (1998), as vogais do espanhol se caracterizam pela sua uniformidade e nitidez. A nitidez se deve ao fato de que se articulam na periferia do espaço vocálico. A uniformidade se deve ao fato de que o falante mantém a posição dos articuladores ao longo de toda a duração da vogal. Outra característica é que não existe tendência, na língua, à redução das vogais quando não levam acento prosódico, como ocorre no português. Com exceção da ditongação de algumas vogais médias devido à influência do acento, a pronúncia das vogais átonas e tônicas no espanhol somente varia no que se refere à sua duração média.

A distribuição e o funcionamento simétrico das vogais espanholas faz com que esse sistema seja considerado um sistema pouco marcado.

### 2.2.3 Diacronia das vogais portuguesas e espanholas

A maioria do léxico do português e do espanhol, cerca de 75 % das palavras, provém do latim. Em virtude desse fato, os estudos sobre o processo de aquisição desses sistemas lingüísticos têm mostrado que o índice de interferência lingüística do espanhol e do

português, idiomas com perfil lingüístico semelhante, é considerado elevado: a transferência entre vocábulos faz com que, por exemplo, a interferência fonológica de uma língua sobre a outra ocorra, sem, muitas vezes, prejudicar a inteligibilidade da mensagem.

Richman apud Colin (1990) realizou estudo em que analisou 6 500 palavras de alta frequência em espanhol e português e constatou grande coincidência em vários campos lexicais, sendo que 90% dos vocábulos são cognatos homossemânticos, 60% são cognatos idênticos, 35 % são reconhecíveis através da troca de alguns fonemas. Do campo semântico dos animais domésticos, 92% são semelhantes; do léxico referente à anatomia, 86%, e do léxico do campo semântico da gastronomia, 74 % são comuns. Porém, ao se referir o campo fonético-fonológico, constatou-se menor proximidade, visto que o português tem um inventário maior de fonemas vocálicos que o espanhol. Em resumo, Richman constatou que 60% dos vocábulos que analisou eram de acústica e ortografia idênticos, e, em se tratando de sintaxe, que a ordem canônica das orações nas duas línguas era altamente coincidente. Avaliando essas informações, pode-se considerar que o fenômeno da interferência seja natural entre o espanhol e o português.

No período clássico, do século III a.C ao I d.C, as vogais latinas /a, e, i, o, u/ dividiam-se em breves e longas; com o passar do tempo, foram evoluindo até se transformar em abertas e fechadas. No latim clássico, a função de breves e longas era distintiva e indicada pela sobreposição à letra de um sinal diacrítico – “macron” ( ¯ ) para a vogal longa e “braquia” ( ˇ ) para a vogal breve. Depois, com o uso do acento de intensidade no latim vulgar, terminou esse jogo quantitativo, deixando de ser distintiva a duração das vogais (Câmara Jr., 1976).

Dessa forma, o quadro tônico das dez vogais latinas (ver Quadro 1) passou a ser condicionado pela incidência ou não do acento de intensidade, modificando o sistema de oposições latinas. A partir da época imperial em diante, as vogais foram evoluindo até



transformar-se em abertas e fechadas, sendo que a principal diferença foi o aparecimento<sup>4</sup> de dois graus de elevação da língua: /E/ e /□/ abertos, com pouca elevação da língua, e /e/ e /o/ fechados, com maior elevação da língua, ambos em posição intermediária entre a posição baixa (/a/) e alta (/i/, /u). O grau médio aberto surgiu de /e/ e /o/ breves, enquanto que o grau médio fechado resultou da fusão das vogais médias longas e das altas breves, segundo Masip (2003).

Esse processo evolutivo aparece exemplificado no Quadro 1, a seguir apresentado.

Quadro 1 - Correspondência entre as vogais do latim clássico e do latim vulgar

Vogais do latim clássico	Vogais do latim vulgar
<b>a</b> breve : faba (fava, haba)	<b>a</b> fechado: faba, platu
<b>a</b> longo: platu (prato, plato)	
<b>e</b> breve: dece (dez, diez)	<b>E</b> aberto: dEce
<b>e</b> longo: acetu (azedo ácido)	<b>e</b> fechado: acetu

<sup>4</sup> O primeiro a mencionar a diferença de altura foi Terenciano, gramático do século III depois de Cristo; depois dele, os gramáticos seguiram mencionando essas diferenças.

<b>i</b> breve: ille (ele, él)	
<b>i</b> longo: <b>filu</b> (fio, hilo)	<b>i</b> fechado: ille, <b>filu</b>
<b>o</b> breve: rota (roda, rueda)	□ aberto: r□ta
<b>o</b> longo: flore (flor)	<b>o</b> fechado: flore
<b>u</b> breve: lupu (lobo)	
<b>u</b> longo: acutu (agudo)	<b>u</b> fechado: lupu, acutu

A seguir apresentam-se as transposições vocálicas do latim para o português e espanhol. Cabe destacar que, quanto à tonicidade, tanto o espanhol como o português mantêm o acento de intensidade predominantemente na penúltima sílaba (perfil tônico paroxítono latino), porém os fonemas vocálicos, tal como existiam no latim vulgar, apenas foram conservados pelo português, ou seja, sete e cinco vogais nas posições tônica e átona respectivamente, havendo, portanto, novo jogo de oposições.

### 2.2.3.1 A evolução das vogais em posição tônica

De acordo com Masip (2003), a vogal /a/ tônica latina, originariamente longa ou breve, permaneceu /a/ em ambas as línguas português e espanhol: *matre* (m[ã]e, m[a]dre), *palatiu* (pal[á]cio, pal[a]cio), *ala* ([a]sa, [a]la). São exceções: *fame* (f[o]me, h[a]mbre), *calamu* (c[o]lmo). Muitas vezes a vogal /a/ vem acompanhada de /i/, surgindo em português o ditongo /ei/ e no espanhol acompanhada de /e/. Assim: *laicu* (l[ej]go, lego), *basiu* (b[ej]jo, beso), *primariu* > *primairu* (prim[ej]ro, prim[e]ro), *lacte* > *laite* (l[ej]te, l[e]che). Quando a vogal /a/ está seguida de consoante palatal, provoca o aparecimento de /i/ (vogal palatal), que migra para /ei/ em português e para /e/ em espanhol: *axe* ([ej]xo, [e]je), *factu* (f[ei]to, h[e]cho), *mataxa* (mad[ej]xa, mad[e]ja).

O /e/ tônico latino longo e o /i/ tônico latino breve deram origem a um /e/ fechado em ambas as línguas: *secretu* (segr[e]do, secr[e]to), *plenu* (ch[e]io, ll[e]no), *tela* (t[e]ia, t[e]la), *site* (s[e]de, s[e]d), *pilu* (p[e]lo), *timet* (t[e]me).

Já do /e/ tônico latino breve derivou-se um som [E] aberto em português e um ditongo crescente [je] em espanhol: *serra* (s[E]rra, s[je]rra), *ferru* (f[E]rro, h[je]rro), *herba* ([E]rva, h[je]rba), *septem* (s[E]te, s[je]te), *pede* (p[E], p[je]), *petra* (p[E]dra, p[je]dra). Exceções: *metu* (m[e]do, m[ʒe]do). Quando o /e/ latino surge em sílaba travada por consoante nasal, a vogal /e/ tende a fechar-se em português, mas tende a conservar a ditongação em espanhol: b[e]ne (b[e]m, b[je]ne), t[e]net (t[e]m, t[je]ne). Já o /e/, acompanhado de /i/ e /u/ ou de consoante vocalizável, tende a perder a abertura em português e, às vezes, a ditongação crescente em espanhol: *materia* (madeira, mad[ej]ra), *pretiu* (pr[e]ço, pr[e]cio), *Deus*(D[jo]s), *pectu* (p[ej]to, p[e]cho).

O /i/ latino passou a realizar-se como /i/ em ambas as línguas. Assim: *scritu* (escr[i]to), *mille* (m[i]l), *filia* (f[i]lha, h[i]ja), *filu* (f[i]o, h[i]lo) *sutilis* (sut[i]l).

O /o/ tônico latino, originariamente breve (algumas vezes, longo), realiza-se como [o] aberto em português e como ditongo crescente [we] em espanhol: *rota* (r[o]da, r[we]da), *porta* (p[o]rta, p[we]rta), *focu* (fogo- f[o]gos, f[we]go), *grosso* (gr[o]sso –gr[we]sso, gr[we]sso), *costa* (c[o]sta, c[we]sta), *ossu* ([o]sso- [we]ssos, h[we]so), *forte* (f[o]rte, f[we]rte), *porco* (porco- p[o]rcos, p[we]rco), *morte* (m[o]rte, m[we]rte), *porto* (p[o]rto – p[we]rtos, p[we]rto) *dormit* (d[o]rme, d[we]rme), *molle* (m[o]le, m[welle]), *potet* (p[o]de, p[we]de), *novu* (n[o]vo- n[we]vos, n[we]vo), *novem* (n[o]ve, n[we]ve), *morit* (m[o]rre, m[we]re), *mola* (m[o]la, m[we]la).

O /o/ tônico latino, originariamente longo (algumas vezes, breve), e o /u/ tônico breve, originam um [o] fechado em ambas as línguas. Dessa forma temos: *amore* (am[o]r), *totu* (t[o]do), *hodie*(h[o]je, h[o]y), *forma* (f[o]rma- de sapateiro em português / abstrato em

espanhol – forma abstrato em português - horma de sapateiro em espanhol), *corte* (c[o]rte), *cognoscere* (c[o]nhecer, c[o]nocer), *votum* (b[o]da), *scopa* (esc[o]va, esc[o]ba), *flore* (fl[o]r), *aquosos* (aqu[o]so, acu[o]so), *furca* (f[o]rca, h[o]rca), *super* (s[o]bre). Caso a vogal /o/ seja seguida de /i/ ou de consoante vocalizável, torna-se fechado em português e pode apresentar ditongação, ou não, em espanhol: *morir* (m[o]rro, m[we]ro), *coriu* (c[ow]ro ou c[oj]ro, c[we]ro), *octo* ([oj]to, [o]cho), *nocte* (n[oj]te, n[o]che).

O /u/ tônico latino, originariamente longo, e o tônico longo produzem quase sempre /u/ em ambas as línguas: *acutu* (ag[u]do), *securu* (seg[u]ro), *octobre* (out[u]bro, oct[u]bre), *dormio* (d[u]rmo, d[we]rmo), *nullu* (n[u]lo), *duru* (d[u]ro), *muru* (m[u]ro), *culo* (c[u], c[u]lo), *pulice* (p[u]lga), *tu* (t[u]).

O /u/ tônico latino, originariamente breve, produz [o] fechado em ambas as línguas; *bucca* (b[o]ca), *f[u]rca* (f[o]rca, h[o]rca), *d[u]lce* (d[o]ce, d[u]lce - palavra erudital), *surdu* (s[u]rdo - palavra erudital, s[o]rdo), *ursu* ([u]rso - palavra erudita, [o]so), *lumbu* (l[o]mbo, l[o]mo), *musca* (m[o]sca), *pulvere* (p[ó], p[o]lvo), *gula* (g[o]la), *lutu* (l[o]do), *cruce* (cr[u]z - palavra erudita), *nuce* (n[o]z, n[u]ez).

### 2.2.3.2 A evolução das vogais em posição átona

De acordo com Masip (2003), as vogais iniciais se conservaram tanto em português como em espanhol: *amicu* (amigo), *caballu* (cavalo, caballo), *recitare* (rezar), *securu* (seguro), *riparia* (ribeira, ribera), *collocare* (colocar, colgar), *nominare* (nomear, nombrar), *vagina* (bainha, vaina). No entanto, há exceções: as vogais procedentes de /i, u/ latinas breves podem mudar para /e, o/, respectivamente: *minutu* (miúdo, menudo), *superbia* (sobera, soberbia). A vogal /a/ inicial pode transformar-se em /ei, e/; (*lactuca* lechuga – somente em espanhol), *basiare* (beijar, besar), e em /ou,o/ quando seguido de /u/ ou /l/ velarizado: (*laudare* -louvar,

loar), *autumnu* (outono, otoño). Em alguns casos, devido à queda de uma consoante medial, muda a vogal – pelo fenómeno da assimilação à vogal seguinte –, apenas numa das línguas: *palambu* (pombo, palomo).

Quando a vogal inicial não é precedida de consoante, pode desaparecer, ficar, mudar ou nasalizar-se: *amaricare* (amargar), *acume* (cume, cumbre), *horologiu* (relógio, reloj), *epigru* (prEgo), *episcopu* (bispo, obispo), *exameine* (enxame, enjambre), *ejectare* (enjeitar, eyectar), *hibernu* (inverno, invierno). Houve também mudança por assimilação ou aproximação de outra vogal: *bilancia* (balança, balanza), *novacula* (navalha, navaja), *mirabilia* (maravilha, maravilla). Também houve mudança por dissimilação ou afastamento de outra vogal: *rotundo* (redondo), *tonsoria* (tesoura, tijera). Houve mudança de /e/ para /a/ na maior parte dos contextos: *verrere* (varrer, barrer), *Regina* (rainha, reina), *tripale* (trabalho, trabajo). Houve mudança de /e/ para /i/: *denariu* (dinheiro, dinero). Acréscimo de vogal: *nannu* (anão, enano), *vulture* (abutre, buitre). Houve mudança de /as, os/ por /es/: *abscondere* (escondere), *obscuru* (escuro, oscuro).

#### 2.2.3.2.1 As vogais pretônicas

As vogais pretônicas, segundo Masip (2003), se perderam no processo evolutivo do latim às línguas portuguesa e espanhola. Havendo duas pretônicas, desaparece a que fica mais próxima do acento: *verecundia*>*vergunia* (vergonha, vergüenza), *operariu*>*oprario* (obreiro [operário é voz culta], obrero), *amaricare* (amargar), *solitáriu* (solteiro, soltero), *honorare* (honrar), *septimana* (semana), *consutura* (costura), *vicinitate* (vizinhança, vecindad). Há exceções: a pretônica conserva-se quando é /a/, sem importar o contexto, ou outra vogal qualquer, sempre que for precedida ou seguida de um grupo consonantal: *mirabilia*

(maravilha, maravilla), *juramentu* (juramento), *paradiso* (paraíso), *precuntare* (perguntar, preguntar).

#### 2.2.3.2.2 As vogais postônicas

Seguindo Masip (2003), a vogal postônica normalmente desaparece na evolução tanto em se tratando do português como do espanhol: *duodecim* (doze), *lepore* (lebre, liebre), *hedera* (hera, hidra), *arbore* (árvore, árbol), *generu* (genro, yerno), *oculu* (olho, ojo), *populu* (povo, pueblo), *pulica* (pulga), *humeru* (ombro, hombro). A exceção é que a vogal postônica se conserva, como no caso da pretônica, quando se trata de /a/: *raphanu* (rábano), *asparagu* (aspargo, espárrago).

As vogais finais reduzem-se a três: /a, e, o/. Nesse caso, a vogal /a/ se conserva: *rosa* (rosa). O /e - i/ longos e breves passam para /e/ relaxado (som de [i] em português): *aperit* (abre), *unde* (onde, donde), *consuetudine* (costume, costumbre), *dixi* (disse, dije), *martis* (marte, martes). O /e/ se perde quando sucede as consoantes /n/, /l/, /r/ e /s/ em ambas as línguas: *fine* (fim, fin), *fidele* (fiel), *mense* (mês, mes), *luce* (luz); em português permanece, após /t/ e /d/: *virtude* (virtude, virtud), *felicitate* (felicidade, felicidad), *tranquillitate* (tranqüilidade, tranqüilidad). As vogais /o – u/ longos ou breves passam para /o/ relaxado (som [u] em português): *cito* (cedo [só em português]), *quomodo* (como), *quaero* (quero, quiero), *dominu* (dono, dueño). Os substantivos procedentes de palavras latinas terminadas em **udinem**, **onem** ditongam-se na última sílaba, em português, e transcrevem-se travados por consoante, em espanhol: *solicitudinem* > *solitudine* (solidão, soledad), *sermonem* (sermão, sermón). Nas conjugações verbais, as vogais finais aparecem livres em ambas as línguas (amem (ame)) ou travadas por /n/, em espanhol, e ditongadas ou travadas por /m/, em português: cantant (cantam, cantan), cantabunt (cantarão, cantarán).

### 2.2.3.3 A diacronia dos hiatos e a sua realização em português e em espanhol

Os hiatos são seqüências de vogais contíguas que não formam ditongo no nível fonético, tanto no português como no espanhol. De acordo com Masip (2003), o latim clássico possuía muitos hiatos, que se desfizeram na fala popular: *cooperire* > *coprire* (c[**o**]brir, c[**u**]brir). A maior parte dos encontros vocálicos procedentes do latim diluiu-se com o tempo, mas alguns deles perduraram em ambas as línguas, puros ou disfarçados: *sustinere* (soteer>sost[**e**]r, sosten[**e**]r), *videre* (veer>v[**e**]r [v[**êe**]m, em português]), *pede* (pee > p[**é**], p[**ie**]), *solu* (soo>só, s[**o**]lo), *crudu* (cruu>cr[**u**], cr[**u**]do), *credere* (creer>cr[**e**]r, cr[**ee**]r - várias formas verbais espanholas), *legere* (leer {l[**êe**]m, em português, l[**ee**]r [várias formas verbais espanholas]). Alguns deles suavizam-se em português pela inclusão de /i/: *credo* (cr[**e**]o, cr[**eo**]), *saborea* (sabor[**e**]a, sabor[**e**]a), *freo* (fr[**e**]o, fr[**e**]no), *feo* (f[**e**]o, f[**e**]o), *cea* (c[**e**]a, c[**e**]na).

No latim clássico, as vogais constituíam núcleo silábico e apareciam em qualquer posição na palavra (inicial, medial, final), somente com algumas restrições de ocorrência relacionada com a posição do acento. Sendo tônicas, as sete vogais apareciam no início e no meio da palavra, e, em posição átonas, reduziram-se em cinco, tanto em posição pretônica como postônica, com tendência à síncope.

### 2.2.3.4 A diacronia dos ditongos e a sua realização em português e em espanhol

Assim como as vogais longas e breves do latim clássico evoluíram para fechadas e abertas, houve os ditongos que se cristalizaram em português e espanhol.

Os ditongos são sílabas que têm uma seqüência constituída de vogal como núcleo e semivogais ou semiconsoantes como margens.

Masip (2003) aponta, especificadamente, três ditongos latinos, sempre longos: /**ae**/ – **caecus** (c[**e**]go, c[**je**]go) , /**oe**/ – p[**oe**]na (p[**e**]na), /**au**/ – **causam** (c[**au**]sa).

O ditongo /**ae**/ pronunciava-se no latim clássico [**aj**] e evoluiu rumo à monotongação, ou seja, para um som vocálico simples, [e] > [E], no latim vulgar e, posteriormente, nas línguas românicas, cristalizando-se em [E] aberto em português e em ditongo crescente [je] em espanhol: *quaerit* (qu[**E**]r, qu[**je**]re), *caeco* (c[**E**]go, c[**je**]go), *caelu* (c[**E**]u, c[**je**]lo).

No latim clássico pronunciava-se [**oe**], que passou à vogal simples e fechada [e] ou ditongo [ej] em ambas as línguas: *poena* (p[**e**]na), *coena* (c[**ej**]a, cena), *foedu* (f[**ej**]o, f[**e**]o).

O ditongo /**au**/ do latim clássico manteve-se no latim vulgar, e passou para [**ow**] em português e evoluiu para uma vogal simples em espanhol e em outras línguas neolatinas /o: *audit* ([**ow**]ve, [o]ye), *paucu* (p[**ow**]co, p[o]co), *tauru* (t[**ow**]ro, t[o]ro), *auru* ([**ow**]ro, [o]ro), *pauper* (p[□]bre, pobre), *lauru* (l[**ow**]ro, l[**aw**]ro - variante erudital).

Ainda quanto aos ditongos em latim vulgar, houve a queda da consoante /v/, ou da vogal /u/ da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito **avi** (ou **auī**), apenas nos verbos da 1ª conjugação, originando uma seqüência vocálica, a princípio dissilábica, que acabaria por tornar-se ditongo e passaria ao português como /ei/, simplificando-se em espanhol como /e/: *cantavi* > *cantai* (cant[**ei**], cant[**é**]).

Embora qualquer vogal possa transformar-se e dar origem a um ditongo, se tem as condições e os lugares adequados, a forma mais geral de ditongação em romance é a que afetou as vogais médias abertas do latim tardio /E/ e /□/. A ditongação de /E/ e /□/ tônica do latim tardio aparece logo em tantas línguas que é legítimo investigar suas origens no próprio latim tardio (Straka, apud Lloyd, 1993, p.193).



Considera-se que os ditongos resultantes de /E/ e /□/ são quase invariavelmente ditongos com glide inicial (ditongo crescente): [je, ja, j↔, wo, wa].

Supõe-se que seja necessário que a vogal ditongada ficasse mais longa, e, assim, poderia experimentar alteração em sua articulação. A quantidade longa, obviamente, é algo relativo, sendo suficiente apenas que a vogal fosse tônica. A antiga distinção fonológica de quantidade deu lugar a uma distinção fonética, que dependia da posição do acento na palavra. Dessa forma, todas as vogais tônicas eram mais longas que as átonas e pode-se observar que, com raras exceções, foram as vogais tônicas as que ditongaram.

Sendo assim, no início do processo, talvez a primeira parte da vogal fosse mais alta que o núcleo. Pode-se representá-lo da seguinte maneira: [o.o, e.e]. Portanto, pode-se imaginar que o que aconteceu não foi tanto a ascensão da parte inicial da vogal, com o exagero da abertura da parte central, sendo possível representar esse processo da seguinte maneira: [oo7, ee7] (Straka, Spore, apud Lloyd, 1993, p.195). A posterior alteração de uma das duas partes – a inicial ou a do núcleo –, ou as duas, serviu para distinguir ainda mais as diferentes partes da vogal, de modo que, com o tempo, a parte inicial se fechou o suficiente para transformar-se em semiconsoante [w,j], enquanto que o núcleo da vogal pôde abrir-se o suficiente para chegar a identificar-se com a preexistente vogal baixa central /a/: [wa, ja].

Para afirmar a idéia de que a ditongação, em sua origem, afetou somente a primeira parte da vogal, e de que as únicas vogais afetadas ao princípio do processo foram as vogais médias baixas do latim tardio, há comprovação na maior parte das línguas românicas. Quando há ditongação (menos em português, e alguns dialetos modernos, em sardo, galo-romance e catalão), são normalmente essas vogais as afetadas, e os resultados são sempre ditongos crescentes. Comprova-se também que a forma do ditongo resultante de /E/ e /□/ em certos dialetos nortenhos do português moderno é a de um ditongo crescente: *piera* por *pera* ‘*pera*’, *tiempo* por *tempo* ‘*tiempo*’, *fuorti* por *forte* ‘*fuerte*’, *fuogo* por *fogo* ‘*fuego*’, etc. O mesmo

acontece no dialeto Quérigut na França: quando ditongam /E/ e /□/ , adotam a forma [je7] e [wo7] (Seguy, apud Lloyd, 1993, p.197). Naturalmente, esses ditongos são modernos, e, evidentemente, não têm conexão com a primitiva ditongação românica, mas servem para provar que a ditongação espontânea pode adotar a forma de ditongação crescente.

Tendo em vista que os ditongos se desenvolveram a partir de vogais simples, pode-se afirmar que a ditongação não é mais que uma variação na realização de uma parte da vogal alongada. Para o falante e para o ouvinte seria uma só vogal e o acento afetaria a sua totalidade e não a uma ou outra parte.

De acordo com Andersen (1972), trata-se no começo do processo de uma “ditongação fonética” ou inovação fonética pela qual um segmento chega a realizar-se como ditongo segmental. Somente mais tarde chega-se ao que se pode chamar de “ditongação fonológica”, que consiste, segundo o autor, na reinterpretação de apenas um segmento como seqüência de segmentos.

### **2.3 Pressupostos da Teoria Autossegmental**

Na fonologia gerativa clássica, proposta por Chomsky & Halle (1968), havia o pressuposto de que os segmentos eram compostos de traços distintivos, dispostos em matrizes, sem qualquer hierarquia entre eles. Um aspecto importante nesse modelo linear era que nenhuma matriz se comunicava com a outra, e cada matriz caracterizava um segmento e somente aquele segmento; havia relação de bijetividade entre segmento e a matriz de traços que o caracterizava, sendo que a omissão de um segmento resultava no desaparecimento da matriz inteira. No fim dos anos 70, Goldsmith (1976) estudando as línguas tonais, constata que se alguns segmentos são apagados, o tom que recaía sobre eles poderia permanecer

flutuante e passar para segmentos vizinhos. Esse fenômeno não podia ser explicado com a teoria linear, surgindo, assim, como um problema para a proposta de Chomsky & Halle.

Esse tipo de problema proporcionou o surgimento de modelos não-lineares, que operam com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços, mas permitindo a segmentação independente de partes dos sons das línguas, ou seja, trata os traços como autossegmentos.

Nessa perspectiva fonológica, os traços têm *status* autônomo, por isso a denominação Fonologia Autossegmental. Essa teoria não-linear propõe ainda uma hierarquia entre os traços que compõem um segmento, determinando que os traços podem funcionar isolados ou em conjuntos, pretendendo justamente atribuir organização hierárquica à representação de traços, em função de seu comportamento nas regras fonológicas.

Ao agrupamento dos traços em classes, a teoria Autossegmental denomina *nó de classe*. Todos os traços estão dispostos em uma estrutura hierárquica de árvore, ou seja, a representação arbórea consiste de *nós de classe*, sob os quais estão agrupados os traços fonológicos. Os nós de classe, por sua vez, estão ordenados sob um único *nó de raiz*, que é o nó mais alto da estrutura e que expressa a unidade fundamental do segmento analisado, dominado por uma unidade abstrata de tempo. Essa organização hierárquica resulta de uma representação em camadas autônomas ou *tiers*, que está de acordo com a natureza componencial dos sons da fala.

A geometria dos traços, primeiramente proposta por Clements (1985), Clements (1991) e aperfeiçoada por Clements e Hume (1995), determina, portanto, que os segmentos são representados por uma estrutura interna de configurações de nós hierarquicamente ordenados, onde os *tiers* terminais são traços fonológicos e os nós intermediários são classes de traços. Essa estrutura hierarquizada representa de forma natural os processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, com base no princípio de que as regras fonológicas

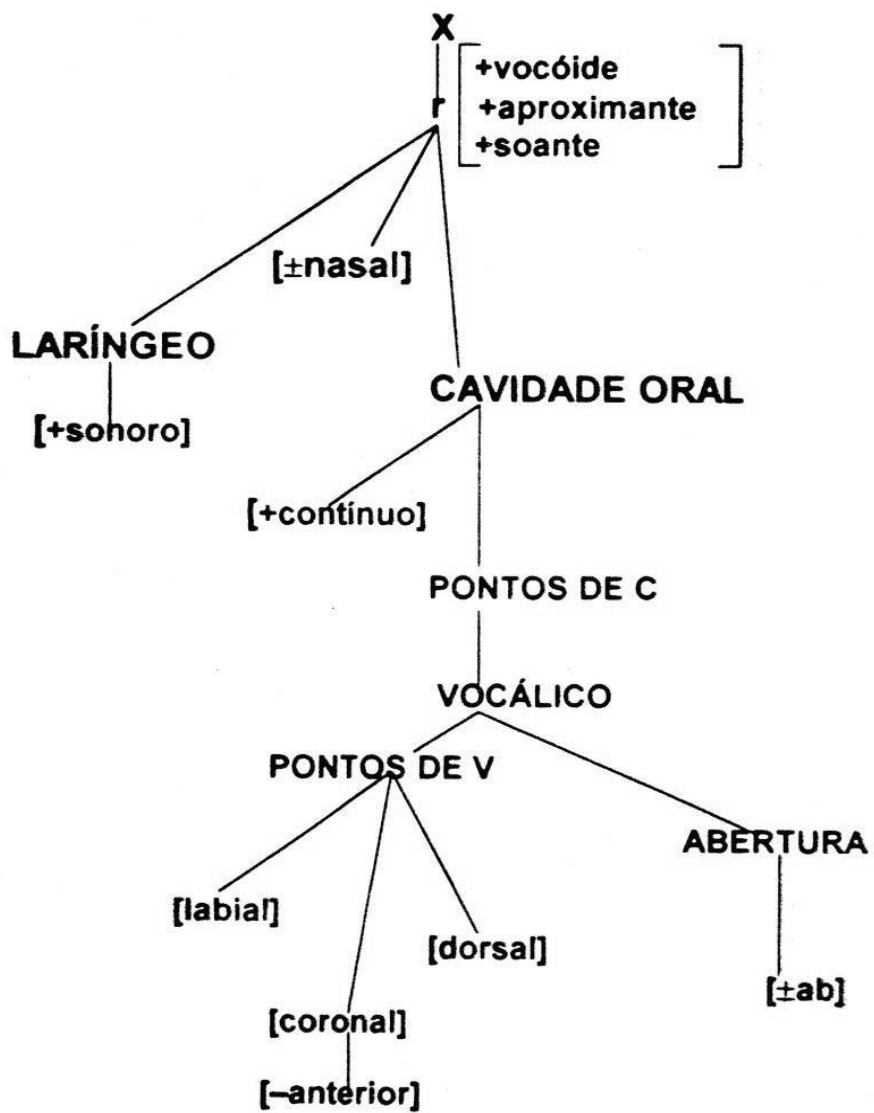
constituem uma única operação na geometria. Por conseguinte, na mesma estrutura, estão sob o mesmo nó de classe os traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos.

Segundo Clements & Hume (1995), os nós de classe, sob os quais está o nó de raiz (composto pelos traços [soante], [aproximante] e [vocóide]), são ligados por linhas de associação: são o nó laríngeo, o nó da cavidade oral, o nó do ponto de articulação das consoantes, o nó vocálico, que domina o nó da abertura das vogais, e o nó do ponto de articulação das vogais.

As representações a seguir demonstram a hierarquia de um segmento consonantal e vocálico, conforme a proposta de Clements e Hume (1995, p. 292):

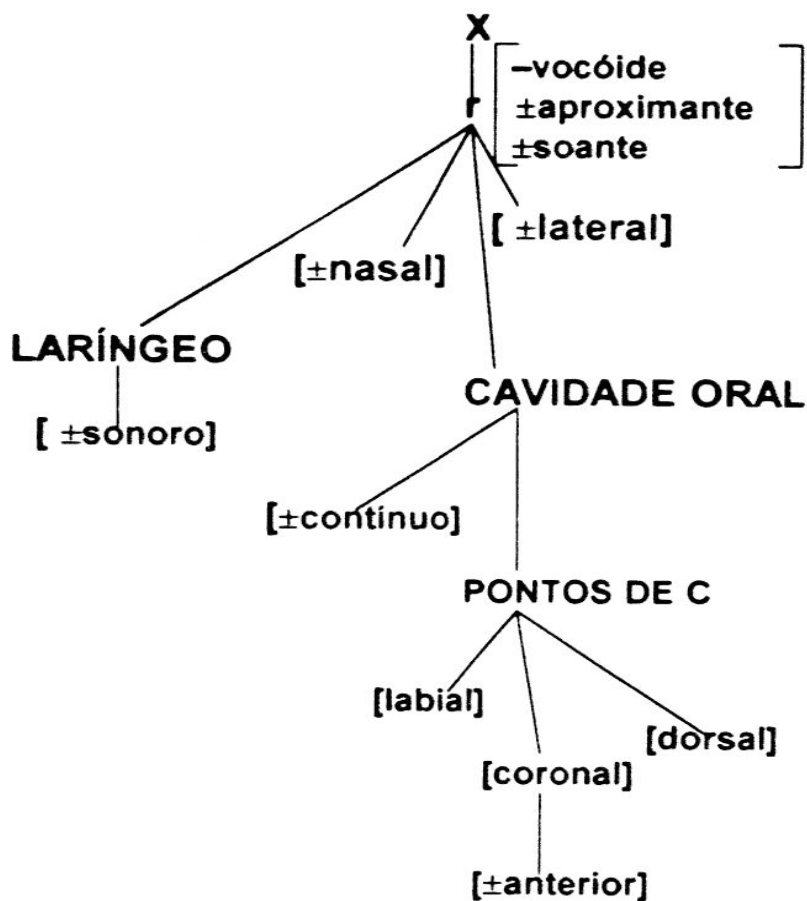
(6) Segmento vocálico conforme a proposta de Clements e Hume (1995, p. 292)

# Vogais



(7) Segmento consonantal conforme a proposta de Clements e Hume (1995, p. 292)

## Consoantes



### 2.3.1 A visão autossegmental do sistema vocálico do português

A partir da proposta autossegmental de Clements (1991), Wetzels (1992, p.20) representa as distinções de altura das vogais do português brasileiro através de traços de abertura. As vogais tônicas ficam definidas como (8) mostra:

(8)

abertura	i / u	e / o	E / □	a
----------	-------	-------	-------	---

aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

(Wetzels, 1992, p. 22)

Wetzels concorda com Câmara Jr. quando afirma que o português brasileiro possui sete vogais em posição tônica, cinco vogais em posição pretônica, quatro postônicas não-finais e somente três postônicas finais. Segundo os autores, essa redução do sistema vocálico em posições átonas deriva do processo de neutralização.

De acordo com o modelo autossegmental, Wetzels representa a neutralização das vogais átonas do português brasileiro como desassociações de traços de abertura. A neutralização das átonas é apresentado em (9).

(9) Neutralização de vogal átona

[ - acento 1 ]

|

X

|

[ + vocóide ]

—|—  
—|—

[ + aberto 3 ]

Domínio: palavra fonológica

Constata-se em (8) que somente no *tier* [aberto 3] ocorre o contraste entre as vogais médias alta e baixa. Pela regra de neutralização, a vogal que está na posição tônica dentro da palavra fonológica será desassociada do [+ aberto 3]. No momento em que se desassocia esse *tier*, a vogal fica subespecificada, sendo necessária a aplicação de uma regra de redundância, para que se dê a sua realização fonética, que atribui ao segmento vocálico o valor não-

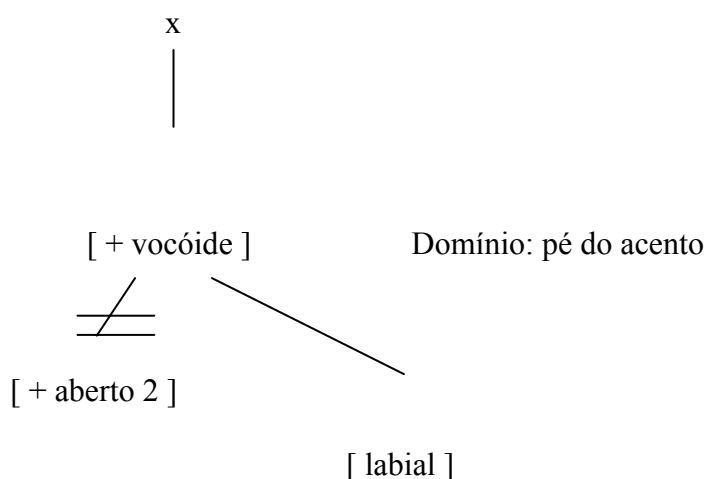
marcado do traço. Em (10) mostra-se a regra de redundância proposta por Wetzels (1992, p. 22)

(10) [ O aberto x ] → [ - aberto x ]

Com a aplicação dessa regra, o desligamento do [+ aberto 3] em (10) determina a posterior inserção do valor [- aberto 3], manifestando a realização fonética das vogais médias altas [e] e [o] em posições átonas na língua. Ex.: p[ɔ]rta – p[o]rteiro, p[E]dra – p[e]dreiro.

Para explicar a neutralização das postônicas não-finais, Wetzels (1992, p.27) formula a seguinte regra, mostrada em (11):

(11) Neutralização da vogal postônica não-final



Por essa regra, a distinção entre [o] e [u] em posição postônica não-final é neutralizada, isto é, quando a vogal [o] estiver à borda do pé do acento em palavras proparoxítonas.

Segundo Bisol (1992), a atribuição do acento primário ocorre com base na formação de pés troqueus, não iterativos, da direita para a esquerda. Em palavras proparoxítonas, a última sílaba da palavra deve ser considerada extramétrica, ficando, portanto, invisível no momento da construção do pé troqueu que dará a base para o acento da palavra. Na palavra *pérola* ocorre o seguinte, mostrado em (12):



(12) Péro<la>

(\* .)

Nesse caso, a sílaba *ro* fica na borda direita (lado fraco) do pé métrico e a vogal /o/ está atendendo ao contexto da regra (11): sofre o desligamento do [+ aberto 2] e, após a aplicação da regra de redundância expressa em (10) – a qual preenche esse *tier* como [- aberto 2-] manifesta-se foneticamente como [u], tendo-se, assim, as formas pér[u]la, abób[u]ra, fósf[u]ro, côm[u]da, árv[u]re, por exemplo.

Em posição postônica final, conforme já mencionado anteriormente, o sistema vocálico é reduzido a três vogais. As vogais médias, nessa posição, seguidas por soantes, em sílaba fechada, tendem a não sofrer neutralização. Por exemplo, *elétron*, *repórter*, *louvável*. E dificilmente existirão formas como \*repórt[i]r, \*louváv[i]l. Já, em sílabas fechadas por consoantes nasais as vogais médias sofrem neutralização. Assim, hom[e]m > hom[e] > hom[i]. Em sílabas fechadas pela sibilante /s/, antecedidas por vogais médias, ocorre tanto o processo de apagamento, como o de elevação. Dessa forma, vamos > vam[u]O, fale > fal[i]O, dentes > dent[i]s, goles > gol[i]s.

Pode-se dizer que a neutralização da postônica final ocorre com as vogais médias em sílaba leve final de uma palavra qualquer ou em sílaba fechada por /s/, desassociando [aberto2] em posição final.

Segundo Wetzels (1992, p.27) a regra para as postônicas em final de palavra é a mostrada em (13):

(13) Neutralização da vogal postônica final

X w  
|

[ + vocóide ]

Domínio: pé do acento



[ + aberto 2 ]

Desligado o traço [ + aberto 2 ] e aplicada a regra de redundância mostrado em (10), em posição átona, em lugar das vogais médias, manifestam-se as vogais médias altas [i] e [u].

### 2.3.2 A visão autossegmental do sistema vocálico do espanhol

Considerando as propostas de Clements (1991) e de Clements e Hume (1995) para a caracterização da altura das vogais das línguas do mundo por meio do traço de abertura , que integra níveis que têm caracterização binária, e considerando a proposta de Wetzels (1992) para a representação da altura das vogais do português, conforme foi referido na seção precedente deste trabalho, pode-se caracterizar, segundo a visão autossegmental, o sistema vocálico do espanhol conforme aparece em (14).

(14)

abertura	i/u	e/o	a
aberto 1	-	-	+
aberto 2	-	+	+

Assim, com base na proposta autossegmental, a diferença entre os sistemas vocálicos do português e do espanhol reside no fato de este apresentar um nível a menos de abertura. Isso ocorre porque no espanhol não há dois níveis de abertura de vogais médias, diferentemente do que se verifica no sistema vocálico do português.

## 2.4 Considerações sobre a noção de marcação

O conceito de marcação foi inicialmente utilizado pela Escola de Praga e serviu para definir a propriedade específica de um dos elementos de uma oposição – o elemento marcado era aquele que apresentava uma propriedade extra.

Ao estudar os inventários fonológicos Jakobson (1968), estabeleceu a existência de leis implicacionais de cunho universal que preconizam que o valor não-marcado de um traço seja o primeiro a aparecer na aquisição da linguagem, e também que a presença de um segmento marcado em um sistema sempre implica a presença de sua contraparte não-marcada. O estudo do comportamento de diferentes sistemas lingüísticos comprova o exposto, já que línguas que contêm, por exemplo, vogais frontais arredondadas também contêm vogais frontais não-arredondadas, já que estas são menos marcadas do que aquelas. Em se considerando o processo de aquisição do português brasileiro, o estudo de Rangel (2002) demonstrou que as vogais [E, □] foram adquiridas mais tardiamente que as [ε, o]. Já um estudo de Bonilha (2000) revelou que, apesar de a emergência de /E/ e /□/ ser mais tardia do que as vogais médias altas /ε/ e /o/, a estabilização de /□/ se dá em períodos anteriores a /o/.

Ainda em relação a esse fato, pode-se concluir, com base nos estudos aqui apresentados, a confirmação de Jakobson (1968) de que os primeiros contrastes, na aquisição da fonologia, se dão entre /α/ versus /ε/ ou /ι/ e somente depois é inserida a vogal /o/.

De acordo com Alcântera (1998) Chomsky & Halle (1968) alteraram um pouco o conceito de marcação. Para esses gerativistas, o valor marcado ou não-marcado de determinado traço é influenciado pelo contexto em que se realiza, ou seja, o valor de marcação de um traço depende da coocorrência deste traço em relação a outro. Essa relação de dependência entre os traços de um mesmo segmento permite que sejam estabelecidas relações de hierarquia entre os traços.

Para Chomsky & Halle (1968), a marcação não é mais tratada como uma propriedade das fonologias das línguas, consideradas individualmente, conforme defendiam os estruturalistas; a marcação passou a ser vista como universal e parte de uma teoria fonológica geral, que pretende captar as generalizações lingüisticamente significativas, caracterizadoras dos sistemas de sons (Alcântara, 1998). Com base nos universais em aquisição de linguagem, os gerativistas afirmam que os sons não-marcados são adquiridos pelas crianças, geralmente, mais cedo do que os sons marcados, seguindo o que já havia sido dito por Jakobson. Também afirmam que os sons não-marcados são, geralmente, mais freqüentes nos inventários de sons da língua e, na mudança lingüística, há a tendência de os sons marcados serem alterados para os não-marcados.

Em sua proposta, Chomsky & Halle (1968, p.384) introduziram, na teoria, as chamadas convenções de marcação, segundo as quais a marcação de traços depende das coocorrências que apresenta, ou seja, do ambiente em que aparecem. Desse modo, aplicam-se às vogais convenções de marcação, tais como:

a. Convenção que especifica que a vogal não-marcada para o traço baixo é [+baixo] quando a vogal também é não-marcada para posterior e arredondado; não sendo assim, é [-baixo].

b. Convenção que especifica que o valor não-marcado para o traço alto é [+].

c. Convenção que especifica o traço posterior para as vogais baixas. As vogais não-baixas não estão sujeitas a essa convenção e deverão ser especificadas como [+] ou [-], nas representações lexicais.

d. Convenção que especifica que o traço arredondado para vogais baixas e não baixas. Nas vogais não-baixas, os traços [posterior] e [arredondado] têm o mesmo coeficiente se a vogal é não-marcada para arredondamento; a vogal baixa não-marcada para arredondamento é [-arredondado].

Os efeitos dessas convenções de marcação são observáveis em (15):

(15)

	$\alpha$	$\iota$	$\upsilon$	$\Theta$	$\square$	$\varepsilon$	$o$	$\ddot{u}$	$\backslash$	$\downarrow$	$\ddot{o}$	$\wp$
Baixo	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>m</i>	<i>m</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>m</i>	<i>u</i>	<i>u</i>
Alto	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>m</i>	<i>m</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>m</i>	<i>m</i>
Posterior	<i>u</i>	-	+	<i>m</i>	<i>m</i>	-	+	-	+	<i>m</i>	-	+
Arredondado	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>m</i>	<i>m</i>	<i>m</i>	<i>m</i>	<i>m</i>
Complexidade	0	1	1	2	2	2	2	2	2	3	3	3

*u* = não-marcado, *m* = marcado

(Chomsky & Halle, 1968, p.385)

A complexidade de um sistema é igual à soma dos traços marcados de seus membros. Dessa forma o espanhol, que tem um inventário vocálico formado pelas vogais / $\alpha$ ,  $\varepsilon$ ,  $\iota$ ,  $o$ ,  $\upsilon$ /, apresenta grau de complexidade seis, enquanto que o sistema / $\alpha$ ,  $\varepsilon$ ,  $\iota$ ,  $o$ ,  $\Theta$ / também formado de cinco vogais, terá grau oito de complexidade.

## 2.5 Pressupostos da Teoria da Marcação Baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação – proposta de Calabrese

A teoria apresentada por Calabrese (1988, 1995) tem, como idéia central, a noção de complexidade fonológica. Os traços distintivos são considerados marcados ou não-marcados em razão da coocorrência com outros traços, uma vez que o modelo trata os segmentos como conjuntos de traços distintivos; dessa forma, um traço isolado jamais poderá ser considerado marcado ou não-marcado. Como nem todas as combinações de traços têm o mesmo *status*, a complexidade acústica/articulatória de uma dada combinação é expressa através de uma

‘condição de marcação’, contida na Gramática Universal (GU), a qual só poderá se realizar se for desativada.

A complexidade de um segmento é determinada pela quantidade de traços marcados que este possui. Alguns sons da fala contêm mais traços marcados que outros. No caso do inventário fonológico do português, como também no do espanhol, ambos possuem as vogais /i/, /u/ e /a/ que são definidas inteiramente por traços não-marcados; já as vogais médias contêm traços marcados.

Quando há a impossibilidade acústica/articulatória de determinadas combinações de traços, esta é expressa através de uma proibição que exclui a coocorrência de traços relevantes; por exemplo, é proibida a coocorrência dos traços \*[+baixo, +alto]. É por meio de ‘condição de marcação’ que é formalizada a complexidade acústica/articulatória de determinadas combinações de traços. Por outro lado, o segmento que possui uma combinação de traços com valores contrários àqueles da condição de marcação é considerado ótimo.

As línguas possuem segmentos que contêm combinações de traços ótimos e segmentos com combinações de traços marcados. Um segmento caracterizado por uma combinação de traços mencionada em uma condição de marcação pode ocorrer numa língua se houver a *desativação* da condição de marcação.

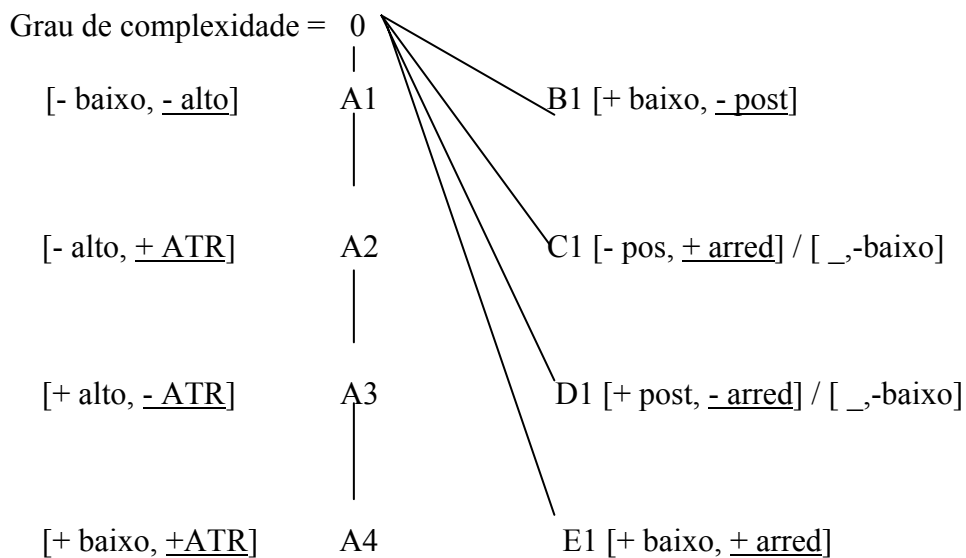
Nem todas as combinações de traços encontradas nas línguas do mundo têm o mesmo grau de complexidade; existem algumas mais complexas e, conseqüentemente, essas são menos encontradas. Na GU, essa distinção de complexidade é representada pela organização hierárquica de condições de marcação. É na hierarquia de complexidade das configurações que as considerações extra-fonológicas – articulatórias e acústicas – mostram desempenhar um papel relevante na determinação dos sistemas fonológicos.

Na proposta de Calabrese (1995), uma estrutura de árvore, conforme aparece na figura (16), apresenta a organização hierárquica da lista de condições de marcação necessárias para a

constituição de sistemas vocálicos. Essa representação hierárquica explicita que o sistema vocálico /i, u, a/ é totalmente não marcado e possui grau de complexidade zero. Uma das evidências para que o sistema de três vogais seja também considerado menos marcado é o fato de ser o primeiro a aparecer no processo de aquisição da linguagem (Jakobson, 1968).

As vogais não existentes em um sistema lingüístico implicam o fato de que as condições de marcação que elas apresentam estão ‘ativas’ no sistema; isso quer dizer que as coocorrências de traços que essas vogais apresentam não integram a fonologia daquela determinada língua. A expansão de qualquer sistema vocálico pode-se realizar através da desativação de condições de marcação, ou seja, cada nova vogal introduzida num sistema fonológico representa a desativação de uma condição de marcação e o conseqüente aumento da complexidade desse sistema.

(16) Hierarquia de complexidade segundo o Modelo de Calabrese (1995)



A representação arbórea proposta por Calabrese (1995) para a representação dos sistemas vocálicos mostra cinco ramos, sendo que o ramo A da árvore contém 4 condições de marcação, enquanto que os outros ramos contêm apenas uma. A ordem existente entre as quatro condições de marcação presentes no ramo A reflete uma relação implicacional, no sentido de que, se o grau de complexidade identificado por uma condição de marcação em um

certo nó é permitida, necessariamente as configurações identificadas por condições de marcação mais próximas da raiz no mesmo ramo também deverão ser permitidas. Dessa forma, a desativação de uma dada condição de marcação no ramo A resulta na desativação das outras condições mais próximas à raiz nesse ramo.

Em se considerando o sistema vocálico do português, é necessária a desativação de duas condições de marcação presentes no ramo A da hierarquia de complexidade: A1 [-bx, -alt], que caracteriza as vogais médias baixas /E, □/, e A2 [-alt, +ATR], que representa as vogais médias altas /e,o/. Conforme já foi referido, se for desativado o grau de complexidade de uma configuração no nó mais baixo do ramo A, esse fato acarreta que o grau de complexidade de uma configuração no nível mais alto do mesmo ramo também é permitido.

Havendo essa relação implicacional, o grau de complexidade de uma configuração de traços pode ser medido determinando-se sua distância em relação à raiz da árvore. O português, portanto, é uma língua de complexidade 2, pelo fato de desativar duas condições de marcação presentes na hierarquia de complexidade. Quanto maior for a distância da raiz, maior é a complexidade da configuração.

No caso do espanhol, que possui um sistema de cinco vogais, segundo Calabrese (1995), o grau de complexidade é 1, pois a desativação de A1 [-baixo, -alto] é suficiente para distinguir vogais médias de vogais altas e da vogal baixa.

Como no espanhol o traço [±ATR] não é distintivo, essa desativação faz emergirem vogais médias – no caso do espanhol, as vogais médias fonologizadas são as médias altas /e/ e /o/, segundo Navarro 1961; Rioja, 1966; Sánchez, 1989; Llorach, 1991-2000; Lloyd, 1993; Quilis, 1998-1999; Torrego, 2002.

Conforme Calabrese (1988), as vogais fonologizadas no espanhol são as médias /E, □/ (ver capítulo 5 deste trabalho). Segundo Calabrese, essas vogais médias do espanhol são



foneticamente diferentes das vogais médias que ocorrem num sistema de sete vogais, tendo em vista que o espaço disponível para a articulação desses segmentos é diferente.

No caso do espanhol, que possui cinco segmentos no sistema vocálico, o espaço fonológico é dividido em três partes, sendo que a combinação [-baixo, -alto] representa, então, as vogais médias. Isto demonstra um grau de complexidade 1, conforme já foi referido, e é mostrado em (17):

(17)

i	u	[- baixo, + alto]
E	□	[- baixo, - alto]
a		[+baixo, - alto]

Cabe destacar que a combinação de traços [-baixo, +alto] é mais natural que a combinação [- baixo, - alto], porque este representa uma diferença máxima entre dois traços, segundo explica Calabrese. Com a desativação de [-baixo, -alto] o espaço fonológico passa a ser dividido em três partes, aumentando a complexidade do sistema. Com essa desativação, tem-se o sistema vocálico do espanhol que apresenta, portanto, além dos segmentos [a, i, u], que são não-marcados, um par de vogais médias, que necessariamente não são [e, o].

Já a presença do traço [+ ATR] na combinação [- baixo, + ART] torna-a complexa, pois no espaço fonológico no qual as vogais serão articuladas haverá mais uma divisão, diferentemente do que ocorre no sistema vocálico do espanhol.

Quando a condição de marcação A2 [-baixo, +ART] for desativada, após a desativação de A1, serão definidas as vogais médias presentes no sistema vocálico do português, que tem vogais médias [-ATR] – [E, □] –, e vogais médias [+ATR] – [e, o]. As duas séries de vogais médias no português introduz mais uma divisão no espaço fonológico,

provocando, por conseguinte, um aumento de complexidade de sistema, conforme aparece em

(18):

(18)

i	u	[- baixo, + alto]
e	o	[- alto, +ATR]
E	□	[- alto, -ATR]
a		[+baixo, - alto]

De acordo com o que já foi explicado, a desativação de qualquer condição de marcação implica o aumento da complexidade do sistema fonológico. Segundo Calabrese (1995), diante da possibilidade de aumento de complexidade no sistema, existem estratégias que reparam configurações consideradas complexas – essas estratégias são chamadas *procedimentos de simplificação*. Essas estratégias são fornecidas pela GU e têm a função de reparar ou eliminar configurações que tenham um grau de complexidade superior ao permitido na língua.

O autor apresenta três tipos de simplificação: fissão, desligamento, e negação. A fissão é o processo pelo qual um feixe de traços incompatíveis por causa de uma condição de marcação é dividido em dois feixes, cada um dos quais contém somente um dos traços incompatíveis. O desligamento é outro processo de simplificação, no qual um dos traços incompatíveis da configuração bloqueada pela condição de marcação é desligado e substituído por um traço compatível. A negação é o terceiro procedimento de simplificação, o qual muda os valores dos dois traços incompatíveis da configuração não-permitida para seus valores opostos.

Quando um falante ou aprendiz de uma LE se depara com uma configuração de traços não permitida por uma condição de marcação ativa na sua língua materna, essa configuração,

ao invés de ser desativada, pode ser reparada. Portanto, a função dos procedimentos de simplificação não é de preservar o inventário de segmentos subjacente através da eliminação de tais configurações de traços, mas de prevenir um aumento de complexidade no sistema fonológico.

No momento em que se aplica uma regra fonológica e se cria uma configuração que viola uma condição de marcação, a língua passa, então, a ter duas possibilidades: simplificar a configuração por meio da aplicação de um dos procedimentos de simplificação ou desativar a condição de marcação e, conseqüentemente, incorporar-se à língua.

A ocorrência da desativação, contrária ao processo de simplificação, causa aumento na complexidade do sistema, devido à introdução de segmentos novos, não pertencentes ao inventário subjacente. Portanto, segundo os pressupostos do modelo teórico apresentado por Calabrese (1988, 1995), um aprendiz de LE, diante de um segmento que não integra a fonologia de sua LM, tem duas possibilidades: (a) ou desativa a condição de marcação que o caracteriza, integrando-o ao sistema fonológico em aquisição ou (b) não desativa a condição de marcação que caracteriza o novo segmento e à combinação de traços que o caracteriza aplica um procedimento de simplificação. Seguindo o segundo caminho, o aprendiz não incorpora, ao sistema em aquisição, o novo segmento. Para que a fonologia da LE seja adquirida pelos aprendizes, portanto, o professor precisa fazer com que o caminho (a), acima referido, seja seguido por seus alunos – somente assim todos os segmentos que constituem o sistema da LE serão por eles adquiridos.

### 3. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia empregada na pesquisa, os instrumentos de apoio e os procedimentos utilizados para a coleta de dados, os critérios para a escolha dos informantes, as variáveis controladas no trabalho e o método de análise utilizado.

#### 3.1 Os dados da pesquisa

Os dados analisados neste trabalho fazem parte de um *corpus* constituído de leitura de frases e de discurso livre, obtido junto a alunos do Curso de Letras – habilitação Português/Espanhol da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – do *campus* de Santo Ângelo. O primeiro instrumento de apoio para a coleta de dados – referente à leitura de frases – foi apresentado pela pesquisadora aos alunos e, posteriormente, cada estudante realizou a gravação da seqüência de frases apresentadas. A gravação foi feita em uma sala isolada, sem a presença da pesquisadora, no intuito de que os alunos se sentissem menos constrangidos. Com relação ao ‘discurso livre’, esse foi obtido por meio de diálogo da pesquisadora com cada informante separadamente (ver seção 3.3).

Após a gravação, os dados foram transcritos foneticamente e catalogados; foram-lhes atribuídos códigos segundo cada variável – lingüística e extralingüística – controlada na pesquisa. Esses códigos foram registrados em fichas especialmente preparadas para permitir a leitura das variáveis lingüísticas e extralingüísticas e, posteriormente, procedeu-se à sua transposição para o computador, a fim de serem submetidas a tratamento estatístico.

Realizada essa etapa, os dados foram submetidos a processamento através da utilização do pacote computacional VARBRUL, que está detalhado na seção 3.4.

### **3.2 Os informantes**

Os sujeitos selecionados para a constituição do *corpus* desta pesquisa foram 15 (quinze) informantes, falantes nativos de português, que estão adquirindo o espanhol como língua estrangeira em ambiente formal de ensino, ou seja, em sala de aula.

A escolha desses informantes foi realizada de acordo com os requisitos abaixo:

- a) ser falante nativo de português;
- b) não ter vivido em outro país cuja língua não fosse a Língua Portuguesa;
- c) estar matriculado no Curso regular de Letras – Espanhol e respectivas Literaturas;
- d) não ter estudado formalmente Língua Espanhola antes do ingresso ao Curso de Letras;
- e) estar cursando o 1º semestre do Curso – 5 (cinco) informantes;  
o 3º semestre do Curso – 5 (cinco) informantes;  
o 5º semestre do Curso – 5 (cinco) informantes.

Constituída a amostra da pesquisa com um total de 15 (quinze) informantes, pôde-se garantir, de acordo com Tarallo (1986, p. 28-30), a cientificidade ao trabalho e a confiabilidade dos resultados, visto que foi alcançada a correspondência de 5 (cinco) informantes por célula da variável extralingüística relativa ao “nível de adiantamento no estudo do Espanhol” ( ver seção 3.5).

### **3.3 Coleta de dados**

Foram utilizados dois tipos de coleta de dados – leitura de frases e discurso livre –, conforme já foi referido na seção 3.1, obtidos mediante gravações da produção lingüística dos informantes. O instrumento para obtenção da leitura de frases foi constituído de 120 frases, com um total aproximado de 130 palavras com vogais médias (Anexo 1).

O discurso livre constituiu-se de uma produção oral de cada informante, em espanhol, realizado mediante entrevista com tema livre. Nessas entrevistas, seguindo-se Labov, discutiram-se temas que interessassem o entrevistado e o envolvessem afetivamente, como experiências vividas que foram muito alegres, tristes ou engraçadas. O uso da fala espontânea não foi plenamente satisfatório, especialmente com os informantes dos semestres iniciais, devido ao pouco domínio da LE pelos alunos, ao seu restrito vocabulário e, conseqüentemente, à baixa ocorrência de vogais médias no *corpus*. Pela falta de um vocabulário extenso na LE, as palavras foram muito repetidas, sendo que algumas foram eliminadas quando mostraram ocorrência repetida, sem alteração na forma fonética. Também foram eliminadas da análise as palavras produzidas em ‘portunhol<sup>5</sup>’, ou seja, palavras que integram o léxico do português e que são ‘espanholizadas’ pelos alunos (Ex.: a palavra do português *nervosa* [ner’vɔza] foi utilizada por um informante com a forma fonética [ner’vosa], quando o alvo era a forma em espanhol *nerviosa*. [ner’Bjosa]).

### **3.4 Método de análise**

Após ter sido efetuada a codificação e a classificação dos dados obtidos e dos respectivos contextos de acordo com os grupos de fatores controlados nesta pesquisa, realizou-se a análise dos dados através do pacote VARBRUL.

Em conformidade com Scherre (1992), o pacote ou série VARBRUL, de criação de Susan Pintuzud, com base em programa de Donald Hindle (Make 3000) e em algoritmos por David Sankoff e Pascale Rousseau (Varb 2000), tem o intuito de dar um tratamento estatístico mais adequado aos dados lingüísticos variáveis, analisados de acordo com a Teoria da Variação de Labov.

---

<sup>5</sup> O “Portunhol” foi empregado como ocorrência de fortes tentativas à obtenção de fluência e disponibilidade vocabular. Esse aparente (e possível) meio-sucesso leva ao estacionamento da interlíngua em patamares baixos de produção (Almeida Filho, 2001, p.19).

Os programas do pacote VARBRUL, quando rodados, permitem o conhecimento preciso dos fatores e grupos de fatores que contribuem para a ocorrência de fenômenos lingüísticos variáveis.

Para rodar o pacote VARBRUL, primeiramente, criaram-se três arquivos no editor de textos: a) arquivo de dados (extensão.dat) b) arquivo de condições (extensão.com), que especifica o grupo de fatores que contém a variável dependente e os grupos de fatores que compreendem as variáveis independentes, e, por fim, c) arquivo de especificações (extensão.esp), que determina os símbolos utilizados para a codificação dos fatores.

A seguir, foram quantificados os dados coletados e produzidos os resultados estatísticos, através do programa VARBRUL.

De acordo com a versão de 1988, o pacote VARBRUL é constituído por um conjunto de dez programas: Chektok, Readtok, Makecell, Ivarb, Tvarb, Mvarb, Crosstab, Tsort, Ttextsort e Countup (Scherre, 1992).

O Chektok foi o primeiro programa de análise estatística usado nesta pesquisa. Sua função é comparar os símbolos digitados na cadeia de codificação do arquivo de dados com o arquivo de especificações de fatores. Nele, define-se a ordem em que os grupos de fatores devem aparecer no arquivo de dados e o conjunto de símbolos válidos para cada grupo. O Chektok, então, acusa os erros, se houver, e cria um arquivo de saída com extensão (.cor). Se forem detectados erros, edita-se o arquivo de dados ou especificações para corrigi-los.

Após a criação do arquivo corrigido, passou-se para o programa seguinte: o Readtok, que tem por função ler todas as ocorrências de um ou mais arquivos de dados e manter somente os imprescindíveis para a análise estatística. Dessa forma, gera-se um arquivo de ocorrências, que servirá de entrada para o programa Makecell.

Na seqüência, usou-se o Makecell, que formou células de análise com base no arquivo anterior. Esse programa agrupa os dados do arquivo de ocorrências em células, com base nas

informações do arquivo de condições e gera o arquivo de células (.cel), que contém o percentual de aplicação dos fatores selecionados e sua frequência e serve de base para os cálculos realizados pelo Ivarb.

Após a execução do Makecell, processou-se o programa de regra variável, o Ivarb (.var), que é usado com variáveis binárias, conforme estava previsto nesta pesquisa. Esse programa fornece os pesos relativos encontrados para cada fator presente na análise, ao lado de percentagens.

Por último utilizou-se o Crosstab, que, com base no arquivo de células produzidas pelo Makecell, possibilita o cruzamento das percentagens e o número de ocorrências dos fatores. Graças a esse programa, é possível elaborar tabelas comparativas com os fatores considerados de maior relevância.

Com isso, o programa VARBRUL indicou as variáveis relevantes para a produção das vogais médias nos dados da presente pesquisa. Com base nessas variáveis, foi desenvolvida a discussão dos resultados.

### **3.5 Definição das variáveis**

Nesta seção, apresentam-se as variáveis levadas em conta para a execução do presente estudo sobre as vogais médias na interfonologia do Português – Espanhol. As variáveis foram subdivididas em lingüísticas e extralingüísticas.

#### **3.5.1 Variável dependente**

A variável dependente foi estabelecida com o objetivo de identificar o movimento de altura, por alunos falantes nativos de português, das vogais médias do espanhol em posição tônica. Dessa forma, a ocorrência de vogais médias baixas ficou categorizada como “1”. A



produção de vogais médias altas pelos alunos foi categorizada como “0”. Foram analisadas palavras do espanhol que apresentassem as vogais médias [e] e [o] em sílaba tônica e cujas contrapartes no português mostrassem as vogais médias baixas [E] e [O].

### **3.5.2 Variáveis independentes**

As variáveis independentes, controladas nesta pesquisa, dividem-se em variáveis lingüísticas e extralingüísticas.

#### **3.5.2.1 Variáveis independentes lingüísticas**

As variáveis independentes lingüísticas foram escolhidas devido ao fato de a literatura da área ter comprovado que as vogais exercem influência sobre vogais de sílabas vizinhas – conforme constataram os trabalhos de Bisol (1981), Pereira (1994), Amaral (1996), por exemplo –, assim como as vogais sofrem influência de consoantes, conforme referem, por exemplo, Clements & Hume (1995).

Dessa forma, na presente pesquisa controlaram-se estas variáveis lingüísticas que seguem com exemplos:

1- Tonicidade da sílaba da vogal:

- sílaba tônica (*débil*)
- monossílaboônico (*voz*)

A formulação dessa variável deveu-se ao fato de que a oposição entre vogais médias altas e baixas em português somente ocorre em sílaba tônica Câmara Jr.(1970), portanto é na posição de sílaba tônica que se pode esperar que falantes nativos de português, ao utilizarem o espanhol, empreguem vogais médias baixas, mesmo quando no espanhol o alvo devesse ser

com média alta. Os monossílabos tônicos foram tratados como um fator em separado, a fim de possibilitar uma análise relativa à possível diferença de tratamento de vogais médias em monossílabos e de vogais médias em palavras com maior número de sílabas.

## 2- Vogal *versus* ditongo:

- vogal em sílaba sem ditongo (*solo*)
- vogal em sílaba com ditongo crescente (*puede*)

Na presente pesquisa, considera-se a vogal o núcleo de sílaba, ficando o *glide* constitutivo do ditongo em posição periférica na estrutura silábica. Destaca-se a importância desse grupo de fatores devido à variação que há, no português, entre ditongos crescentes e hiatos, visto que os ditongos crescentes se formam no componente pós-lexical<sup>6</sup> e têm duração equivalente a dois segmentos, diferentemente da vogal produzida sem a presença de um *glide* adjacente.

Os grupos de fatores subseqüentes foram todos estabelecidos a partir de condicionamentos que se mostraram significativos em diferentes estudos sobre o comportamento variável de vogais, conforme já foi referido no início da presente seção.

## 3- Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra:

- núcleo de sílaba aberta dentro da palavra (*mujeres*)
- núcleo de sílaba fechada dentro da palavra (*costa*)
- núcleo de sílaba aberta no final da palavra (*José*)
- núcleo de sílaba fechada no final da palavra (*mayor*)
- núcleo de sílaba aberta no início da palavra (*obras*)
- núcleo de sílaba fechada no início da palavra (*Oscar*)
- núcleo de monossílabo de sílaba aberta (*té*)

---

<sup>6</sup> Segundo os pressupostos da Fonologia lexical, cujo objeto de estudo é a interface fonologia/morfologia, todas as línguas apresentam dois componentes: (a) lexical, em que há a interação entre regras morfológicas e fonológicas para a formação de palavras; (b) pós-lexical, em que há a aplicação de regras após a derivação de sentenças, pelo componente sintático.

- núcleo de monossílabo de sílaba fechada (*sol*)

4- Tipo de coda seguinte à vogal média:

- fricativa (*molesta*)
- líquida não-lateral (*deportes*)
- líquida lateral (*hotel*)
- glide (*Marisol*)<sup>7</sup>
- plosiva (*correctos*)
- não se aplica

5- Consoante onset da sílaba seguinte à vogal média.<sup>2</sup>

- plosiva (*sueca*)
- fricativa (*jovenes*)
- africada (*techo*)
- líquida (*Perez*)
- nasal (*buena*)
- não se aplica

6- Consoante onset da sílaba da vogal média:

- plosiva (*materna*)
- fricativa (*foto*)
- líquida (*horóscopo*)
- nasal (*médico*)
- onset complexo com lateral (*folclore*)
- onset complexo com não-lateral (*ingresos*)
- não se aplica

---

<sup>7</sup> Foram considerados glides em coda sons decorrentes da realização vocálica da líquida lateral em coda, como em [mariʊsɔw]- essa é regra variável característica de muitos dialetos do PB.

O contexto foi classificado de acordo com a realização fonética apresentada pelo informante. Ex.: “l” [λ ~ Z ~ δZ].

7- Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média:

- a (*floresta*)
- e (*pobre*)
- i (*colegio*)
- o (*proceso*)
- u (*molécula*)
- não se aplica

8- Classe da palavra com vogal média na sílaba tônica

- nome (*muelas*)
- verbo (*florece*)
- pronome (*esta*)
- não se aplica

### **3.5.2.2 Variáveis independentes extralingüísticas**

As variáveis independentes extralingüísticas foram escolhidas devido ao fato de pesquisas sobre aquisição de uma língua estrangeira em situação formal de ensino terem comprovado sua influência sobre a fonologia dessa LE (por exemplo: Fernández, 1997; Alcântara, 1998; Espiga, 1997; Durão, 1999).

1- Nível de adiantamento no estudo do espanhol

A escolha dessa variável deve-se ao fato de que o processo de aquisição de uma LE é gradual, dependendo, portanto, do tempo de uso da língua e da exposição à mesma. Assim, o nível de adiantamento pressupõe um maior ou menor contato com a língua.

Em função desse fato, buscou-se observar se o grau de adiantamento exerce algum tipo de influência no uso das vogais médias no espanhol como LE para falantes nativos de português brasileiro.

Os informantes desta pesquisa foram divididos em três grupos:

(a) nível inicial, o qual se refere aos informantes que têm menos de um ano de estudo em língua espanhola em um sistema de ensino cuja carga horária é de oito horas/aula semanais;

(b) nível intermediário, o qual corresponde aos informantes que possuem mais de um ano e menos de dois anos de estudo na LE em um sistema de ensino cuja carga horária é de oito horas/aula semanais;

(c) o nível avançado, o qual foi atribuído aos informantes cujo contato com a LE fosse por período de tempo superior a dois anos, também com uma carga horária de oito horas/aula semanais.

## 2- Tipo de discurso

A análise dos dados deste trabalho contemplou duas formas de discurso:

(a) a leitura de frases, como forma controlada de produção dos elementos lingüísticos que são objeto de estudo, e

(b) o discurso livre, como possibilidade de avaliar o comportamento das variáveis estudadas em produção lingüística espontânea, com a expressão do vocabulário de uso freqüente pelos informantes na LE. Além disso, o discurso livre, eliciado segundo a proposta de Labov, de acordo com Tarallo (1986, p.21), neutraliza a força exercida pela presença do gravador e do pesquisador, uma vez que narrar suas experiências pessoais mais envolventes permite ao informante despreocupar-se com a forma, fornecendo material lingüístico natural, verdadeiramente representativo do sistema em funcionamento para cada sujeito.

#### 4. ANÁLISE ESTATÍSTICA: DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são descritos os resultados obtidos durante a pesquisa e submetidos ao programa estatístico VARBRUL.

A partir do confronto estabelecido entre as variáveis independentes controladas na pesquisa e a variável dependente, obtiveram-se o número de ocorrências, as percentagens e o peso relativo de cada fator favorecedor ou não da variável dependente, os quais são apresentados em ordem de relevância, a partir do tratamento estatístico dos dados referentes ao emprego adequado ou não das vogais médias [e] e [o] do espanhol por falantes brasileiros de português.

A variante que apresentou registro menor que cinco ocorrências foi eliminada, de forma que o número de variantes registradas no *corpus* foi maior do que aquele submetido à análise.

Analisou-se um total de 2.986 ocorrências de vogais médias do espanhol em posição de sílaba tônica. Do grupo de 10 variáveis independentes submetidas ao tratamento estatístico, o Sistema VARBRUL selecionou, na primeira rodada, 7 variáveis, que, por ordem de significância, são: (a) Vogal *versus* ditongo, (b) Nível de adiantamento, (c) Tipo de coda seguinte à vogal média, (d) Consoante *onset* da sílaba seguinte, (e) Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra, (f) Consoante *onset* da sílaba da vogal média, (g) Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média. As outras variáveis foram eliminadas pelo Programa.

Na interpretação dos resultados obtidos a partir do programa estatístico VARBRUL, consideram-se escolhas mais seguras aquelas referentes a variáveis que são selecionadas no *stepup* e são eliminadas no *stepdown*, ou, inversamente, as eliminadas no *stepdown* que não são consideradas pelo *stepup*.

No presente trabalho, o sistema escolheu 7 variáveis pelo *stepup* e 3 foram eliminadas no *stepdown*, totalizando o tratamento estatístico das 10 variáveis independentes. Isso demonstra que a seleção feita para o presente estudo é adequada ao que o programa estabelece.

#### **4.1 Variável dependente**

Para o *corpus* formado por palavras com vogais médias do espanhol, conforme já foi referido na seção 3.4, a variável dependente foi o emprego ou não das vogais médias baixas [E] e [□], já que a maior frequência de ocorrência das vogais médias em espanhol é das vogais médias altas [e] e [o]<sup>8</sup>.

##### **4.1.1 Resultados obtidos do cruzamento da variável dependente com as variáveis independentes**

Nesta seção confrontamos a variável dependente com as variáveis independentes. Em forma de tabelas, são apresentados os resultados relativos às variáveis selecionadas pelo Sistema VARBRUL, na ordem de relevância.

###### **4.1.1.1 Variável Independente lingüística “Vogal *versus* ditongo”**

A variável ‘vogal *versus* ditongo’ foi a primeira selecionada na análise do fenômeno relativo à ocorrência das vogais médias baixas, o que significa dizer que é esta a variável que, dentre as selecionadas, mais fortemente condiciona o emprego das vogais médias do espanhol por falantes nativos de português brasileiro. Os resultados podem ser vistos na Tabela 3.

---

<sup>8</sup> Conforme é discutido na seção 5.1 deste trabalho, segundo Calabrese (2004), o sistema fonológico do espanhol apresenta as vogais médias baixas /E/ e /□/ e sua realização fonética ocorre como vogais médias altas em sílaba aberta e como vogais médias baixas em sílaba fechada.

Tabela 3 – Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Vogal *versus* ditongo”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
vogal em sílaba sem ditongo( <i>bicicleta</i> )	1 494 / 2 359	63 %	.54
vogal em sílaba com ditongo crescente ( <i>fiesta</i> )	307 / 628	49 %	.36
Total:	1 801 / 2 987	60%	

Significância .008

Input .63

A Tabela 3 mostra que o fator ‘vogal em sílaba sem ditongo’ se encontra como leve favorecedor do emprego de vogais médias baixas pelos informantes da pesquisa em processo de aquisição do espanhol como LE. Além disso, os dados também revelam que há uma inibição ao uso dessas vogais quando a sílaba apresenta um ditongo crescente, como em *fiesta*.

#### 4.1.1.2 Variável Independente extralingüística “Nível de adiantamento”

A segunda variável em importância no fenômeno aqui estudado – processo de aquisição das vogais médias do espanhol por falantes brasileiros – foi a variável extralingüística “Nível de adiantamento”. Conforme se hipotetizava, inicialmente, com base no resultado de outras pesquisas da área de aquisição de LE (ver seção 3.5.2.2), a variável extralingüística referente ao “Nível de adiantamento” mostrou-se relevante para o fenômeno do emprego das vogais médias do espanhol por falantes brasileiros. Isso é o que se conclui a partir dos resultados obtidos na análise estatística e apresentados na Tabela 4.



Tabela 4: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Nível de Adiantamento”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
inicial	588 / 977	60 %	.49
intermediário	674 / 1 005	67 %	.58
avanzado	539 / 1 005	54 %	.43
Total:	1 801 / 2 987	60%	

Significância .008

Imput .63

Os dados da Tabela 4 mostram que o ‘nível intermediário’ é o nível em que mais se aplica o uso das vogais médias baixas (.58), enquanto que o ‘nível avanzado’ é o nível que mais utiliza as vogais médias altas (.43), que constituem o alvo mais freqüente no nível fonético da LE. Já o resultado referente ao ‘nível inicial’ indica um comportamento neutro em relação uso de vogais médias baixas e altas (.49).

#### 4.1.1.3 Variável Independente lingüística “Tipo de coda seguinte à vogal média”

A variável “Tipo de coda seguinte à vogal média” foi a terceira selecionada pelo programa estatístico como relevante para o fenômeno do emprego das vogais médias do espanhol. Vejam-se na Tabela 5 os resultados referentes a essa variável.

Tabela 5: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “tipo de coda seguinte à vogal média”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
fricativa ( <i>céspedes</i> )	167 / 293	57 %	.45
líquida não-lateral ( <i>mujer</i> )	296 / 430	69 %	.59
líquida lateral ( <i>selva</i> )	88 / 154	57 %	.29
glide ( <i>fiel</i> [ <i>ɔ</i> ])	84 / 103	82 %	.58
plosiva ( <i>correctos</i> )	12 / 15	80 %	.75
Total:	647 / 995 <sup>9</sup>	65%	

Significância .008

Imput .63

Apesar do baixo número de dados em que uma ‘consoante plosiva’ aparece como coda da sílaba em que ocorre a vogal média, esse é o contexto que se mostra mais favorecedor para o emprego, por alunos brasileiros, de vogais médias baixas em palavras do espanhol (.75). Além desse contexto, a presença de um ‘glide’ seguinte à vogal média (Ex.: *fiel* [fiEw]) mostrou-se favorecedor do uso, pelos alunos, de vogais médias baixas (.58), bem como a variante ‘líquida /r/’, com peso relativo de (.59). Por outro lado, quando o segmento da coda é uma ‘fricativa’, o contexto demonstra-se menos favorável à aplicação de vogais médias baixas (.45), sendo que o mesmo ocorre com a ‘líquida lateral’ – nesse caso, a líquida realizada foneticamente como alveolar [l] ou velarizada [ʎ] resulta na inibição ao emprego das vogais médias baixas, conforme comprova o peso relativo (.29).

<sup>9</sup> O número de dados e aplicações dessa variável difere do total de dados devido ao fator “não se aplica”, que aparece junto a essa variável.

#### 4.1.1.4 Variável Independente lingüística “Consoante onset da sílaba seguinte”

O quarto grupo de fatores selecionado pelo programa para identificar o movimento de abertura das vogais médias o espanhol em posição tônica, no processo de aquisição do espanhol por alunos brasileiros, foi a “Consoante *onset* da sílaba seguinte”, cujos resultados são apresentados na Tabela 6.

Tabela 6: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Consoante onset da sílaba seguinte”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
fricativa ( <i>teléfono</i> )	374 / 616	61 %	.54
líquida ( <i>sólido</i> )	413 / 714	58 %	.48
plosiva ( <i>objetos</i> )	639 / 1 098	58 %	.49
nasal ( <i>viernes</i> )	114 / 173	66 %	.52
africada ( <i>techo</i> )	2 / 15	13 %	.10
Total:	1 542 / 2 616	59%	

Significância .008

Input .63

Os resultados mostram um leve favorecimento ao emprego, por brasileiros, das vogais médias baixas em palavras do espanhol, quando o *onset* da sílaba seguinte à vogal média é constituído por ‘fricativa’ (.54). Quando a vogal média é seguida por ‘consoantes nasais’ (.52), por ‘consoantes líquidas e por plosivas’ (.48 e .49) respectivamente, verifica-se neutralidade quanto ao fenômeno aqui estudado. Destaca-se que a ‘africada’ na posição de *onset* de sílaba seguinte à vogal média é fator que fortemente desfavorece o uso de vogais médias baixas (.10) – essa afirmação, no entanto, deve ser considerada com cuidado, uma vez que o *corpus* aqui objeto de análise apresenta um número muito restrito de dados com o contexto de uma africada como *onset* seguinte à vogal média.

#### 4.1.1.5 Variável independente lingüística “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”

Outra variável que foi selecionada como relevante para o estudo em foco foi a “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”. Vêem-se na Tabela 7 os resultados obtidos com essa variável.

Tabela 7: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
núcleo de sílaba aberta dentro da palavra ( <i>mujeres</i> )	1 089 / 1 875	58 %	.49
núcleo de sílaba fechada dentro da palavra ( <i>costa</i> )	391 / 628	62 %	.48
núcleo de sílaba aberta no início da palavra ( <i>obras</i> )	59 / 102	58 %	.49
núcleo de sílaba fechada no final da palavra ( <i>mayor</i> )	186 / 239	78 %	.70
núcleo de sílaba aberta final de palavra ( <i>José</i> )	14 / 25	56 %	.39
núcleo de monossílabo de sílaba fechada ( <i>voz</i> )	46 / 90	51 %	.44
núcleo de sílaba fechada no início da palavra ( <i>Oscar</i> )	16 / 28	57 %	.48
Total:	1 801 / 2 987	60 %	

Significância .008

Imput .63

O fator ‘núcleo de sílaba fechada final de palavra’, que apresentou o peso relativo (.70), foi o único a mostrar-se favorecedor do emprego de vogais médias baixas. As variantes ‘núcleo de sílaba fechada e aberta dentro da palavra’ apresentaram respectivamente pesos neutros (.49) e (.48). As variantes ‘núcleo de sílaba aberta e fechada no início da palavra’ também teve um percentual de ocorrência que indicam neutralidade (.49) e (.48). Já a posição ‘núcleo de monossílabo de sílaba fechada’ revelou-se como desfavorecedora ao fenômeno estudado na presente pesquisa (.44). Da mesma forma o fator ‘núcleo de sílaba aberta no final da palavra’ demonstrou-se desfavorecedor ao emprego das vogais médias baixas (.39).

Observando-se as percentagens apresentadas na Tabela 7, percebe-se uma tendência a que as posições com ‘núcleo de sílaba fechada’ se mostrem mais favorecedoras à abertura das vogais médias que as posições ‘núcleo de sílaba aberta’; ressalta-se no entanto, que essa observação considera apenas os percentuais obtidos com os dados da pesquisa, em uma visão genérica. É relevante referir que, devido à presença, no *corpus* da pesquisa, de apenas um dado do fator ‘monossílabo com sílaba aberta’, ocorreu *Knockout* e o mesmo foi descartado da análise estatística.

#### **4.1.1.6 Variável independente lingüística “Consoante *onset* da sílaba da vogal média”**

Na Tabela 8 encontram-se os dados obtidos pelo confronto da variável dependente e a “Consoante onset da sílaba da vogal média”.

Tabela 8: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Consoante onset da sílaba da vogal média ”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
<i>onset</i> complexo com não-lateral ( <i>ingresos</i> )	85 / 137	62 %	.53
fricativa ( <i>viejos</i> )	495 / 770	64 %	.56
<i>onset</i> complexo com lateral ( <i>folclore</i> )	19 / 31	61 %	.52
líquida ( <i>horóscopo</i> )	207 / 334	62 %	.48
plosiva ( <i>materna</i> )	635 / 1 096	60 %	.48
nasal ( <i>médico</i> )	208 / 365	57 %	.46
Total:	1 667 / 2 733	61 %	

Significância .008

Input .63

Na Tabela 8, verifica-se que as ‘consoantes fricativas’ como onset da sílaba da vogal favorecem o uso de vogais médias baixas (.56), enquanto que o contexto ‘*onset* complexo com não-lateral e lateral’ apresentam peso neutro (.53 e 52). Da mesma forma, os contextos ‘líquida, plosiva’ são neutros ao emprego das vogais médias baixas , ambas com peso relativo.48. O contexto ‘nasal’ demonstra menor peso relativo, caracterizando-se como leve desfavorecedor da ocorrência em estudo.

#### 4.1.1.7 Variável independente lingüística “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média”

Também a variável “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média” foi selecionada como relevante ao estudo do emprego das vogais médias por falantes de PB em fase de aquisição do espanhol como LE. A Tabela 9 demonstra o resultado relativo a essa variável.

Tabela 9: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média ”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
vogal [o]	313 / 548	57 %	.46
vogal [a]	542 / 922	59 %	.53
vogal [e]	329 / 578	57 %	.46
vogal [i]	362 / 577	63 %	.52
Total:	1 546 / 2 625	59 %	

Significância .008

Input .63

A Tabela 9 indica o “Tipo de vogal da sílaba seguinte” como a última variável selecionada no processo de emprego de vogal média baixa no espanhol pelos informantes da pesquisa. Embora os pesos relativos revelem, de maneira geral, neutralidade em relação a essa variável, a ‘vogal [a]’, dentre todas as vogais, foi a que demonstrou o maior peso relativo acima de .50 (.53), seguida pela a ‘vogal [i]’, que obteve (.52). Já a ‘vogal [o]’ e a ‘vogal [e]’ tiveram um índice abaixo do peso relativo .50, ponto de neutralidade, ambas com peso relativo (.46), indicando leve desfavorecimento ao uso de vogais médias baixas.

A ‘vogal [u]’ foi considerada para a presente variável, porém não teve ocorrência no *corpus* estudado. Em rodada estatística subsequente, foram amalgamadas as vogais [e] e [o] por serem ambas vogais médias e, também, por apresentarem percentuais e pesos relativos equivalentes (ver Tabela 12, na seção 4.2).

#### 4.2 Amalgamação de fatores

Nesta seção, apresentam-se os resultados de novas rodadas do programa estatístico com a amalgamação de alguns fatores. Com as amalgamações feitas, o programa selecionou como relevantes as seguintes variáveis: (a) Vogal *versus* ditongo, (b) Nível de adiantamento,

(c) Tipo de coda seguinte à vogal média, (d) Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra, (e) Consoante *onset* da sílaba seguinte, (f) Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média, (g) Classe de palavras com vogal média na sílaba tônica. As outras variáveis foram eliminadas. A seguir, mostram-se as tabelas relevantes que registram os dados amalgamados. Salienta-se que aparece pela primeira vez a variável ‘Classe de palavras com vogal média na sílaba tônica’, pois essa não havia sido selecionada pelo programa estatístico na primeira rodada do programa VARBRUL, sem a amalgamação de variáveis. As outras variáveis selecionadas na rodada do programa VARBRUL comentada na presente seção foram as mesmas selecionadas na primeira análise estatística, sendo que inclusive os pesos relativos se mantiveram.

Merece destaque o fato de que as motivações para as amalgamações foram critérios lingüísticos e o registro de percentuais e pesos relativos próximos com relação aos fatores amalgamados.

Na Tabela 10 mostram-se os resultados da amalgamação realizada entre os fatores ‘líquida e nasal’, que integram o grupo de fatores ‘Consoante *onset* da sílaba seguinte’.

Tabela 10: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Consoante *onset* da sílaba seguinte”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
fricativa ( <i>teléfono</i> )	374 / 616	61 %	.55
líquida ( <i>sólido</i> )	527 / 887	59 %	.50
nasal ( <i>viernes</i> )			
plosiva ( <i>sueca</i> )	639 / 1 098	58 %	.48
africada ( <i>techo</i> )	2 / 15	13 %	.09
Total:	1 542 / 2 616	61 %	

Significância .033

Input .63



Na Tabela 10, amalgamaram-se os fatores ‘líquida e nasal’, visto que ambas as classes de consoantes compartilham a propriedade [+ soante]. Confirmou-se que a ‘fricativa’ como “Consoante *onset* da sílaba seguinte” mostra leve favorecimento ao emprego de vogais médias baixas em espanhol (.55). Os fatores ‘líquida e nasal’, embora amalgamados, mostraram-se neutros à aplicação das vogais baixas (.50), assim como a ‘consoante plosiva’, que teve peso relativo (.48). No *corpus* do trabalho há poucos casos de ‘consoantes africadas’ como “Consoante *onset* da sílaba seguinte”, por isso não se pode considerá-la como desfavorecedora do fato estudado, embora apresente peso relativo (.09).

É importante ressaltar que o nível de significância se manteve o mesmo apresentado na primeira análise estatística.

No intuito de encontrar resultados mais precisos relativamente aos dados coletados nesta pesquisa quanto ao emprego das vogais médias baixas no espanhol, amalgamaram-se ‘núcleo de sílaba aberta dentro da palavra’ com ‘núcleo de sílaba aberta no início de palavra’, bem como ‘núcleo de sílaba fechada dentro da palavra’ com ‘núcleo de sílaba fechada no início da palavra’, pertencentes à variável ‘Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra’. Na Tabela 11 constata-se os resultados dessa amalgamação.

Tabela 11: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
núcleo de sílaba aberta dentro da palavra ( <i>mujeres</i> )	1 148 / 1 977	58 %	.48
núcleo de sílaba aberta no início da palavra ( <i>obras</i> )	407 / 656	62%	.48
núcleo de sílaba fechada dentro da palavra ( <i>costa</i> )	186 / 239	78 %	.70
núcleo de sílaba fechada no início da palavra ( <i>Oscar</i> )	14 / 25	56 %	.39
núcleo de monossílabo de sílabo fechada ( <i>voz</i> )	46 / 90	51 %	.50
Total:	1 801 / 2 987	60 %	

Significância .033

Input .63

Na Tabela 11, mostram-se os resultados de amalgamações em fatores relativos à “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”. Em virtude da oposição de comportamento que pode haver entre sílaba leves e pesadas e por apresentarem peso relativo semelhante e compartilharem o mesmo tipo de sílaba, amalgamou-

se o fator ‘núcleo de sílaba fechada dentro da palavra’ com ‘núcleo de sílaba fechada início de palavra’, eliminando da rodada a posição ‘núcleo de sílaba aberta final de palavra’, pois esse fator apresentou, na primeira rodada, peso relativo maior em relação aos outros que tinham núcleo de sílaba fechada. Porém, embora amalgamados, esses fatores não foram pertinentes à aplicação da variável dependente (.48), mantendo o peso relativo igual ao da rodada anterior. O mesmo aconteceu com os fatores ‘núcleo de sílaba aberta dentro da palavra’ e ‘núcleo de sílaba aberta início de palavra’ que, mesmo com a amalgamação, apresentaram pesos relativos muito próximos aos da primeira rodada (48). Confirma-se que a posição ‘núcleo de sílaba fechada final de palavra’ favorece o emprego de vogais médias baixas. Já a posição ‘núcleo de monossílabo de sílaba fechada’ apresenta peso relativo neutro (.50), indicando que não é responsável nem pelo uso de médias baixas, nem pelo emprego de vogais médias altas. Ressalta-se, ainda, que a vogal média em ‘núcleo de sílaba aberta no final da palavra’ desfavorece o emprego de médias baixas (.39), porém deve-se ter cautela nessa afirmação devido ao baixo número de dados presentes nesse fator.

Pela Tabela 12 identificam-se os resultados da amalgamação obtida entre as vogais médias [e] e [o] quando presentes em sílaba seguinte ao mesmo tipo de vogal, isto é, vogais médias.

Tabela 12: Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
vogal [e]      ( <i>pobre</i> )	642 / 1 126	57 %	.46
vogal [o]      ( <i>proceso</i> )			
vogal [a]      ( <i>floresta</i> )	329 / 578	59 %	.54
vogal [i]      ( <i>colegio</i> )	362 / 577	63 %	.51
Total:	1 546 / 2 625	59 %	

Significância .033

Input .63

Pela Tabela 12, vê-se que o peso relativo indica que a ‘vogal [a]’ (.54) apresenta leve favorecimento ao emprego das vogais médias baixas. A vogal alta [i] (.51) mantém-se neutra (.51) e as ‘vogais médias [e] e [o]’ mostram-se levemente desfavorecedoras das vogais [E] e [O] (.46).

A Tabela 13 refere-se a uma nova variável, em se considerando a rodada anterior, que o programa considerou estatisticamente relevante ao fenômeno em estudo: a “Classe de palavra com vogal média na sílaba tônica”.

Tabela 13 Registro de ocorrência das vogais médias baixas segundo a variável “Classe de palavra com vogal média na sílaba tônica”

Fatores	Ocorrência / Total	Percentual	Peso Relativo
nome	1 602 / 2 597	62%	.51
verbo	169 / 311	54 %	.47
pronome	28 / 64	44 %	.36
Total:	1 799 / 2 972	61 %	

Significância .008

Input .63

Apesar da seleção dessa variável na etapa da amalgamação, os pesos relativos apontam para uma neutralidade, não indicando outro papel para essa variável a não ser o fato de que há desfavorecimento ao emprego das vogais médias baixas quando essas aparecem como parte de um ‘pronome’.

### 4.3 Cruzamento de fatores

Nesta seção, apresentam-se os resultados de cruzamentos de algumas variáveis em novas rodadas efetuadas com o programa estatístico, tendo como resultados novos pesos relativos.

No intuito de alcançar resultados mais relevantes, realizaram-se vários cruzamentos:

(a) “Tonicidade da sílaba da vogal e Núcleo de sílaba”: com esse cruzamento de uma variável selecionada pelo programa e outra não selecionada buscou-se constatar se a sílaba tônica de uma palavra com no mínimo duas sílabas ou de um monossílabo tônico tem relação com a variável ‘vogal *versus* ditongo’ na ocorrência do fenômeno aqui objeto de análise; (b) “Tonicidade da sílaba da vogal e Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra”: a realização desse cruzamento teve o intuito de saber se a tonicidade tem relação com a posição da vogal quanto à sílaba (aberta ou fechada), bem como a posição da sílaba na palavra (início, dentro ou final); (c) “Nível de adiantamento e Tipo de discurso”: cruzaram-se as duas variáveis extralingüísticas da pesquisa para verificar se o “Nível de adiantamento” tem alguma relação com a variável “Tipo de discurso”; (d) “Vogal *versus* ditongo e Tipo de coda seguinte à vogal média”: nesse cruzamento entre duas variáveis anteriormente selecionadas pelo VARBRUL esperou-se verificar se efetivamente ambas têm papel fundamental no processo de emprego das vogais médias baixas, mesmo sabendo que para alguns fatores dessas variáveis não existiam dados; (e) “Vogal *versus* ditongo e Consoante *onset* da sílaba seguinte”: quando se pensou em cruzar as variáveis “Vogal *versus* ditongo e Consoante *onset* da sílaba seguinte” havia a hipótese de que juntas tivessem influência sobre o fenômeno estudado; (f) “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição da sílaba na palavra e Consoante *onset* da sílaba seguinte”: com esse cruzamento pretendia-se constatar se a posição da vogal e da sílaba têm importância na combinação com a consoante seguinte para o emprego ou não de vogais médias baixas em espanhol por estudantes brasileiros.

Das variáveis cruzadas apenas duas foram relevantes “Tonicidade da sílaba da vogal e Vogal *versus* ditongo” e “Vogal *versus* ditongo e Tipo de coda seguinte à vogal média”. Também foi selecionada a variável “Classe da palavra com vogal média na sílaba tônica”,

porém essa variável não foi cruzada com nenhuma outra e seus percentuais e pesos relativos foram iguais aos resultados dessa variável mostrados na Tabela 13.

Mostra-se na Tabela 14 o primeiro cruzamento realizado e selecionado pelo VARBRUL, o cruzamento entre “Tonicidade da sílaba da vogal e Vogal *versus* ditongo”.

Tabela 14: Registro da ocorrência das vogais médias baixas com o cruzamento das variáveis lingüísticas “Tonicidade e Vogal *versus* ditongo”

Tonicidade da sílaba da vogal	Vogal <i>versus</i> ditongo	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
sílabas tônicas	vogal em sílaba sem ditongo	1 455 / 2 278	64%	.54
	vogal núcleo ditongo crescente	297 / 616	48%	.37
monossílabo tônico	vogal em sílaba sem ditongo	39 / 81	48%	.46
	vogal em sílaba com ditongo	10 / 12	83%	.80
Total		1 801 / 2 987	60%	

Input: 60

Significância: .017

Mostramos em (19) exemplos do cruzamento das variáveis lingüísticas “Tonicidade da sílaba da vogal” e “Vogal *versus* ditongo”.

(19) Exemplos

Sílabas tônicas

Vogal em sílaba sem ditongo s[o]lo  
 Vogal em sílaba com ditongo crescente p[we]de

Monossílabo tônico

Vogal em sílaba sem ditongo [ɛ]l  
 Vogal em sílaba com ditongo s[ow]

A Tabela 14 mostra que o fator ‘sílaba tônica’ acompanhado da ‘vogal em sílaba sem ditongo’ apresenta leve favorecimento (.54) ao emprego das vogais médias, porém acompanhado do fator ‘vogal núcleo de ditongo crescente’ o resultado demonstra forte desfavorecimento ao seu uso (.39). Quando se fez o cruzamento entre ‘monossílabo tônico’ e ‘vogal em sílaba sem ditongo’, constatou-se leve favorecimento (.46) à aplicação das vogais médias baixas, enquanto que o ‘monossílabo tônico’ cruzado com ‘vogal em sílaba com ditongo’ apresentou peso relativo (.80), o que poderia ser interpretado como um alto favorecimento ao fenômeno, porém, como os dados desse cruzamento são poucos, não é conveniente afirmar que esse cruzamento favorece o uso das vogais médias baixas do espanhol por estudantes falantes de PB.

Na Tabela 15 registra-se o cruzamento entre “Vogal *versus* ditongo” e “Tipo de coda da sílaba seguinte” que, juntamente com o cruzamento anterior, foram destacados como importantes nessa etapa de análise pelo programa estatístico.

Tabela 15: Registro da ocorrência das vogais médias baixas com o cruzamento das variáveis lingüísticas “Vogal *versus* ditongo e Tipo de coda seguinte à vogal média”

Vogal <i>versus</i> ditongo	Tipo de coda da seguinte à vogal média	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
vogal em sílaba sem ditongo	fricativa	949 / 1 540	62%	.53
	líquida não lateral	239 / 338	71%	.63
	líquida lateral	88 / 153	58%	.32
	glide	71 / 89	80%	.57
	plosiva	12 / 15	80%	.80
	não se aplica	949 / 1 540	62%	.53
vogal em sílaba com ditongo crescente	fricativa	32 / 69	46%	.39
	líquida não lateral	57 / 92	62%	.52
	glide	13 / 14	93%	.84
	não se aplica	205 / 452	45%	.34
Total:		1 801 / 2 987	60%	

Input: 61

Significância: .034

Mostramos em (20) exemplos do cruzamento das variáveis lingüísticas “Vogal *versus* ditongo” e “Tipo de coda seguinte à vogal média”.

(20) Exemplos

Vogal em sílaba sem ditongo

Fricativa	<i>floresta</i>
Líquida não lateral	<i>mujer</i>
Líquida lateral	<i>papel</i>
Glide	<i>pastel</i>
Plosiva	<i>correctos</i>
Não se aplica	<i>fiesta</i>



Vogal em sílaba com ditongo crescente

Líquida não lateral	<i>invierno</i>
<i>Glide</i>	<i>español</i>
Não se aplica	<i>muelas</i>

Como ilustra a Tabela 15, a partir do cruzamento das variáveis que tratam da “Vogal *versus* ditongo” e da consoante seguinte à vogal média, pode-se perceber que a ‘vogal em sílaba sem ditongo’ associada à ‘líquida não-lateral’ e ‘*glide*’ seguintes à vogal média apresentaram peso relativo alto (.63) e (.57) respectivamente, comprovando que esses fatores favorecem o emprego das vogais médias baixas; a ‘vogal em sílaba sem ditongo’ associada à ‘plosiva’ seguinte à vogal média teve peso relativo alto (.80), porém o número de dados é muito baixo para afirmar a pertinência desse cruzamento referentemente à regra em estudo; a ‘vogal em sílaba sem ditongo’ associada à ‘fricativa’ e ‘não se aplica’ são neutras; já o cruzamento da ‘vogal em sílaba sem ditongo’ com ‘líquida lateral’ e ‘fricativa’ seguintes à vogal média demonstrou não favorecimento do emprego das vogais médias baixas no espanhol.

Quanto ao cruzamento do fator ‘vogal em sílaba com ditongo crescente’ com o fator ‘tipo de coda seguinte à vogal média’ não houve muitas ocorrências pela falta de dados. Dos fatores cruzados, a ‘vogal em sílaba com ditongo crescente’ associada com ‘líquida não-lateral’ mostrou-se neutra ao fato em estudo; a ‘vogal em sílaba com ditongo crescente’ e ‘*glide*’ seguinte à vogal média teve peso relativo (.84), o que demonstra ser esse cruzamento de fatores favorável ao uso de vogais médias baixas, porém o número de dados é restrito e essa observação merece cuidado; já a ‘vogal em sílaba com ditongo crescente’ cruzada com ‘não se aplica’ indicou não favorecimento ao fenômeno relativo ao uso de vogais médias baixas no espanhol, que é o fenômeno estudado no presente trabalho.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise dos dados descritos no capítulo anterior, referentemente à aquisição das vogais médias do espanhol por falantes nativos do português. Os resultados são analisados à luz da Teoria de Calabrese (1988, 1995), proposta teórica em que se embasa a presente pesquisa. Pretende-se, neste capítulo, discutir como e por que falantes nativos de português empregam vogais médias baixas [E] e [□] em lugar das vogais médias altas [e] e [o] em palavras do espanhol que apresentam estes segmentos vocálicos, durante o processo de aquisição dessa língua como LE.

### 5.1 Ainda sobre a proposta de Calabrese – uma abordagem da fonologia das vogais do espanhol

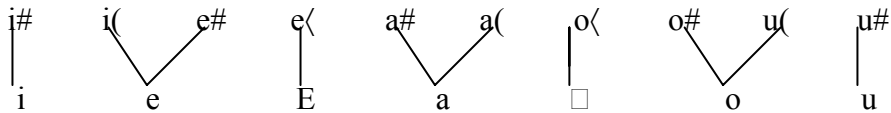
De acordo com a Teoria da Marcação Fonológica Baseada em Restrições e Procedimentos de Simplificação, de Calabrese (1995), um sistema que possui a combinação traços ou, como chama o autor, a *condição de marcação* [-baixo, -alto] desativada, tem, além das vogais [a, i, u], consideradas não-marcadas, um par de vogais médias [E, □], que surgem pela desativação da condição da marcação A1 (Seção 2.5). De acordo com essa configuração traços, tem-se um sistema de cinco vogais, que, no presente trabalho, se considera ser o sistema vocálico do espanhol, ou seja, um sistema constituído pelas vogais /i, E, a, □, u/.

É importante ressaltar que esse sistema está relacionado diretamente com o desenvolvimento da diacronia do sistema vocálico de acordo com o desenvolvimento histórico verificado em várias línguas Romance.

Quando se perdeu a quantidade distintiva do latim clássico para o latim vulgar, a qualidade das vogais foi preservada. Assim a evolução do sistema vocálico ficou, de acordo

com o que lembra Miranda (2002), da forma que se mostra em (21), em que as vogais na linha superior apresentam a ‘quantidade do latim clássico’ e as vogais da linha inferior apresentam a ‘qualidade das vogais no latim vulgar’.

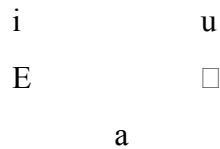
(21)



O sistema de sete vogais, derivado do latim, mostrado em (21), apresenta, segundo as condições de marcação propostas por Calabrese, organizadas hierarquicamente em uma estrutura arbórea conforme aparece em na seção 2.5, vogais que pertencem aos níveis A1 e A2, definindo as vogais médias, que são mais complexas do que as vogais do nível 0, como integrantes do sistema – nessa descrição de aumento de complexidade, o autor usa os traços de altura e o traço [ATR]. Isso quer dizer que esse sistema de sete vogais desativa A1 ([-baixo, -alto]), integrando as vogais médias baixas /E/ e /□/, e desativa A2 ([-alto, +ATR]), integrando as vogais médias altas /e/ e /o/. Esse é o sistema vocálico do português, que opõe vogais médias altas e baixas e que, portanto, seguindo a proposta teórica aqui apresentada, tem como relevante, para o seu funcionamento, o traço [ATR]. O sistema do espanhol, diferentemente, não opõe vogais médias entre si e, por isso, não desativa qualquer condição de marcação na representação arbórea em (16) que implique a oposição pelo traço [ATR]. É importante ressaltar a relevância que tem o traço [ATR] na constituição de condições de marcação dos níveis de complexidade do ‘galho’A da estrutura arbórea proposta por Calabrese (1995) – esse traço aparece como o traço complexo nos níveis A2, A3 e A4 da representação hierárquica de complexidade de segmentos vocálicos proposta pelo autor.

Considerando a relevância do traço [ATR] na constituição de diferentes graus de complexidade de sistemas vocálicos, Calabrese (1986; apud Calabrese 1988, p.148) defende que o sistema vocálico do latim clássico é o que aparece em (22):

(22)

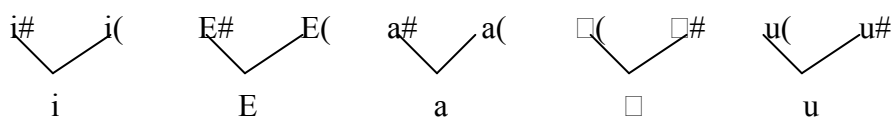


Nesse sistema, diz o autor, nenhuma das condições de marcação que incluem o traço [ATR] é desrespeitada, pois no sistema não há vogais médias com o traço [+ATR] (ou seja, /e/ e /o/), não há vogais altas com o traço [-ATR] (ou seja, /i/ e /y/) e não há vogais baixas com o traço [+ATR] (ou seja, /ə/).

Assim, para Calabrese (1988, p. 151), com a perda da quantidade distintiva do latim clássico, as línguas que ficaram com um sistema de sete vogais, conforme aparece em (21), fonologizaram o traço [+ATR], com a presença das vogais médias /e,o/, desativando a condição de marcação A2 (ver hierarquia em (16), seção 2.5). Essa evolução caracteriza várias línguas Romance, como o italiano *standard* e o português.

No entanto, salienta o autor que houve processos evolutivos diferentes com relação aos sistemas vocálicos. Para Calabrese (1988, p.151), os sistemas vocálicos do Lucaniano do Sul e do Sardenho, por exemplo, seguiram o caminho mostrado em (23):

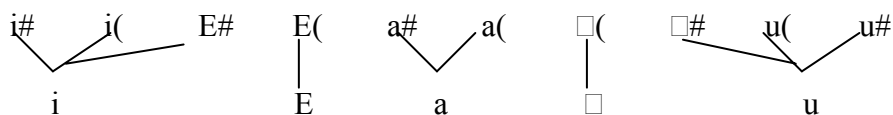
(23)



No sistema representado em (23), o grau de complexidade é inferior àquele verificado no sistema de sete vogais, porque não exige que seja desativada a condição de marcação [-alto, +ATR] e, além disso, não exige o acréscimo de qualquer novo segmento com relação ao sistema do latim clássico defendido pelo autor, mostrado em (22). Esse sistema não exige, na verdade, a desativação de qualquer uma das condições de marcação que incluem o traço [ATR] (ver hierarquia 16, seção 2.5).

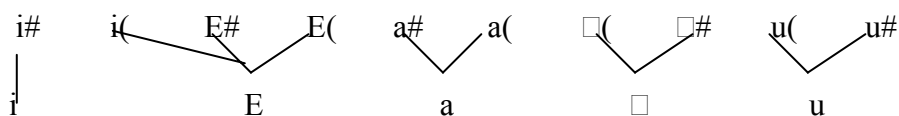
Calabrese (1988, p.152) alerta que o sistema o sistema de cinco vogais considerado menos marcado, ou seja, que somente desativa A1 – /i, E, a, □, u/ –, pode ser constituído a partir de caminhos diferentes daquele seguido pelo Lucaniano do Sul e pelo Sardenho, mostrado em (23). Para o autor, diversos dialetos do sul da Itália, como o Siciliano e o Salentino do Sul, seguiram o caminho evolutivo apresentado em (24):

(24)



Outro caminho evolutivo, mostrado pelo autor, para chegar-se ao mesmo sistema de cinco vogais, parece ter sido seguido pelo Romeno e pelo Lucaniano do Leste – duas variedades de línguas Romance geograficamente muito distantes uma da outra –; é aquele apresentado em (25):

(25)



Calabrese (1988) chama a atenção para o fato de que a diferença entre o Siciliano e o Salentino do Sul, de um lado, e o Romeno e o Lucaniano do Leste, de outro, está no caminho evolutivo seguido pelas vogais frontais e pelas vogais posteriores. O que é importante verificar, no entanto, é que todo o grupo de línguas Romance cujo processo evolutivo chegou ao sistema de cinco vogais não desativou a condição de marcação que incluía o traço [ATR], ou seja, segundo o autor, não violou um filtro da GU identificado como \*[-alto, +ATR].

Diante do estudo apresentado por Calabrese (1988), a questão que se mostrou pertinente para a presente pesquisa foi: sendo o espanhol uma língua Romance, sendo o seu sistema vocálico constituído por apenas cinco vogais e havendo tantas línguas da mesma família com o sistema de cinco vogais menos marcado, sendo essas vogais /i, E, a, □, u/, ou seja, integrando vogais médias baixas, não teria também o espanhol, na sua fonologia, esse mesmo sistema menos marcado, em lugar daquele preconizado pelas gramáticas (/i, e, a, o, u/), que tem a presença de vogais médias altas?

A resposta a essa questão, dada por Calabrese (comunicação pessoal, 2004)<sup>10</sup>, foi afirmativa: para o autor, a fonologia do espanhol tem o sistema de cinco vogais mostrado em (26), que apresenta a desativação apenas de A1 na hierarquia por ele proposta em 1995:

(26)

i	u
E	□
a	

Calabrese (2004) defende que o seguinte sistema de regras, mostrado em (27 a) e em (27 b), dá conta da distribuição do traço [ATR] no espanhol:

---

<sup>10</sup> Em discussão sobre o sistema vocálico do Espanhol, via e-mail, em 10 de maio de 2004, Calabrese defendeu a proposição do seguinte sistema vocálico de cinco vogais médias para a fonologia da língua: /i, E, a, □, u/.

(27 a)

[-alto, -baixo] → [-ATR] / \_\_\_\_\_ C

(27 b)

[-alto, -baixo] → [+ATR]

Segundo a proposta de Calabrese (2004), portanto, o sistema fonológico do espanhol apresenta cinco vogais, contendo, como vogais médias, apenas vogais médias baixas. Foneticamente, pela regra expressa em (27 a), essas vogais médias baixas ([E, □]), que têm o traço [-ATR], manifestam-se apenas em sílabas fechadas. Por outro lado, o autor defende que, em virtude da regra apresentada em (27 b), em sílabas abertas, manifestam-se foneticamente as vogais médias altas ([e, o]), que têm o traço [+ATR]. Diz o autor, *assumindo essa regra, pode-se dar conta do valor da vogal média do Espanhol na representação fonética e, ao mesmo tempo, preserva-se a hierarquia de complexidade que propus em Calabrese (1995)* (Calabrese, 2004, p.1).

Seguindo esse encaminhamento, no presente trabalho assume-se a proposta de Calabrese (2004), entendendo-se que a fonologia do espanhol apresenta – em se tratando de vogais médias – apenas vogais médias baixas (ou seja, com o traço [-ATR]) e que, aplicando-se as regras previstas em (27 a) e em (27 b), explicam-se as diferentes manifestações fonéticas das vogais médias na língua, ou seja, vogais médias baixas em sílabas fechadas e vogais médias altas em sílabas abertas.

Restaria, agora, tentar verificar qual teria sido o processo evolutivo seguido pelas vogais do espanhol a partir das dez vogais do latim, (considerada a duração, conforme (21), na primeira linha) ou seja, se teria tomado o caminho seguido pelo Lucaniano do Sul e pelo Sardenho, mostrado em (23), ou o caminho seguido pelo Siciliano e pelo Salentino do Sul, mostrado em (24) ou o caminho seguido pelo Romeno e pelo Lucaniano do Leste, mostrado em (25).

Com relação à presença de vogais médias baixas em sílabas fechadas no espanhol, esse é um fato reconhecido por estudiosos da língua – é importante aqui referir que várias Gramáticas Espanholas, como as de Navarro Tomás (1961), Regueiro (1993), Alcina (1998) e a pesquisa de Martins (1967), que, mesmo entendendo que a vogal média subjacente do espanhol é a vogal média alta, chamam a atenção para o fenômeno de diferença fonética entre a altura das vogais médias, referindo que o fonema /e/ em sílaba fechada é aberto por qualquer consoante, com exceção de [d, m, n, s, z]. Já o fonema /o/, dizem esses estudiosos abre-se em sílaba fechada por qualquer consoante. A particularidade de os sons coronais [d, n, s, z], e o som labial [m] em coda silábica, causarem a realização fonética da vogal média alta coronal [e] merece pesquisa mais cuidadosa, que ultrapassa os objetivos do presente trabalho.

Para o encaminhamento de tal discussão, tomemos os exemplos em (28 a), em (28 b) e em (28 c), mostrados a seguir, nos quais a coluna da esquerda apresenta a forma latina e, a da direita, a forma do espanhol – em (28 a) aparecem formas com / e# / no latim, em (28 b) aparecem formas com / e< / no latim e em (28 c) aparecem formas com / i< / no latim. Os exemplos a seguir foram retirados de (Lloyd, 1993).



(28 a)

se#men	semilla
se#nsu	sentido
ste##lla	estrela
ple#nus	lleno
cre#dere	creer
flo#re	flor
ro#tus	todo
se#mita	senda
de#rectu	derecho
ecl#sia	igreja

(28 b)

le(vis	leve
le(git	lee
te(mpus	tiempo
co(rpus	cuerpo
bo(nu	bueno
scho(la	escuela
fe(rum	fierro
pe(tra	piedra
ve(nit	vienes
so(lu	suelo
fo(rte	fuerte
fe(sta	fiesta
no(ven	nueve
no(va	nueva

(28 c)

ci(bum	sebo
pli(care	plegar
li(go#ne	legón

Pelos exemplos em (28 a), em (28 b) e em (28 c)<sup>11</sup>, o espanhol parece estar mais próximo do caminho seguido pelo Romeno e pelo Lucaniano do Leste, mostrado em (25), uma vez que as vogais médias podem ter sido derivadas tanto das vogais médias latinas longas (ex: flo#re > flor ), como das breves (ex.: le(vis > leve). No entanto, diferentemente do que ocorreu no Romeno e no Lucaniano do Leste, no espanhol a vogal média breve do latim tendeu a dar origem a um ditongo – é isso o que o mostra a maioria dos casos registrados em (28 b) – exs.: te(mpus > tiempo, pe(tra > piedra; co(rpus > cuerpo; bo(nu > bueno. Os dados em (28 c) mostram que / i< / , ou seja, a vogal alta coronal breve do latim deu origem à ocorrência de vogal média no espanhol.

Seguindo um caminho um pouco distinto do proposto por Calabrese (1988), Martinez-Gil (1999, p.2) apresenta uma linha evolutiva, do latim ao espanhol, das vogais em posição de acento primário – esse desenvolvimento é mostrado em (29).

(29)

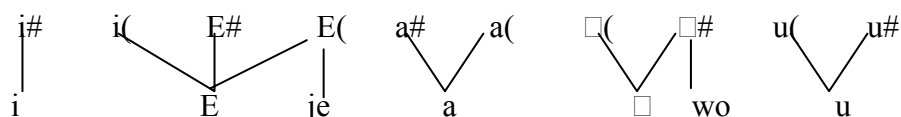
Latim Clássico	i#	i(	e#	E(	a#	a(	o(	□#	u(
u#					↙	↘			
*Proto-Romance	i	I	e	E	a	□	o	Y	u
*Proto-Espanhol	i	↙	↘	E	a	□	↙	↘	u
Espanhol Antigo	i	e	je	a	we	o	u		u

Adotando-se, para o espanhol atual, a proposta que Calabrese (1988) apresenta para o Romeno e no Lucaniano do Leste, levando-se também em consideração a proposta de Martinez-Gil (1999), referida em (29), e, ainda, atendendo-se ao que defende Calabrese

<sup>11</sup> Os casos em (28a), em (28b) e em (28c) são exemplos de um padrão que parece confirmar-se no espanhol – pode haver exceções, as quais podem ser explicadas em um estudo mais aprofundado.

(2004), seria possível pensar-se em um desenvolvimento, para as vogais do latim até o espanhol, conforme o que aparece em (30).

(30)



Tal proposta, apresentada em (30) e aqui defendida, precisaria de estudo mais aprofundado, que está além dos objetivos do presente trabalho.

## 5.2 Resultados relacionados às variáveis lingüísticas

Depois de terem sido apresentadas considerações sobre a formação de sistemas de cinco vogais em línguas românicas e de ter-se defendido que o espanhol apresenta, em sua fonologia, o sistema de cinco vogais, contendo vogais médias baixas - /i, E, a, □, u/ - seguindo-se Calabrese 1988 e 2004, a presente seção apresenta uma discussão sobre os resultados obtidos no *corpus* estudado na presente pesquisa, com referência à tendência ou não de os falantes nativos de PB empregarem vogais médias baixas em palavras do espanhol, discriminando-se alguns contextos lingüísticos. Conforme já foi referido em seções anteriores, entende-se que vogais médias baixas somente são realizadas foneticamente em sílabas fechadas vejam-se regras (27a) e (27b) e, por isso, são menos frequentes no espanhol, já que nessa língua, como no português, predominam as sílabas abertas.

### 5.2.1 Vogal *versus* ditongo

Na Tabela 3, da seção 4.1.1.1, foram apresentados os resultados referentes à variável “Vogal *versus* ditongo”. Tais resultados refletiram que o fator ‘vogal em sílaba sem ditongo’ tem um leve favorecimento (.54) ao emprego de vogais médias baixas, em relação ao contexto ‘vogal com ditongo crescente’.

Interpretados à luz da proposta de Calabrese (2004), os dados da Tabela 3 nada dizem de especial em relação ao funcionamento das vogais médias no sistema vocálico do espanhol em si mesmo, mas podem ser tomados como testemunho da tendência dos falantes nativos de PB de, ao adquirirem o espanhol, empregarem vogal média baixa com mais frequência em sílabas em que a vogal média não vem seguida por glide.

Esses dados podem ser tomados também como indicativos da influência da Língua Materna dos informantes, já que no Português são raros os ditongos crescentes com vogal média baixa; a tendência é a produção de ditongos crescentes com vogais médias altas. Portanto, essa seria uma explicação da razão por que há maior tendência ao uso de vogais médias do espanhol por brasileiros em sílaba sem ditongo.

### 5.2.2 Tipo de coda seguinte à vogal média

Os dados apresentados neste estudo, na seção 4.1.1.3, mostraram que, no que se refere ao “Tipo de coda seguinte à vogal média”, a ‘consoante plosiva’, embora tivesse um número reduzido de dados, pelo seu peso relativo (.75), mostrou favorecimento ao emprego das vogais médias baixas pelos informantes da pesquisa.

De acordo com Câmara Jr. (1985, p.52), no português as consoantes pósvocálicas são: /S/, /N/, /l/, /r/; no entanto existem também palavras como *pacto* e *ritmo*, com consoante plosiva em posição pósvocálica. Esses contextos, porém, no português, favorecem a inserção

de um segmento, ou seja, a epêntese de uma vogal na palavra. Segundo Câmara Jr.(1977), “mesmo na fala mais culta” esse fenômeno ocorre, causando um processo de ressilabação e deslocando a plosiva para a posição de *onset* de sílaba. Se a palavra resultante da epêntese e da ressilabação for proparoxítona, com uma vogal média na sílaba tônica, essa, em português, será sempre uma vogal média baixa, em virtude da regra de Abaixamento Datílico, que, segundo Wetzels (1992), obriga a que no português somente vogais médias baixas ocorram em sílabas tônicas de palavras proparoxítonas (Exs.: esquel[E]tico, diab[ɔ]lico). Parece ter sido exatamente o que ocorreu no presente estudo – em 15 possibilidades de ocorrência da palavra *correctos*, houve 12 realizações da forma *corr[Eki]tos*, com epêntese, tornando a palavra proparoxítona e, portanto, sujeita à regra de Abaixamento Datílico, conforme preconiza Wetzels (op. cit).

Também os fatores ‘líquida não-lateral’ e os ‘glides’ em coda favoreceram o emprego de vogais médias baixas pelos informantes deste estudo e isso poderia ser visto como influência de coda com maior grau de sonoridade, já que, segundo Clements (1990), a sílaba ideal deve mostrar uma queda suave de sonoridade em se referindo à relação entre o segmento do núcleo e o segmento da coda da sílaba – e a líquida não-lateral em coda [r] e os glides têm alto grau de sonoridade, conforme Bonet & Mascaró (1996)(ver escala de sonoridade em (31), a seguir), assim como as vogais médias baixas têm maior grau de sonoridade do que as vogais médias altas (Clements, 1991). Logo, a seqüência ‘vogal média baixa + [r] ou glide’ obtém uma relação ‘núcleo + coda’ melhor, segundo Clements (1990), do que a seqüência ‘vogal média alta + [r] ou glide’.

Explicando-se mais claramente, é importante retomar-se que, em se tratando da estrutura silábica, a escala de sonoridade apresenta um papel importante, pois, de acordo com a sonoridade de um segmento, pode-se reconhecer se ele ocupa a posição de núcleo, *onset* ou coda da sílaba. Sempre o elemento mais sonoro ocupará a posição de núcleo de sílaba e

aqueles com menor grau de sonoridade ocuparão as margens silábicas. Já em seqüências de elementos no *onset* ou coda, estas seqüências terão sempre uma ordem crescente de sonoridade em direção ao núcleo.

A escala de sonoridade proposta por Bonet & Mascaró (1996) dá apoio aos resultados da análise realizada no presente trabalho, pois a vibrante /r/ e glides têm, para os autores, o mesmo grau de sonoridade.

Vê-se em (31) a referida escala de sonoridade:

(31)

0	1	2	3	4	5
plosiva	fricativa/vibrante	nasal lateral	flap/glide	vogais	

Pela escala acima, pode-se constatar que a vibrante /R/ tem o mesmo grau de sonoridade das fricativas e que o /r/ (flap – de acordo com os autores) fica junto com os glides. Essa escala foi proposta pelos autores em uma discussão especificamente sobre línguas românicas.

### 5.2.3 Consoante *onset* da sílaba seguinte

Na seção 4.1.1.4, apresentou-se a Tabela 6, intitulada “Consoante *onset* da sílaba seguinte”. Como se constatou no capítulo 4, as ‘consoantes fricativas’ apresentaram um peso relativo (.54). Esse peso relativo revela o contexto com vogais médias precedidas por fricativas favorece levemente o emprego das vogais médias baixas. As consoantes fricativas têm, quanto ao modo de articulação, o traço [+contínuo], o que evidencia que não há fechamento total na sua constrição primária do trato vocal, de forma a bloquear totalmente a passagem do fluxo do ar (Matzenauer,1996).

De acordo com Coll e Masello (2002), os contextos de menor tensão para as vogais médias baixas do espanhol, ou seja, que propiciem a realização de [E, □], são os das fricativas sonoras e surdas seguidas das oclusivas sonoras, em posição seguinte às vogais médias, o que vem ao encontro dos resultados da presente pesquisa.

#### **5.2.4 Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição na palavra**

Na seção 4.1.1.5, Tabela 7, verificou-se o registro da ocorrência do emprego de vogais médias baixas em palavras do espanhol de acordo com a variável “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição na palavra”. Os dados apresentados nessa tabela apontam que o ‘núcleo de sílaba fechada no final da palavra’ favorece o emprego das vogais médias baixas no espanhol (.70)

Esse resultado está em total concordância com a proposta de Calabrese (2004) – as vogais permanecem com o valor do traço [-ATR] em sílaba fechada (regra (27 a), seção 5.1). A partir desse resultado, propõe-se que ocorre um processo de aquisição de tensão ou de aquisição do valor [+ATR] em sílabas abertas, em espanhol, seguindo-se Calabrese (2004) (regra (27 b), seção 5.1). Os falantes nativos de PB, em fase de aquisição do espanhol como LE, com o resultado registrado nesta seção, estão confirmando tal funcionamento da fonologia do espanhol.

#### **5.2.5 Consoante *onset* da sílaba da vogal média**

Na seção 4.1.1.6, Tabela 8, mostrou-se o registro da ocorrência do emprego de vogais médias baixas, levando-se em consideração a variável “Consoante *onset* da sílaba da vogal média”. Da presente variável, o fator ‘fricativas’, assim como ocorreu com a variável

“Consoante onset da sílaba seguinte”, foi o que mostrou peso relativo mais significativo (.56). Comprova-se, então, que o valor do traço [+contínuo] favorece a permanência do valor do traço [-ATR] nas vogais médias, tanto quando constitui contexto precedente, como contexto seguinte a essa vogal média ( ver seção 5.2.3).

### **5.2.6 Tipo de vogal da sílaba seguinte à vogal média**

Os resultados apresentados nesta pesquisa, na seção 4.1.1.7, revelaram que, quanto à variável “Tipo da vogal da sílaba seguinte à vogal média”, as vogais médias altas [e] e [o], em sílaba-seguinte, são desfavorecedoras ao emprego das vogais médias baixas (.46). Esse resultado pode estar apontando para uma tendência à assimilação do grau de abertura de vogais médias em sílabas que estão em seqüência.

Com a amalgamação realizada com essa variável, seção 4.2, obteve-se um peso relativo de (.54) para a vogal [a], favorecendo levemente o emprego de vogal média baixa. Constata-se, portando, também aí um processo de assimilação, através do qual um segmento sofre alterações em seus valores de traços como forma de assemelhar-se ao segmento vizinho. Dessa forma, a vogal baixa [a], em um contexto seguinte às vogais médias, faz com que se mantenha o traço [+aberto3] das vogais médias baixas, traço esse que as diferencia das vogais médias altas [e] e [o] – ver seção 2.3.1.

### **5.2.7 Classe de palavra**

Os resultados apresentados, na seção 4.2, Tabela 13, referem-se à variável “Classe de palavra”, que foi considerada pelo programa VARBRUL, na rodada de amalgamações, como relevante. Destacou-se o fato de que a classe ‘pronome’, em se comparando com as demais, desfavorece o emprego de vogais médias baixas pelos informantes da pesquisa.



Na variante pronome, os itens lexicais com vogais médias em sílaba fechada apresentaram uma incidência maior do que os que estavam em sílaba aberta – mostraram maior incidência, nos dados desta pesquisa, os pronomes *el* e *estas*. Com isso tem-se posição contrária à proposta de Calabrese (2004), ou seja, sílaba fechada leva a realização de vogal média baixa. Talvez esse fato seja devido à alta frequências dessas palavras na língua e à tendência ao entendimento de que as vogais médias do espanhol se manifestam sempre como médias altas.

### **5.2.8 Cruzamento das variáveis lingüísticas “vogal *versus* ditongo” e “tipo de coda seguinte à vogal média**

Na seção 4.3, Tabela 15, apresentou-se o cruzamento das variáveis lingüísticas “Vogal *versus* ditongo” e “Tipo de coda seguinte à vogal média” e verificou-se que os resultados foram semelhantes ao da terceira variável selecionada “Tipo de coda seguinte à vogal média”. Assim, o contexto ‘vogal sem ditongo’ e ‘plosiva’ mostrou-se favorecedor das vogais médias [E] e [□], embora apresentasse um número reduzido de dados. Nesse conjunto estão também os contextos de ‘vogal sem ditongo’ com ‘líquida não-lateral’ e ‘*glide*’, que demonstraram ser favorecedores das vogais médias baixas, confirmando os resultados referentes à tendência de os alunos brasileiros empregarem vogais médias baixas em sílabas fechadas, fato que já foi comentado neste trabalho.

### **5.3 Resultados relacionados à variável extralingüística relevante na pesquisa**

Na seção 4.1.1.2, Tabela 4, referente ao “Nível de adiantamento”, verificou-se que o ‘nível intermediário’ foi considerado significativo em se tratando do emprego de vogais médias baixas em palavras do espanhol por estudantes brasileiros (.58), enquanto que o nível

inicial se mostrou neutro (.49) e o nível avançado apresentou-se desfavorecedor (.43) ao emprego desse tipo de vogal média.

Os resultados estatísticos dessa tabela confirmaram a posição de Tarone apud Fernández (1983), que defende que a capacidade lingüística do aluno aprendiz de língua estrangeira não é homogênea, sendo composta pelo que a autora chama um *continuum* de estilos. Essa capacidade inclui os estilos cuidado e vernáculo e o *continuum* intermediário de estilos que constituem o sistema da interlíngua. Assim, qualquer sistema lingüístico possui seu estilo cuidado, que pode ser definido, para o contexto do presente estudo, como aquele que o aluno utiliza quando presta a máxima atenção à forma da língua – talvez seja o que esteja ocorrendo no nível avançado do *corpus* desta pesquisa, onde o índice do emprego inadequado de vogais médias baixas em palavras do espanhol foi menor. Já o estilo vernáculo define-se como o que ocorre quando o falante presta menor atenção à forma da língua. De acordo com Labov (1969), no estilo vernáculo, põe-se uma atenção mínima na fala e se revelam os modelos fonológicos e gramaticais mais regulares e sistemáticos – talvez seja o que esteja ocorrendo no nível intermediário do *corpus* desta pesquisa, onde o índice do emprego inadequado de vogais médias baixas em palavras do espanhol foi bem maior do que no nível avançado. Já os outros estilos, segundo o autor, tendem a mostrar maior variabilidade.

Os resultados desta pesquisa demonstraram que o maior grau de emprego inadequado de vogais médias baixas em palavras do espanhol foi o do nível intermediário, cujo nível está entre o estilo vernáculo e estilos intermediários, comprovando, assim, a menor atenção dos aprendizes à forma da língua – parece que no nível intermediário os alunos se mostraram menos preocupados com a forma do que com o conteúdo a ser expresso em espanhol, o que deve ter originado o registro mais freqüente de interferência da Língua Materna.

O índice estatisticamente neutro do emprego inadequado de vogais médias baixas em palavras do espanhol no nível inicial indica que não houve número tão elevado de uso inadequado de vogais médias baixas em palavras do espanhol, o que pode ser atribuído ao maior cuidado com a expressão lingüística, especialmente em uma situação de teste, de alunos iniciantes na LE, o que os levaria a estarem usando também o que Labov (op.cit) consideraria o estilo cuidado. Tal fato também pode ter ocorrido em virtude de alunos iniciantes em uma LE usarem um número mais restrito de palavras e serem cuidadosos em repetir o modelo a que estão expostos, sem deixarem fluir um fluxo lingüístico espontâneo, o qual seja verdadeiramente representativo de seu sistema fonológico.

Assim, a tabela 4 pode levar também a refletir sobre as características dos estágios de aprendizagem da Língua Estrangeira. Nos estágios iniciais de aprendizagem, ocorrem ou as repetições exatas do modelo a que os alunos estão expostos ou, também, registram-se as estratégias de interlíngua em que o aprendiz usa como recurso direto a LM. No estágio intermediário, o aprendiz sente-se mais livre para empregar a LE e procura elaborar hipóteses, a partir do conhecimento que já possui – essas hipóteses funcionam bem, mas ao mesmo tempo produzem as chamadas hipergeneralizações (regularizações de paradigmas, ignorância de exceções, influência da forma menos marcada), além de ainda estar refletida, nesse estágio, a influência da LM. Já no estágio avançado, aumenta a segurança, a experiência com a língua e o seu conhecimento sobre ela. Nessa etapa, o aprendiz já testou várias hipóteses sobre o funcionamento língua-alvo e essas vão aproximando-se das regras da língua, os erros vão desaparecendo, e os que aparecem, esporadicamente, são muitas vezes erros de realização por descuido, cansaço, nervosismo, os quais, por sua vez, são autocorrigíveis (Corder,1981). Além disso, por seu conhecimento mais aprofundado sobre o funcionamento da LE, em uma situação de teste, mesmo que tenha sido o mais natural possível, como foi a situação de coleta do *corpus* da presente pesquisa, os alunos de nível avançado são capazes de estabelecer um

monitoramento maior no uso da língua, empregando o que Labov (op. cit.) chama de estilo cuidado.

Dessa forma, é na etapa intermediária que o aprendiz mais se expõe, se arrisca e, conseqüentemente, comete mais erros<sup>12</sup>, erros que são próprios da interlíngua, porém naturais e necessários, pois permitem verificar suas hipóteses sobre o funcionamento da língua e servem de trampolim para alcançar a língua-meta.

---

<sup>12</sup> Os erros, para Corder (1967), têm um triplo significado. Primeiro, para o professor: se o professor os analisa sistematicamente, estes indicarão onde o estudante chegou em relação ao objetivo proposto e o que precisa para alcançá-lo. Segundo, proporcionam ao pesquisador indicações sobre como se aprende uma língua, estratégias e processos utilizados pelo aprendiz em descobrimento progressivo da língua. E, por último, são indispensáveis para o aprendiz, pois o erro é um procedimento utilizado por aquele que aprende. Cometer erros é, portanto, uma estratégia, empregada tanto pelas crianças na aquisição de sua LM, assim como pelos aprendizes de uma LE.

## 6. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo descrever e analisar o processo de aquisição das vogais médias por falantes brasileiros aprendizes de espanhol como LE.

Ao falante nativo de português que pretende adquirir o espanhol como LE, como no caso dos informantes desta pesquisa, sempre estará implícito, ao menos no início da aquisição, o mito da aparente facilidade, o que dificulta, muitas vezes, o avanço em direção a um padrão aceitável do espanhol e oportuniza a maior influência da LM.

No entanto, o fato de serem línguas próximas, o português e o espanhol, traz de certa forma algumas vantagens. Primeiramente, não são considerados principiantes, como no caso de outras línguas, os falantes de português que adquirem espanhol, mas podem caracterizar-se como falsos principiantes (Ferreira, 2001), pois têm conhecimentos e habilidades que são comuns às duas línguas. Também a possibilidade de compreensão no espanhol permite que o falante de português se sinta mais seguro e avance na sua produção.

Porém é nessa fantasia de semelhança que se encontram algumas contradições: por exemplo, a facilidade de compreensão faz com que o falante não se comunique sem constantes interferências da língua materna. Além disso, a proximidade das línguas leva o falante a perceber mais as semelhanças do que as diferenças, ocorrendo uma mescla, fenômeno lingüístico denominado interlíngua (Selinker, 1972), ou, mais precisamente, “portunhol” (Colin Rodea, 1990), e conseqüentemente uma falsa ilusão de estar falando na língua-alvo. Segundo Lombello (1983), a presença dessas interferências não é identificada pelo falante como pertencentes a um dos sistemas, dificultando o avanço rumo ao padrão desejado.

No que diz respeito à manifestação oral da língua, o falante transfere quase todo o sistema fonético-fonológico de sua língua materna ao da língua estrangeira, sem chegar a

realizar com suficiente adequação os novos sons, como também a entonação, e a empregarem o novo sistema fonológico em sua integralidade

Muitas vezes os “erros” fonológicos são vistos como aceitáveis, uma vez que são os que menos interferem na comunicação<sup>13</sup>, embora sejam os mais difíceis de erradicar, mesmo em situação de imersão (Fernández, 1997). Hatch (1983) também afirma que o campo da fonologia é fonte de erro evidente, devido à influência da língua materna, principalmente em se tratando de aprendizes adultos.

No que diz respeito a línguas próximas, a questão fonológica torna-se muito mais importante, pois é o que claramente demonstrará o domínio ou não da língua. Faz-se necessário, portanto, aprender a “ouvir através do sistema fonológico da LE” e não apenas filtrar o que ouve através do próprio sistema fonético da LM. Visto que cada língua tem seu sistema próprio fonológico, é necessário que o professor conheça a fonologia e fonética das duas línguas, da LM e da LE dos seus alunos, para atuar conscientemente no processo de ensino-aprendizagem da LE, sendo capaz de refletir com seus alunos, no momento adequado, sobre esses sistemas, não somente apontando as diferenças, mas principalmente fazendo com que as assimilem e as entendam a partir de uma atitude pedagógica específica. Acredita-se que, dessa forma, dificuldades fonológicas decorrentes da interfonologia do português e do espanhol sejam superadas.

De acordo com os objetivos traçados para a presente pesquisa, pôde-se constatar que existe transferência das vogais médias do português por falantes brasileiros aprendizes de espanhol em curso de formação de professores de línguas. Isso confirma a opinião de Ellis (1990), que considera que um dos mecanismos mais empregados pelos aprendizes de uma LE é o emprego da LM. Isso ocorre porque, em português, é alta a frequência de ocorrência de vogais médias baixas em sílabas tônicas de palavras da língua, diferentemente do que ocorre

---

<sup>13</sup> Dependendo da divergência lingüística, algumas palavras, independentes do contexto, podem provocar confusões, como no caso de “olla” (panela em espanhol), que um falante de português pode relacionar a olha (verbo olhar em português).

no espanhol, já que nesta língua, segundo Calabrese (2004), além de outros autores referidos na seção 5.1, as vogais médias altas têm realização muito mais frequente, pois aparecem em sílabas abertas, que são as mais recorrentes neste sistema. Essa predominância das vogais médias altas na realização de itens lexicais do espanhol levou, até o momento, a maioria dos estudiosos a defender que, na representação fonológica, as cinco vogais da língua são /i, e, a, o, u/, ou seja, que a língua contém vogais médias altas em sua fonologia.

No entanto, com fundamento em uma Teoria de Marcação Fonológica, Calabrese (1988, 1995) segue caminho diferente da maioria dos pesquisadores e, com base em uma hierarquia de complexidade para o estabelecimento de sistemas vocálicos nas línguas do mundo, propõe que o espanhol apresente, em sua fonologia, as vogais / i, E, a, □, u /, ou seja, que a língua contém vogais médias baixas em sua fonologia.

Com essa visão, o sistema passa a ser menos marcado e se explica por que, em sílabas fechadas, no nível fonético da língua, aparecem as vogais médias baixas [E, □]. Assim, é por uma regra fonológica que, em sílabas abertas, são empregadas as vogais médias altas [e, o]. Pelo fato de as sílabas abertas serem predominantes na língua e pelo fato de que quando são realizadas as vogais baixas [E, □], em sílabas fechadas, essas vogais não têm o mesmo grau de abertura fonética que têm as médias baixas do português ( no espanhol, foneticamente as médias baixas [E, □] têm menor grau de abertura do que no português<sup>14</sup>, o espanhol passou a ser tratado, na literatura, como uma língua cujo sistema contém vogais médias altas e, não, vogais médias baixas.

Com esse encaminhamento, os professores de espanhol como LE para alunos brasileiros tentam fazê-los crer que, no espanhol, não existem as vogais médias [E, □], mas somente as vogais [e, o] como vogais médias. Por outro lado, os aprendizes de espanhol como

---

<sup>14</sup> Esse menor grau de abertura na produção das vogais [E, □] em sílabas fechadas do espanhol, em se comparando com a grande abertura que há na realização dessas vogais em português, faz com que a realização dessas vogais passe despercebida aos falantes de PB – os brasileiros ouvem sempre [e, o] em espanhol.

LE que são falantes nativos de PB, pela alta frequência das vogais médias [E, □] em sua língua, empregam, no espanhol, predominantemente as vogais médias baixas, mesmo em sílabas abertas, mostrando, nesse fato, a influência da sua LM .

Considerando os fatos expostos, com base nos objetivos propostos para a presente pesquisa, propuseram-se algumas perguntas norteadoras, referidas na introdução e retomadas a seguir; também são apresentadas as respostas alcançadas para cada uma:

a) O sistema vocálico do espanhol e do português diferem apenas pela função das vogais médias. A abertura vocálica das vogais médias é um empecilho fonológico/fonético para falantes de português na aquisição do espanhol como LE?

Constatou-se que os alunos falantes nativos de português e aprendizes de espanhol LE usam no espanhol os fonemas que conhecem e que utilizam no português. No português, de acordo com a Teoria de Calabrese, há a oposição de vogais médias entre si, pela presença do traço [ATR], o que não ocorre no sistema vocálico do espanhol, já que, segundo o autor, o traço [ATR] não é necessário para a constituição desse sistema. Portanto, a ausência do traço [ATR] não deveria ocasionar, teoricamente, empecilho fonético-fonológico aos falantes nativos de português aprendizes de espanhol LE embora esteja presente fonologicamente na LM, mas os dados desta pesquisa revelam que implica a existência de uma interfonologia, com o emprego de vogais médias baixas na manifestação fonética no espanhol em contextos em que essas somente ocorrem no sistema do português, em se comparando as duas línguas, ou seja, em sílaba aberta.

b) Quais são os fatores lingüísticos favorecedores da produção das vogais médias baixas do português no processo de aquisição do espanhol como LE?

Através da investigação feita, verificou-se que certas variáveis lingüísticas contribuem para a ocorrência de vogais médias baixas no espanhol, quando do processo de sua aquisição por estudantes brasileiros. Destaca-se primeiramente a tendência ao emprego de vogais



médias baixas, a saber [E] e [□], em sílabas que não são seguidas por glide. Essas vogais aparecem, portanto, em sílabas sem ditongo, como no português; com isso pode-se comprovar a influência da LM sobre a LE.

A presente pesquisa também revelou que a consoante plosiva em coda da vogal média favorece o emprego da vogal média [E], revelando, em relação à palavra corr[Eki]tos, por exemplo, um fenômeno que ocorre no português, que é a epêntese, bem como a regra de Abaixamento Datílico (ver 5.2.2). Fica evidente que o aprendiz, tende a aplicar na LE o que integra a fonologia da sua LM.

Verificou-se que os contextos favorecedores da realização de [E] e [□] são as fricativas quando ocupam contextos precedentes ou seguintes a essas vogais, demonstrando que o valor do traço [+ contínuo], no processo de aquisição do espanhol por alunos brasileiros, relaciona-se com o traço [-ATR].

O resultado encontrado nesta pesquisa quanto à variante lingüística “Posição da vogal com relação ao tipo de sílaba e à posição na palavra” está condizente com a proposta apresentada para o sistema vocálico do espanhol. Através dessa variável mostra-se a tendência à aplicação da regra (27a) [-alto, -baixo] → [-ATR] / \_\_\_\_\_ C, estabelecida por Calabrese (2004), ou seja, do uso de vogais médias baixas em sílabas fechadas no espanhol.

Outra variante que merece ser observada neste trabalho é o tipo de vogal da sílaba seguinte. Constatou-se que as vogais médias [e] e [o] não contribuem para o emprego de vogais médias baixas, porém, ao amalgamar-se com outra variável, verificou-se que a vogal [a] contribui levemente para essa realização. Dessa forma, conclui-se que há tendência a um processo de assimilação, já que os segmentos [e] e [o], que são vogais médias altas, tendem a inibir as médias baixas na sílaba precedente e, ao contrário, presença do segmento [a], que é vogal [+ baixa], tende a favorecer o emprego de vogais médias baixas na sílaba precedente.

Outra amalgamação relevante foi a da classe de palavras, na qual se destacou a variante pronome como desfavorecedora ao emprego das vogais médias baixas. Devido a esse resultado, tendo em vista que o maior número de pronomes era com sílabas fechadas, pode-se concluir a discordância com a proposta de Calabrese (2004), no sentido de que sílaba fechada leva à realização de vogal média baixa em espanhol. No entanto, essa discordância deve ser examinada com cuidado, porque houve o emprego de um número restrito de pronomes. Além disso, como os pronomes são palavras de uso freqüente na língua, podem ter sido adquiridos pelos alunos, como formas congeladas, com tendência à fossilização.

Em relação aos cruzamentos, a presente pesquisa revelou que o contexto “Vogal em sílaba sem ditongo” juntamente com ‘plosiva’ (com número reduzido de dados), com ‘líquida não-lateral’ e com ‘glide’ contribui para o emprego de vogais médias baixas. Com isso comprova-se a regra aqui apresentada por Calabrese (2004): o emprego de vogais médias baixas é intensificado na presença de sílabas fechadas.

Portanto, os resultados mostram diversos grupos de fatores como favorecedores do emprego de vogais médias baixas em espanhol por estudantes brasileiros, confirmando a influência da LM dos alunos, bem como trazendo alguma evidência para a proposta de Calabrese (2004) de que, no espanhol, as vogais médias são foneticamente baixas em sílabas fechadas.

c) O nível de adiantamento no estudo do espanhol por falantes brasileiros é fator relevante para a aquisição do sistema vocálico da LE?

Quanto ao nível de adiantamento no estudo do espanhol por falantes nativos do português, concluiu-se que o nível em que mais houve a aplicação das vogais médias baixas foi o nível intermediário, mostrando que há uma relação direta com o tempo de contato com a LE e que os estudantes partem do sistema fonológico organizado em sua mente e essa estrutura influi em todo o processo de aprendizagem da LE. Também os dados da pesquisa

mostararm que o emprego do “vernáculo”, ou seja, do uso menos cuidado da língua evidencia com maior clareza o sistema fonológico internalizado de LE.

d) Como é explicado o processo de aquisição do sistema vocálico do espanhol por falantes nativos de português, de acordo com a Hierarquia de complexidade de segmentos, proposta por Calabrese (1988, 1995)?

A partir da hierarquia proposta por Calabrese para os sistemas vocálicos das línguas do mundo, (ver (16)), a desativação de A1 indica o sistema vocálico do espanhol e a desativação de A1 e de A2 permite a obtenção do sistema vocálico do português. Com base em um estudo diacrônico das vogais latinas, na proposta de Calabrese (1988, 1995) chegou-se à conclusão de que o sistema vocálico do espanhol apresenta vogais médias baixas ao invés de médias altas, como as gramáticas preconizam, ou seja, o sistema fonológico da língua é constituído por /i, E, a, □, u/ e não /i, e, a, o, u/.

Apoiado nessa fundamentação, o sistema vocálico do espanhol é composto por vogais médias baixas e o do português é formado por vogais médias altas e médias baixas, o que está em total acordo com a hierarquia de Calabrese (1995). Durante o processo de aquisição do sistema vocálico fonético-fonológico do espanhol, os alunos brasileiros como têm o funcionamento do traço [ATR] desativado em sua LM, tendem a aplicá-lo em contextos em que no espanhol não é permitido, pois, diferentemente do português, o espanhol desativa apenas a condição de marcação [-baixo, -alto], que não contrasta vogais médias. Com isso os aprendizes, influenciados pela sua língua materna, utilizam inconscientemente as vogais médias baixas em contextos inadequados em relação ao que é permitido pelo sistema vocálico do espanhol. Para o sistema vocálico do espanhol, de acordo com Calabrese (2004), as vogais médias baixas se manifestam foneticamente de acordo com a regra (27a) [-alto, -baixo] → [-ATR] / \_\_\_\_\_ C, e as médias altas, de acordo com a regra mostrada em (27b) [-alto, -baixo] → [+ATR].

A realização desta pesquisa ressalta também a necessidade de o professor de língua estrangeira, principalmente o de línguas próximas, ter clareza de que uma das maiores fontes de interferências na aprendizagem é constituída pela língua materna do aluno, o qual procurará inconscientemente aplicar os padrões articulatórios e fonológicos, além das estruturas morfossintáticas de sua língua, àquela que está aprendendo. Trata-se, como é natural, de transferência de um sistema para outro sistema lingüístico. Essa transferência, de acordo com Fernández (1997), tem um papel importante na aquisição da língua estrangeira, seja como conhecimento pré-existente usado na comunicação, como fonte estratégica, integrada aos processos de construção criativa da língua, como mediadora entre a língua estrangeira e a Gramática Universal, como integrante do marco dos universais lingüísticos ou, ainda, como interferência negativa que retarda ou fossiliza a aprendizagem. Aqui está o cuidado que o professor deve ter quando se trata de línguas próximas, pois a semelhança faz com que se produzam formas “aportuguesadas” ou “espanholizadas”, visto que, quanto aos padrões fonético-fonológicos, o aprendiz percebe o fenômeno lingüístico novo através da “paisagem sonora” de sua própria língua, conforme afirma (Masello e Coll, 2002).

Diante dessa realidade, é importante que o professor use uma correção sistemática, utilizando atividades comunicativas, em alguns casos até mesmo exercícios estruturais. Outro aspecto a destacar é que utilize sempre exemplos contextualizados foneticamente, como pares mínimos por exemplo, [pelota] e [pel□ta], em vez de apenas [o] [□] como segmentos isolados. O professor, no intuito de uma correta produção fonética, poderá lançar mão de conhecimentos fonéticos, explicando como se posicionam os órgãos articulatórios para obter-se um determinado som; também é importante utilizar o alfabeto fonético por meio de transcrições, para que o aluno desenvolva percepção da LE cada vez mais acurada. Outra possibilidade é utilizar o laboratório de línguas, onde o aprendiz utiliza exercícios previamente gravados, podendo desenvolver a oralidade por meio de imitação e autocorreção,

de acordo com seu próprio ritmo. A fonética combinatória também é uma proposta bastante relevante, já que parte da base de que a natureza acústica do som pode modificar-se por seu contexto fonético-fonológico. De acordo com a presente pesquisa, o aluno que estuda espanhol como LE deve perceber a diferença do traço [ATR] no diferente emprego das vogais médias em sílabas abertas e em sílabas fechadas.

Os resultados desta pesquisa trazem contribuição para a área de lingüística aplicada aos estudos fonológicos, em especial às dificuldades encontradas no processo de aquisição do sistema vocálico do espanhol por falantes nativos do português, destacando a especificidade de cada língua, bem como a interfonologia que sua proximidade pode desencadear no estudo do espanhol como LE por estudantes falantes nativos de português.

Ao finalizar-se o presente trabalho, tem-se a convicção de que os estudos acerca do funcionamento fonológico e da realização fonética das vogais médias do espanhol merecem ser intensificados, a fim de se aprofundarem questões apenas referidas nesta investigação e a fim de se alcançarem maiores subsídios para um processo mais eficaz de aquisição do espanhol como LE por estudantes brasileiros.

## BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTERA, Cíntia. *O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português*. Pelotas: UCPel, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1998.

ALCINA, Juan & BLECUA, José M. *Gramática Española*. 10 ed. Barcelona: Editorial Ariel S.M., 1998.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. (org.). *Parâmetros atuais para o ensino de Português Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. (org.). *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

AMARAL, L. I. C. *O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. Pelotas: UCPel, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Católica de Pelotas, 1996.

ANDERSEN, Henning. Diphthongization. *Language*, 48, 1972.

BARALO, Marta. *La adquisición del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco/Libros, 1999.

BATTISTI, Elisa. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos – uma abordagem baseada em restrições*. Porto Alegre: PUC, 1997. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

BISOL, Leda. *Hamonização Vocálica*. Rio de Janeiro:URFJ, 1981. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de estudos Lingüísticos*. n.22, p. 69-90, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_ & BRESCANCINI Cláudia (org.). *Fonologia e variação*. Recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BOHN, Hilario & VANDERSEN, Paulino. *Tópicos de Lingüística Aplicada*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

BONET, E., MASCARÓ, J. *On the representation of contrasting rethorics*. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996 (ms).

BONILHA, Giovana F. A. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da otimidade*. Pelotas: UCPel, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Católica de Pelotas, 2000.

- BORBA, Francisco. Esboço de Fonologia Diacrônica. *ALFA* n.18/19, p.245-257, 1973.
- CAGLIARI, L. & MASSINI-CAGLIARI, G. *Quantidade e Duração Silábicas em Português do Brasil*. DELTA. v. 14, EDUC, 1998.
- CALABRESE, Andrea. A Constrain-Based Theory of Phonological Markedness and Simplification Procedures. *Linguistic Inquiry*. The Massachussts Institute of Technology, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Towards a theory of phofonological alphabets*. The Massachussts Institute of Technology, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Spanish Vowels*. calabrese@uconnvm.uconn.edu. Comunicação pessoal. Mensagem recebida por <mbazzan@urisan.tche.br> em 02 maio 2004.
- CALLOU, D., LEITE, Y. *Iniciação à fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1977.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Haper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. *Phonology year-book*. London, n.2, 1985.
- \_\_\_\_\_. The role of the sonority cycke in core syllabification. In: KINGSTON, J., BECKMAN, M. (orgs.) *Papers Laboratory Phonology 1*. Cambridge: CUP, 1990.
- \_\_\_\_\_. Place of articulation in consonants and vowels : a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n.5, 1991.
- \_\_\_\_\_ & HUME, Elizabeth. The Internal Organization of Speech Sounds. In: Goldsmith, J.A.(ed) *The handbook of phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- COLIN, Rodea, M. *Você não é brasileiro? Um estudo dos planos pragmáticos na relação Português/Espanhol*. Campinas: UNICAMP, 1990. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICAMP, 1990.
- CORDER, S. P. The signifiacnce of learners' errors. *Internnational Review of Applied Linguistcs*, n.5, 1967.
- CORDER, S. P. *Error Analysis and Interlanguage*. Oxford: University Press, 1978.
- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. *Análisis de errores e interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. Londrina: Ed.UEL, 1999.
- ELIZAINCIN, Adolfo. *Dialectos em contacto*. Montevideo: Arca, 1992.

ELLIS, R. *Understanding second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. *Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira*. Pelotas: UCPel, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Católica de Pelotas, 1997.

FERNANDES, Paulo Roberto Couto. A epêntese nas formas oral e escrita na interfonologia Português-Inglês. In *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: Aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas: Educat, 2001. 235-259.

FERNANDÉZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa Grupo Didascalía, 1997.

FERREIRA, Itacira A. A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos P.de (org.). *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas, SP: Pontes, 2001

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. San Pablo: Hedra, 2001.

FROMKIN, V. & RODMAN, R. *Introdução à lingüística*. Coimbra: Almedina, 1993.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD), Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

HATCH, E. *Psycholinguistics: a Second Language Perspective*. Rowley, Mass: Newbury House, 1983.

HENSEY, F. G. *The sociolinguistics of Brazilian –Uruguayan border*. Paris: Mouton, 1972.

HERNADOREÑA, Carmen Lucia Matzenauer. Relações implicacionais na aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.31, n.2, p. 67-76, 1996.

\_\_\_\_\_. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

\_\_\_\_\_. *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: Aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas: Educat, 2001.

JAKOBSON, Roman. *Child language, Aphasia na Phonological Universals*. The Hague: Mouton, 1968.

JONES, W. E. & Laver J. (orgs) *Phonetics in Linguistics*. Londres: Longman, 1973.

KRASHEN, S. *The Input Hypothesis: Issues and Implications*. London: Logman, 1985.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Oxford: Blackwell Publishers, v.1, 1994.



\_\_\_\_\_. The logic of non-Standard English. In: FERNANDÉZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa Grupo Didascalía, 1997.

LADEFOGED, P. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackweel Publishers, 1996.

LAMPRECHT, Regina Ritter & et al. *Aquisição fonológica do Português. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artimed, 2004.

LENNEBERG, W. P. *Biological Foundations of Language*. Nova York: Wiley, 1967.

LOMBELLO, L. C. Articuladores e Elementos de relação na Aquisição de Português por um falante de espanhol. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, n.2, Campinas: UNICAMP, 1983.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Fonología Española*. 8 ed, Madrid: Editorial Gredos, 1991.

\_\_\_\_\_. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Editorial Espasa Caple, 2000.

LLOYD, Paul M. *Del Latín al Español*. Madrid : Editorial Gregos, 1993.

MADDIESON, I. *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MARTINS, Manoel Dias. *Os sistemas vocálicos do espanhol e do português (Estudo comparativo)*. São Paulo: USP, 1967. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1967.

MASELLO, Laura, COLL, Magdalena et al. *Español como Lengua extranjera. Aspectos descriptivos y metodológicos*. Montevideo: Departamento de Publicaciones, 2002.

MASIP, Vicente Viciano. *Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola*. São Paulo: EPU, 2003.

MARTINEZ-GIL, Fernando. *Metaphony in proto-Spanish and Lena Leonese: a constraint – based account*. The Z. Ohio State: University . The Z. Ohio State, 1999.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A metafonía nominal: (português do Brasil). In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.1, n.127, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis R.J.: Vozes, 2000.

MOTA, H. B. *Aquisição segmental do português. Um modelo implicacional de complexidade de traços*. Porto Alegre:PUC, 1996. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

NAVARRO, Tomás. *Manual de pronunciación española*. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961.

PEREIRA, Maria Ceres. *Um estudo lingüístico da interferência lexical e fonológica na fala dos guias. Turísticos em Foz do Iguaçu*. Porto Alegre: PUC, 1994. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

PIAGET, J. *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril, 1979.

- QUILIS, Antonio. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco/Libros, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid: Editorial Gredos, 1999.
- RANGEL, G. A. Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de três crianças de 1;6 a 3;0. In: HERNADORENA, C. L. M. (org.) *Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: Aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas: Educat, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Aquisição do sistema vocálico do Português Brasileiro*. Porto Alegre: PUC, 2002. Tese (Doutorado em Letras), Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.
- REGUEIRO, Miguél Àngel Valmaseda Regueiro. *Orientaciones para la enseñanza de la pronunciación en la clase de español como lengua extranjera*. Consejería de educación de la Embajada de España en Brasil. Uruguay: Oltaver S.A. Buenos Libros Activos, 1993.
- RICHMAN, S. H. A comparative study of spanish and portuguese. In: COLIN, Rodea, M. *Você não é brasileiro? Um estudo dos planos pragmáticos na relação Português/Espanhol*. Campinas: UNICAMP, 1990. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICAMP, 1990.
- RIOJA, José Antonio Pérez. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid. Editorial Tecos, 1966.
- RIVERS, W. *Psicología e ensino de línguas*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SÁNCHEZ, Aquilino & RAMÓN, Sarmiento. *Gramática Básica del español. Norma y uso*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1989.
- \_\_\_\_\_. & MATILLA, J. A. *Manual práctico de corrección fonética del español. 7ed.* Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1998.
- SCHERRE, Marta. *Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Porto Alegre: PUC, 1995. Tese (Doutorado em Letras), Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.
- SECO, Manuel. *Gramática Esencial de la lengua Española*. Madrid: Editorial Espasa. Calpe, 1998.
- SEGUY, Jean. À propos de la diphtongaison de ‘e’ et ‘o’ ouverts. In: LLOYD, Paul M. *Del Latín al Español*. Madrid: Editorial Gregos, 1993.
- SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL*, x 3, 1972.
- SKINNER, B. F. Verbal Behavior. In: LYONS, John. *Linguagem e Lingüística uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1957.
- SPORE, Palle. La diphtongaison romane. In: LLOYD, Paul M. *Del Latín al Español*. Madrid: Editorial Gregos, 1993.

STRAKA, Georgs. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français pélitéraires. In: LLOYD, Paul M. *Del Latín al Español*. Madrid: Editorial Gregos, 1993.

\_\_\_\_\_ Durée et timbre vocaliques. Observations de phonétique générale appliquées à la phonétique historique des langues romanes. In: LLOYD, Paul M. *Del Latín al Español*. Madrid: Editorial Gregos, 1993.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

TARONE, E. Interlanguage and camaleon. In: FERNANDEZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa Grupo Didascalia, 1997.

TORREGO, Leonardo Gómez. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Ediciones S.M., 2002.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Aspectos do sistema vocálico do português*. Porto Alegre: PUC, 1997. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

VYGOTSKY, L. *Thought na language*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

WEINREICH, U. *Languages in Contact*. Nova York: Linguistic Circle & The Hague: Mouton. Wescott, R. W. (org.), 1963.

WELZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n.23, p.19-55, 1992.

WHITE, L. *Universal Grammar and Second Language Acquisition*. Amsterdam: Benjamins, 1989.

## ANEXO 1

### Leitura de frases

Los ingresos para el cine. Ya los tengo.  
Su proceso de aprendizaje mejora cada día más.  
Los coches andan más rápidos que una bicicleta.  
Ellas invitaron a unas colegas para la fiesta.  
La floresta Amazónica es una maravilla.  
Quisiera que Gabriela sólo tuviese ojos para ti, ¿no?  
Necesitamos de los aportes de tele.  
Vamos al colegio por la tarde para practicar deportes.  
El agua contaminada puede hacer difundirse el cólera.  
Será mejor que me quede en su casa por unos días.  
Quería comprar un coche nuevo, pero ahora no puedo.  
Julia, pobre mujer, no sabe lo que habla.  
Jorge, los cipreses de tu casa son muy bellos.  
Alborota más que todos.  
Este árbol no florece más.  
Yo tengo pena de los mentirosos.  
Eres un hombre muy serio.  
Sólido es un estado físico.  
Juan es débil, alegre y muy moderno.  
Me gusta más la gaseosa que la cerveza.  
Voy al dentista, pues estoy con dolor en las muelas.  
Nuestra lengua materna no es el español.  
Su cartel del alfabeto está muy bonito.  
Mi reloj está encima del cuaderno.  
Las rosas junto con los céspedes se quedan mejores.  
Este director vive en Costa Rica.  
Fuimos a Europa en el invierno.  
El imperio romano duró muchos siglos.  
Los días que más me gustan son miércoles, jueves, viernes.  
Mi teléfono está en mi tarjeta.  
Al oeste hay una bonita selva.  
Me gustaría conocer tus enfoques metodológicos.  
Encontramos aquí un completo léxico que va a encantar los jóvenes.  
Pedagógicamente esto es estupendo.  
Mi nuevo amigo vive en Suecia y escribe novelas.  
Laura García Solé es una cantante sueca.  
Hoy, como ya saben, vivo en México.  
En Buenos Aires hay subterráneos que transportan millón de personas.  
Cerca del colegio hay un quiosco.  
A todos les gustan mis caramelos.  
José, su pasaporte por favor.  
La lluvia ya empieza a ser molesta.  
No me gusta mucho patinar, me apetece más jugar fútbol.  
Hace sol y esto es muy bueno.  
Aquí llueve y nieva mucho.

En el norte de Venezuela habrá sol.  
Los datos del carnet son correctos.  
Me gustan los objetos viejos.  
Voy al cine ver la película del Óscar.  
El periódico indica el tiempo atmosférico.  
Las materias que están hechas las cosas varían mucho.  
Algunas tiendas se especializan en la venta de un sólo tipo de artículos, como vestidos para jóvenes, joyas, telas.  
En mi casa tengo muchas revistas y periódicos.  
A nosotros no nos gusta té.  
Él despierta en la hora que debe.  
¿Cuál prefieres, ésta o aquella ?  
A mi me gusta mucho pastel.  
Sobre pretérito yo no sé casi nada, pero sé sobre términos relacionados con hechos habituales.  
Cristóbal Colón fue quien descubrió la América.  
Jocelia la miraba con odio.  
A él el estudio no les importa.  
La puntualidad es menos flexible en el área de los negocios y del trabajo.  
Las mujeres españolas se suelen a cenar entre 9 y 10 de la noche.  
¿Prefiere una tónica o una bebida sin alcohol ?  
El animal doméstico que más me gusta es el gato.  
A pocos metros de mi casa hay una empresa de disquete.  
Logró el suceso desde muy joven.  
En las próximas vacaciones yo y mi hermana viajaremos a la playa.  
Di el número de mi teléfono a Marisol.  
No creo que es verdad lo que dice el horóscopo.  
Las islas representan un laboratorio viviente.  
Podemos “ahorrar” árboles, reciclando papel usado.  
Cobre, oro, plata son productos minerales.  
En Sudamérica encontramos mucha riqueza.  
El dólar está muy alto.  
Es una historia interesante sobre personas famosas.  
El inodoro debe siempre estar muy limpio.  
Pérez y yo participamos del congreso.  
La época de la muestra fue grandiosa.  
El médico la examinó con atención.  
Todos se preocupan con la estética.  
Mi mascota es una perrita.  
Trajo una pelota para ti.  
Mi cumpleaños será día nueve en el colegio.  
Mi dormitorio es a la derecha del baño.  
A mi yerno no le gusta la yerba brasileña.  
Gabriela está en la puerta.  
El techo es blanco.  
Este suelo es fértil.  
Estas platas son valiosas.  
Fue el décimo en la carrera.  
El ciego se quedó sentado.  
El cielo está con muchas nubes.  
Mi nuevo amigo es débil como nadie.

Cogemos el papel de regalo que necesitábamos.  
Nunca vi nieve, ¿y tú ya la viste?  
El próximo a ser entrevistado será Nardel.  
Hacía ya una década que no lo vía.  
La réplica del picaporte está aquí.  
Las mejores obras están en la biblioteca.  
La década fue muy próspera.  
Aquí hay diversas esculturas religiosas.  
Bebe mucha coca cola.  
Llevamos la vela al profeta.  
Vimos el patriota llegando con su jefe.  
Sus orejas son enormes.  
Yegua y foca son animales muy distintos.  
El mozo hizo ñoqui sabroso.  
Nos gusta más muñeca que pelota.  
No creo que mi marido sea fiel.  
Mi falda de tela está sucia.  
En su diploma estaba el matasello de la escuela.  
Delante de la tropa estaba el sargento.  
La escolta del cuartel ya regresaba.  
Su voz ya hace parte del folklore.  
¿No quieres bailar conmigo?  
Está psicológicamente comprobado que a través de la risa el alumno memoriza y aprende más.  
Vuela alto pues puede como nadie más.  
Según mi criterio voy a ver los cuadernos.  
Su hotel logró éxito por los católicos.  
Tengo buena relación con personas de escorpio y capricornio.  
Vivo con mi hermano mayor, Alberto.  
¿En cuál comercio encuentro fósforos?  
Mabel Ortega hizo dieta.  
Las gaviotas revoloteaban en una atmósfera más pura.